

CÉLIA REGINA NORATO

**A FRENTE NEGRA BRASILEIRA E A RELAÇÃO COM O INTEGRALISMO A
PARTIR DO JORNAL A VOZ DA RAÇA:
uma proposta de sequência didática**

Marília

2025

CÉLIA REGINA NORATO

**A FRENTE NEGRA BRASILEIRA E A RELAÇÃO COM O INTEGRALISMO A
PARTIR DO JORNAL A VOZ DA RAÇA:
uma proposta de sequência didática**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Rede Nacional de
Ensino de Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo
Teixeira

Marília

2025

N822f Norato, Célia Regina
A Frente Negra Brasileira e a relação com o integralismo a partir do
jornal A Voz da Raça : uma proposta de sequência didática / Célia
Regina Norato. -- Marília, 2025
113 p. : il.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Paulo Eduardo Teixeira

1. Imprensa negra. 2. Racismo. 3. Escolas públicas. 4.
Discriminação racial. I. Título.

CÉLIA REGINA NORATO

**A FRENTE NEGRA BRASILEIRA E A RELAÇÃO COM O INTEGRALISMO A
PARTIR DO JORNAL A VOZ DA RAÇA:
uma proposta de sequência didática**

**Dissertação para a obtenção do título de Mestre em Sociologia da
Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista –
UNESP – Campus de Marília.**

Área de Concentração: Ensino de Sociologia

BANCA EXAMINADORA

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”**

**2º Examinador: Prof. Dr. Angélica Lovatto Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”**

**3º Examinador: Prof. Dr. Lourenço da Conceição Cardoso Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab**

**Suplente: Prof.^a Dr. Sueli Guadalupe de Lima Mendonça Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**

**Suplente: Prof. Dr. Camila Rodrigues da Silva Secretária Estadual de
Educação - SP**

Marília, 10 de março de 2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a minha ancestralidade; feminina e masculina, aos meus orixás, Oxum e Oxóssi que me sustentam nessa passagem terrena e à minha mãe, Sebastiana, que até hoje tem me dado o respaldo emocional e espiritual para a luta diária.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Exu, orixá da comunicação e que proporciona movimento a vida, sou grata as entidades brasileiras, catiços, que me ajudam e interveem sempre que preciso. Não posso deixar de agradecer a Ogum, orixá do metal da forja e do progresso, agradeço por ter dado boa estrada para me deslocar até Marília toda semana, mais de oitocentos kms rodados para assistir as aulas.

À ancestralidade africana que foram implantados a cultura brasileira e aqui sustentam aqueles que se dispõem a cultuá-los. Quando eu pensei que não seria possível cursar o mestrado meus guias e orixás me surpreenderam com a aprovação no PROFSOCIO. A eles sou eternamente grata e os louvarei sempre. Yeye Ó, Oke arô!

À minha mãe Sebastiana pelo apoio espiritual nos momentos de angústia e ansiedade, mulher forte que sempre apoiou as decisões dos filhos, mesmo diante das adversidades.

Ao meu sacerdote, Nivaldo de Logunedé, escolhido por Oxóssi para me orientar espiritualmente nessa passagem terrena. Tenho muito orgulho de pertencer a família de caçadores.

A Ana Cláudia de Paulo, pessoa especial que compartilhou comigo a primeira visita a Unesp em Marília esteve sempre ao meu lado em momentos difíceis.

Aos professores da UNESP, do PROFSOCIO pelas aulas, discussões e debates sobre a escola nos tempos atuais. Ao meu orientador Paulo Eduardo Teixeira, agradeço a paciência e as contribuições valiosas para o desenvolvimento dessa dissertação.

À banca de qualificação pelas sugestões de melhoria, especialmente, ao Lourenço Cardoso pela leitura atenta e minuciosa, amigo de longa data da PUC-SP, intelectual em quem me inspiro.

À CAPES pelo auxílio financeiro sem o qual seria impossível sair de Itapevi e ir até Marília. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O racismo ainda se faz presente na escola, mesmo que de forma velada, visto como uma prática não recomendável e que não colabora com a consolidação da cidadania. No século XXI, ainda é possível ver práticas racistas que não respeitam o valor e a grandeza da negritude e que muito menos reconhecem a diversidade social. O objetivo geral do estudo consiste em trabalhar a temática do racismo, a partir da realização de uma sequência didática sobre a imprensa negra paulistana da década dos anos 1930. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa é do tipo bibliográfica, explicativa, exploratória e mista, pois envolve aspectos da pesquisa qualitativa, com foco na pesquisa ação, pois foi construído um plano de aula sobre a FNB, envolvendo as disciplinas de Sociologia e História de acordo com as habilidades propostas no currículo da Educação Básica do Ensino Médio do estado de São Paulo. Além disso, o estudo é focado na realidade social da cidade de São Paulo na década de 1930, com ênfase especial para o jornal negro *A Voz da Raça*. A população participante foi de alunos do segundo ano de uma escola de ensino médio situada em São Paulo. Com o desenvolvimento desta atividade, busca-se trabalhar junto aos estudantes a temática do racismo, por meio de um olhar sobre o passado, com vistas a compreender esta problemática social que ainda persiste na sociedade contemporânea. Como resultado, o estudo pleiteia propor uma reflexão aos alunos participantes da atividade proposta sobre o racismo na escola, não somente para contribuir para a formação destes alunos, mas também para a valorização da cultura da negritude, a qual por vezes é pouco reconhecida no contexto social nacional.

Palavras-chave: Imprensa Negra. Racismo. Preconceito Racial. Escola Pública. Discriminação.

ABSTRACT

Racism is still present in schools, even if in a veiled form, seen as an undesirable practice that does not contribute to the consolidation of citizenship. In the 21st century, it is still possible to see racist practices that do not respect the value and greatness of blackness and that do not even recognize social diversity. The general objective of the study is to address the issue of racism, based on the creation of a didactic sequence on the black press in São Paulo in the 1930s. Regarding the methodological procedures, the research is bibliographic, explanatory, exploratory and mixed, as it involves aspects of qualitative research, with a focus on action research, as a lesson plan was created on the FNB, involving the subjects of Sociology and History in accordance with the skills proposed in the curriculum of Basic Education of High School in the state of São Paulo. In addition, the study focuses on the social reality of the city of São Paulo in the 1930s, with special emphasis on the black newspaper *A Voz da Raça*. The participating population was made up of second-year students from a high school located in São Paulo. The development of this activity seeks to work with students on the theme of racism, through a look at the past, with a view to understanding this social problem that still persists in contemporary society. As a result, the study seeks to propose a reflection to the students participating in the proposed activity on racism in school, not only to contribute to the education of these students, but also to the appreciation of the culture of blackness, which is sometimes little recognized in the national social context.

Keywords: Black Press. Racism. Racial Prejudice. Public School. Discrimination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jornal negro <i>Getulino</i> – edição 12, página 1 de 1923.....	32
Figura 2: Jornal <i>O Clarim d’Alvorada</i> (1924).....	33
Figura 3: Segundo exemplar do Jornal <i>A Voz da Raça</i> de 1933.....	34
Figura 4: Jornal <i>A Voz da Raça</i> – segundo exemplar, terceira página, 18 de março de 1933.....	35
Figura 5: Jornal <i>A Voz da Raça</i> –trecho 3, 25 de março de 1933.....	35
Figura 6: Segundo exemplar 25 de março 1933 p.4.....	36
Figura 7: Capa do jornal <i>O Homem de Côr</i>	43
Figura 8: Meus <i>irmãos</i> negros! <i>A Voz da Raça</i>	59
Figura 9: <i>A Voz da Raça</i> , 29 de maio de 1933.....	61
Figura 10: <i>A Voz da Raça</i> – edição de 26 de maio de 1934.....	63
Figura 11: <i>A Voz da Raça</i> – segundo exemplar do primeiro ano de circulação.....	64
Figura 12: Jornal <i>A Voz da Raça</i>	74
Figura 13: <i>O Clarim d’Alvoraada</i>	75
Figura 14: <i>O Bandeirante</i>	75
Figura 15: <i>O Melenick</i>	75
Figura 16: <i>A Voz da Raça</i> – subtítulo “O preconceito de côr, no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir”	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de jornais da imprensa negra de São Paulo (1903 – 1928).....	30
Quadro 2: Matriz de Referência.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Problema de Pesquisa	15
Objetivos (geral e específicos).....	16
Justificativa	16
2 Metodologia de pesquisa.....	17
Capítulo I - Aporte teórico para se entender a negritude e a formação da Frente Negra Brasileira.....	19
1.1 Surgimento do conceito de Negritude	19
1.2 O conceito de negritude no Brasil	22
1.3 O Discurso da negritude em paralelo ao da Frente Negra Brasileira	26
1.4 A formação da Frente Negra Brasileira - FNB e a imprensa negra paulistana.	27
Capítulo 2 - Imprensa Negra Paulistana (Período Pós-Abolição até 1937)	42
2.1 As Teorias Eugenistas no Brasil.....	45
2.2 A Frente Negra Brasileira e a relação com o movimento integralista.....	51
2.3 O integralismo nas páginas do jornal <i>A Voz da Raça</i>.....	58
Capítulo 3 - Sequência didática com a temática A Imprensa Negra Brasileira e o Jornal <i>A Voz da Raça</i>	69
3.1 Contexto da sequência didática.....	69
3.2 Objetivos	70
3.3 Listagem de Conteúdos.....	70
3.4 Vivência Cotidiana.....	70
3.5 Problematização.....	71
3.6 Dimensões do Conteúdo	71
3.7 Instrumentalização	71
3.8 Recursos Humanos e Materiais.....	71
3.9 Imagens da Imprensa Negra	74
3.10 Sinopse do Podcast.....	75
3.11 Matriz de Habilidades Essenciais	79
3.12 Sequência Didática: A Imprensa Negra e o Jornal <i>A Voz da Raça</i>	80
3.13 Plano de Aula	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
---	-----------

ANEXO 1 – Entrevista com Márcio Barbosa, autor do livro “Frente Negra Brasileira: depoimentos, entrevistas e textos” (1998).	98
---	-----------

INTRODUÇÃO

[...] Histórias registros e escritos não é conto nem fábula lenda ou mito, não foi sempre dito que preto não tem vez? Olha o castelo e não foi você quem fez [...].

(Racionais MC's)

A proposta desse trabalho levou-me a refletir sobre minha trajetória de vida, como mulher negra, e estudante. Durante a escrita, refletindo sobre o meu objeto de pesquisa, refazendo a trilha de um percurso interno, cheguei a algumas pistas do que me levava a refletir sobre a Frente Negra Brasileira (FNB)¹. Percebi que nuances de minha preocupação já se gestava no interior de minha família, com a experiência dos meus irmãos mais velhos que depois de uma rotina de trabalho de oito horas diárias se deslocavam de condução, para a universidade particular.

Acredito que essa experiência familiar me levou a ter uma história e rotina parecida, assim como me estimulou a participar de movimentos reivindicatórios, primeiro, como estudante secundarista no grêmio estudantil e depois como participante de cursinho popular Educafro², em segundo, por cursar Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC- SP.

A época do cursinho, ouvíamos sempre que nós, negros estudantes, tínhamos que ir para a universidade. A chamada do jovem negro brasileiro a escola, para a educação era prioridade e meta a ser alcançada. Posteriormente, no curso de Ciências Sociais cheguei à conclusão que essa preocupação da Educafro, representada na figura do Frei Davi, era também uma preocupação dos negros letrados da década de trinta que redigiam os jornais da chamada imprensa negra e dos movimentos negros que viriam após. As reuniões de cidadania³ que acontecia na sede da Educafro era pauta e chamado aos jovens estudantes para um despertar da consciência racial a partir da educação. O apelo era para que nós jovens estivéssemos nas universidades.

¹ Desse ponto em diante vou me referir à Frente Negra Brasileira por meio de sua sigla (FNB).

² Educação e cidadania de afrodescendentes e carentes. Funciona como rede de pré-vestibulares comunitários, com bolsas de estudo em graduação e pós-graduação de várias regiões do Brasil.

³ Alunos matriculados em algum núcleo de estudo da Educafro, são obrigados a frequentar reuniões de Cidadania.

O curso de Ciências Sociais me conduziu ao Núcleo de Estudos Memória, Imaginário e Identidade vinculado à Pós-graduação em Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em que as reflexões presentes que mais inquietavam, principalmente as aulas de ciência política era entender o motivo das políticas públicas não atingirem a população negra brasileira, a ponto de o movimento social negro, como a Educafro, discutir políticas de cotas nas universidades. Por que as políticas macrossociais ou universalistas não deram conta de promover a autoproclamada “democracia racial brasileira?”. Haveria na formação do Estado Nação Brasileiro algo que impedisse aos negros participarem plena e efetivamente das políticas públicas? Estaria na formação desse Estado Brasileiro a negação da identidade negra?

Com o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, defrontei-me com a Frente Negra Brasileira (FNB), que discutia, já no início do século XX, todas as questões que me inquietavam; RACISMO, PRECONCEITO, EXCLUSÃO. Quando escolhi trabalhar com o *A Voz da Raça*, entender a ambiguidade do seu slogan; O PRECONCEITO DE COR NO BRASIL SÓ NÓS OS NEGROS PODEMOS SENTIR versus DEUS, PÁTRIA, RAÇA E FAMÍLIA.

Não sabia que no fundo minha preocupação central era ter uma compreensão melhor sobre a história do país, entender a atuação política dos negros no passado e no presente, bem como as suas reivindicações por cidadania e inclusão hoje.

Quando o projeto foi pensado em 2007, várias dificuldades surgiram como a investigação de documentos que comprovassem sua existência, pois as informações, naquela época eram escassas, existiam algumas teses e raros livros. No decorrer da pesquisa verifiquei, por exemplo, que essa organização possivelmente teve relações com o movimento integralista. A pergunta que ficou então foi a seguinte: seria essa relação com os integralistas uma estratégia política de sobrevivência para uma organização com reivindicações completamente opostas ao contexto conservador e ao mesmo tempo revolucionário que o Brasil vivia? A partir daí surgiu o interesse de entender melhor a FNB e essa complexidade que a permeava.

Problema de Pesquisa

A emergência das discussões a respeito das diferenças sócio- econômicas entre negros (pretos e pardos) ganhou relevo nos diversos setores da sociedade brasileira: como o acadêmico, a grande imprensa, entidades representativas dos trabalhadores e do setor empresarial, no campo jurídico, entre outros. Reflexo de um processo histórico que se inicia, podemos dizer, com “o dia depois” da abolição da escravidão, e esse debate nacional tem evidenciado que o problema étnico-racial tem um caráter classista que possui raízes intrínsecas aos séculos de escravismo e ao descaso com políticas públicas que promovessem a igualdade de oportunidades, no decorrer da história do Brasil, enfatizando o debate por cidadania.

As primeiras manifestações de organização institucionalizada do movimento social negro, que buscavam evidenciar os problemas políticos que os negros estavam imersos desde a abolição, surgem por meio de jornais escritos por negros e direcionados a este segmento populacional. Nabor Junior (2011) ilustra que foi ainda no período imperial que o negro Francisco de Paula Brito⁴ fundou *O Homem de Cor* (1833), depois denominado *O Mulato*, no Rio de Janeiro. Ainda de acordo com o mesmo, este seria o começo daquilo que mais tarde veio a se denominar imprensa negra. Conforme os dizeres de Nabor Junior⁵ (2011, p. 7 – 8):

[...] antes mesmo da iniciativa de Paula Brito, em 1798, pessoas negras em Salvador, na Bahia, haviam organizado a Revolta dos Búzios, utilizando como veículo aglutinador manifestos colados em paredes da cidade, o que hoje se chama jornal mural. Houve ainda a experiência primeira do jornal *O Bahiano*, do jurista Antonio Pereira Rebouças, que circulou sob sua responsabilidade de 1828 a 1831.

Porém, neste sentido, cabe-nos salientar que conforme a obra *A imprensa negra no Estado de São Paulo*, estudo publicado em 1973 pelo antropólogo francês Roger Bastide, e segundo a obra “A imprensa negra paulista”, da socióloga Mirian Nicolau Ferrara (1986), o precursor da fundação da imprensa negra paulista foi o lançamento do jornal *O Menelick*, em 1915. Para pesquisadores como Florestan

⁴ Primeiro editor negro do Brasil Império. Um mestiço, filho de pais de origem modesta, cuja educação tinha sido responsabilidade de seu avô (que trabalhou com o famoso escritor mestre Valentim). Fonte: <https://primeirosnegros.com/francisco-de-paula-brito-primeiro-grande-editor-do-brasil/>

⁵ Jornalista fundador da revista *O Menelick* 2º Ato. Citação retirada do material “IMPRESA NEGRA. ESTUDOS CRITICOS DE CLÓVIS MOURA E MIRIAM NICOLAU FERRARA.

Fernandes (1964), o movimento social negro surge de forma institucional no Brasil, organizado por uma entidade que se autoproclama como representante dos descendentes de africanos em nosso território, com o advento da formação do Centro Cívico Palmares. É na análise deste jornal que se concentrou a objetivação das características e do ideário da FNB (Jacino, 2022).

No entender de Zanella (2013), os problemas de pesquisa geralmente são representados na forma de uma pergunta, o que pressupõe o esforço do pesquisador em suprir esta indagação de maneira adequada. Assim, este estudo possui o seguinte problema de pesquisa: Quais as relações existentes entre a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira?

Objetivos (geral e específicos)

O objetivo geral consiste em analisar o jornal *A Voz da Raça*, como produção da FNB. A consecução deste intento almejado, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Contextualizar a imprensa negra paulistana;
- Descrever sobre a formação da Frente Negra Brasileira;
- Elucidar a relação do Estado Nação Brasileiro com as teorias Eugenistas;
- Analisar a relação entre a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira, e;
- Descrever sobre o periódico negro paulistano *A Voz da Raça*.

Espera-se com este estudo entender a FNB a partir da sua produção diária, por intermédio do jornal *A Voz da Raça*, bem como as intenções e os motivos que levaram essa entidade a assimilar o discurso de grupos políticos, com concepções diferentes as do movimento social negro. Para isso foi necessário debruçar-se sobre as fontes a fim de compreender o cotidiano do negro nos anos de 1930 em São Paulo.

Justificativa

O estudo se justifica, pois tem como uma de suas frentes de trabalho identificar os conflitos ideológicos, existentes na entidade. Isto é, se o jornal

expressava divergências entre os líderes e membros, bem como quais eram suas posições diante dos problemas da época, assim como, apresentá-la ao aluno da escola pública, a fim de demonstrar que o racismo e o preconceito já existiam no início do século e que havia grupos contestando. Além disso, o estudo busca saber quais foram às atividades norteadas por esses parâmetros e se seria possível identificar algum impacto na sociedade da época, advindo das ações da Frente Negra Brasileira.

Tendo em vista todo esse processo histórico, trabalha-se com a hipótese de que os líderes da FNB tenham assimilado o discurso integralista como estratégia para existir num período histórico extremamente autoritário (Tiede, 2006). Eles uniram-se aos mais fortes para tentar permanecer com suas políticas de elevação econômica do negro, como queriam desde a fundação da entidade. Dessa forma, a Frente Negra Brasileira constitui-se na história do Brasil como entidade com conflitos e contradições internas muito expressivas e incomuns no contexto dos movimentos negros (Tiede, 2018). Portanto, a temática em si merece que mais estudos sobre ela sejam realizados.

2 Metodologia de pesquisa

Conforme anunciado, o estudo é focalizado no jornal *A Voz da Raça*, e onde buscamos um maior entendimento sobre o discurso de cidadania presente nas páginas do jornal. O preconceito no Brasil, segundo o jornal, colocava os negros em competição com os imigrantes e os impediam de trabalhar. Também nos valem de fontes secundárias como livros de depoimentos de ex-integrantes da FNB reunidos nos livros de Barbosa⁶ (1998), e Cuti (2007), pois percebeu-se nos relatos desses antigos ativistas considerações importantes acerca da sua atuação e suas implicações no contexto político da cidade de São Paulo.

Para tanto, consideramos necessário extrair dos jornais os temas recorrentes que expressam as intencionalidades e as práticas de seus membros e da organização em geral, revelando-se as categorias analíticas que expressam a trama das relações sociais e os conflitos vivenciados pelos protagonistas do citado movimento. A

⁶ No Anexo 1 do estudo há uma entrevista com Barbosa (1998) sobre a Imprensa Negra Paulista e todo o contexto em que este movimento foi desenvolvido, bem como seus desdobramentos.

categorização desses assuntos foi contextualizada de forma a dar visibilidade ao diálogo daqueles sujeitos sociais com sua época. Temas como racismo, preconceito, educação, embranquecimento e nação revelaram-se recorrentes e foram considerados as referências para a construção dos capítulos.

Dessa maneira, no primeiro capítulo, buscamos expor o referencial teórico que ajudou a entender a questão relacionada à negritude, seguido pelo segundo capítulo que explorou as ambiguidades entre nacionalismo, defesa da “raça” e oposição ao comunismo, ao estrangeiro – desdobrando essa questão – e apresentando a maneira como, ora o jornal avançou na reivindicação dos direitos dos negros, ora ele foi conservador e nacionalista.

Assim, com o segundo capítulo, podemos afirmar que a FNB só se coloca com um viés conservador se analisada em sua relação com entidades de esquerda e que conferir-lhe tal atributo seria esvaziar o programa político de uma entidade com o papel mobilizador inegável para a população negra dos anos de 1930. Período de conturbadas ações políticas, enfatizamos, a partir da análise dos documentos, precisamente o jornal como expressão política dessa entidade e que a FNB reinventa o ser negro brasileiro, ressignificando a identidade desses indivíduos a partir do imaginário progressista reinante na cidade de São Paulo e a partir da maneira como se viam com o término da escravidão. No capítulo três apresentamos uma sequência didática exigência do curso de mestrado profissional PROFSOCIO- na qual baseou-se na aplicação de um plano de aula em que se trabalhou com os alunos de uma escola os acontecimentos que antecederam à fundação da FNB e o jornal a *Voz da Raça*.

O texto apresenta uma problematização sobre: racismo, luta por direitos (cidadania) e nacionalismo (presente no discurso nacionalista), demonstrando como a identidade e o discurso por cidadania se articulam, pois, a identidade que possuíam no momento que a FNB é formada, foi forjada em outros séculos. O discurso por cidadania está presente desde antes da fundação do jornal *A Voz da Raça* e continua sendo uma reivindicação dos movimentos negros, hoje, século XXI. Analisamos as estratégias políticas necessárias, para levar a efeito a obra de educação do negro. Ao analisar o jornal *A Voz da Raça* na busca de uma compreensão da atuação dos grupos negros, o caminho que se desenhou foi das teorias raciais, por isso, buscamos descrever o imaginário que reinava sobre o caldeamento étnico que havia no Brasil império, assim como as análises e visões estrangeiras.

Capítulo I - Aporte teórico para se entender a negritude e a formação da Frente Negra Brasileira

Podemos dizer que a negritude é um movimento de valorização da história e cultura negra, assim como a valorização dos seus aspectos físicos, biológicos e fenotípicos (Domingues, 2005). Entendemos a negritude, também, como uma tomada de consciência do negro sobre a sua história, situação política, econômica e social que os levam a organizarem-se politicamente (Barbosa, 2019). Resta a nós, estudiosos, saber em que momento histórico essa conscientização aconteceu. Qual a relação da negritude com a branquitude? Sendo o último conceito frequentemente utilizado ao se questionar a posição do branco nas relações raciais.

À medida que negros tiveram que se reunir em movimentos, associações e partidos desde os primórdios da imprensa negra, para empreender forças contra um modelo de sociedade pensado e estruturado nos valores europeus, que impingiu humilhações, preconceitos e racismos contra descendentes de africanos em diáspora, não só nas Américas, como em alguns países da Europa, nasceu, assim, o que ficou conhecido na literatura, como negritude francófona, representada por: Leopold Sedar Senghor, Frantz Fanon, Alioune Diop e Aimé Césaire (Domingues, 2005; Moore, 2008).

Tanto Césaire como Senghor foram figuras relevantes não somente no que tange a propagação do termo negritude, bem como da difusão de um discurso que representava um contraponto ao ideário colonial permeado por crueldades contra os negros. Com projeção menor, mas igualmente importante, León Damas escreveu um manifesto denominado como *Pigments*, o qual apresentava falas contundentes contra o regime colonialista francês (Sales, 2017).

1.1 Surgimento do conceito de Negritude

Ao descrever sobre a questão do nascedouro do termo negritude, Sales (2017) explana que este verbete não nasceu necessariamente na África, mas sim, na Europa. O conceito de negritude descreve a aceitação de sua cultura, de sua história e conclama os negros para unirem-se contra o racismo na sociedade, e foi usado pela primeira vez pelo poeta Aimé Césaire, segundo Barbosa (2019, p.

172):

O termo negritude foi cunhado por Aimé Césaire, em 1939, no poema “Cahier d’un retour au pays natal”. Segundo ele – um dos líderes do movimento – tratava-se de uma tomada de consciência da especificidade do ser negro.

Como forma de exemplificar a contribuição de Césaire com relação a difusão da ideia de negritude, abaixo é reproduzido um trecho do poema denominado *Cahier d’un retour au pays natal*, datado de 1939 e reproduzido por Sales (2017, p. 98):

A minha negritude não é uma pedra, sua surdez corrida contra o clamor do dia
 Minha negritude não é uma fronha de água morta sobre o olho morto da terra
 Minha negritude não é nem torre nem catedral. Ela mergulha a carne rubra do solo.
 Ela mergulha na ardente carne do céu.
 Ela rompe a prostração opaca de sua justa paciência. [...]
 Aimé Césaire (1939).

Nestes versos presentes na obra de Césaire (1939), é possível observar, conforme análise feita por Ferreira (2006), três elementos que ajudam na compreensão da ideia de negritude. São eles: a) a comunidade negra; b) as vivências dos negros, e; c) um tom de inconformismo dos negros com o legado de sujeição a eles atribuído (Sales, 2017). Pelo prisma etimológico, *négritude* é uma palavra que deriva do francês *nègre*, o qual, por sua vez, era um verbete cujo uso se dava de maneira ofensiva que os franceses utilizavam para se referirem aos negros. Em síntese: *nègre* remetia a ideia de inferioridade, onde os brancos estariam numa posição superior no contexto social da época (Domingues, 2005).

Pretendemos pensar o conceito de negritude em oposição ao de branquitude como pares de oposição, podemos dizer que só existe a negritude como movimento cultural e político por causa dos males plantados pela branquitude (Munanga, 2012). Num de seus estudos, Munanga (1990, p.111) descreve a negritude da seguinte maneira:

O negro se dá conta que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de “negritude”.

Ser negro dessa maneira não é apenas autodeclarar-se preto ou pardo, é também assumir sua ancestralidade africana, reconhecer a memória de seus antepassados como uma que transcende tempo e espaço, a intelectualidade francófona está discutindo com a sociedade da época os efeitos do colonialismo em seus países de origem e os males que a ideologia do embranquecimento propagada causava aos seus compatriotas. Querem que conheçam e reconheçam a luta de quem veio antes, a trajetória de seus antepassados até o fatídico navio negreiro que separou famílias, dividiu reinados e os obrigou a viverem numa terra estranha e sob uma cultura diferente da sua de origem.

Uma forma de se compreender os meandros envoltos nesta questão da negritude diz respeito ao entendimento a respeito do termo raça, em especial na dimensão conexa aos negros. Com relação a isto, Jesus (2018, p.4) diz o seguinte:

[...] a raça passou a ser entendida também como um importante marcador de identidades individuais e coletivas de negros e negras no Brasil e na diáspora. Negros e negras não seriam, portanto, somente aqueles que, portadores de acúmulo de melanina na pele, tornam-se alvos principais das práticas de racismo e de discriminação racial, mas aqueles que, portadores de acúmulo de melanina ou outras características fenotípicas associadas à (sic) um determinado coletivo, se veem e se sentem como parte de uma identidade coletiva: a raça ou a população negra.

Domingues (2005 p.199) descreve assim a negritude: “É fruto de um sentimento de frustração dos intelectuais africanos e antilhanos de língua francesa, por não se sentirem representados pela cultura ocidental de matriz eurocêntrica”. Noutra de suas falas, Domingues (2005, p. 194) esmiúça alguns dos principais aspectos imanentes ao termo negritude:

Tem um caráter ideológico, político e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida com processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana.

O foco nestes dizeres de Domingues (2005) permite que três dimensões conexas com a questão da negritude sejam detectadas. O caráter político mostra-se vinculado com a luta dos movimentos negros, a qual visa não somente a defesa dos direitos constitucionalmente assegurados, mas também a superação dos preconceitos; b) a busca pela valorização de uma consciência racial que compreenda

o valor dos negros para a sociedade, e; c) a afirmação da cultura negra, num prisma de valorização e afirmação identitária (Sales, 2017).

1.2 O conceito de negritude no Brasil

O conceito de negritude representa uma série de reivindicações do movimento negro, dentre as quais: direitos sociais, visibilidade e luta contra o racismo. Mas este conceito nem sempre foi utilizado no Brasil pelas reconhecidas organizações negras. Aliás, este conceito como representativo de uma história política não tem sua origem no Brasil e recebeu bastante críticas do que se convencionou chamar de uma intelectualidade negra. Domingues (2005, p.194) assim descreve o surgimento do conceito de negritude no Brasil.

O movimento da negritude foi idealizado fora da África. Ele provavelmente surgiu nos Estados Unidos, passou pelas Antilhas; em seguida atingiu a Europa, chegando a França aonde adquiriu corpo e foi sistematizado. Depois, o movimento expandiu-se por toda a África negra e as Américas (inclusive o Brasil), tendo sua mensagem, assim, alcançado os negros da diáspora.

Para Domingues (2005) apesar de ser um estudioso da Frente Negra Brasileira e ter produzido várias obras sobre esta organização, em seu artigo *Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica* não apontou essa organização como um movimento da negritude, no sentido emancipatório da palavra, a maneira que se desenvolveu por intelectuais franceses. Já a estudiosa Ligia Ferreira em seu artigo: *Negritude, Negridade, Negrícia: história e sentidos de três conceitos viajantes* (2006), afirmou que o conceito de negritude no Brasil se desenvolveu mais por questão de repúdio ao racismo e aos efeitos da colonização, tal como Abdias do Nascimento com o Teatro Experimental do Negro (TEN).

Há também outros autores que trazem entendimentos sobre o sentido atribuído ao termo negritude. Castilho e Resende (2023) relatam que negritude seria vista como um termo utilizado para se referir ao vínculo existente entre os negros, africanos ou descendentes, de maneira que, independentemente de onde estes sujeitos estiverem, eles estariam representando esta questão identitária e cultural conexa com a ideia de negritude. Assim, na visão de Castilho e Resende (2023), a negritude diz respeito aos laços, memórias e resistências culturais que conferem identidade e singularidade para a comunidade negra.

De maneira semelhante, o estudo feito por Bernardino-Costa (2017) relata sobre a necessidade de valorização e de afirmação da branquitude, numa dimensão em que o universalismo abstrato que na realidade privilegia a hegemonia branca seja suplantado. Isto se faz necessário também não somente para que se tenha uma sociedade mais plural, como também para que a dicotomia colonial entre ser e não ser privilegiado, cenário este em que aos negros são atribuídas somente situações negativas, seja derrotada.

Por sua vez, há outros autores que estabelecem a conexão da ideia de negritude com as questões de inclusão e exclusão social, sendo esta segunda dimensão comumente atribuída aos negros. Para Kilomba (2019), se por um lado quem possui seu fenótipo vinculado com a raça branca, pode-se considerar que estes indivíduos automaticamente estão inseridos na sociedade, uma vez que eles são privilegiados por conta de sua cor de pele, por outro lado, quem é pertencente a raça negra estaria fora do lugar, ou, dito de outra forma, numa condição excludente, em detrimento da situação favorável que é característica aos brancos (Nunes, 2021). Em outro estudo, Kilomba (2010, p. 30 – 31) explana com maior patamar de detalhamento o seu pensar sobre negritude:

Como uma hierarquia introduz a dinâmica em que Negritude significa “estar fora do lugar” enquanto branquitude significa “estar no lugar”. [...]. Em meio ao racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, fora do lugar, além de corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como adequados, eles são corpos familiarizados, “no lugar”, corpos que sempre pertencem

Por sua vez, Munanga (1988) relata que a negritude pode ser vista pelos seguintes prismas: a) legítima defesa, e; b) resposta racial a uma ofensa branca. É conveniente explicar que o uso do termo “resposta racial” não significa necessariamente adotar comportamentos agressivos ou pouco recomendados com relação a vida em sociedade, mas sim, não aceitar a condição de seres inferiores ou subalternos da hegemonia branca. Historicamente, os negros no Brasil eram vistos como pessoas de raça inferior, o que nos dias de hoje permanece, ainda que de forma sutil e velada (Farias, 2019; Nunes, 2021).

Esta questão dos preconceitos, estereótipos negativos e demais situações que são comumente atribuídas aos negros por uma sociedade que adota um discurso mais ameno, mas na prática permanece adotando práticas discriminatórias

é que se faz necessário debater sobre negritude. A ausência de discussões sobre este tema relevante para a comunidade negra significa não somente um silenciamento que é favorável para consolidar a hegemonia branca, mas também negar as humilhações pelas quais os negros passam e que por vezes não são denunciadas ou vem à tona.

Com relação a esta situação do silenciamento dos negros e aos episódios de preconceito por eles vivenciados, Jesus (2018, p. 15) relata o seguinte:

Uma das consequências do uso naturalizado de estereótipos racialistas/racistas em uma sociedade pós-escravocrata como a brasileira, que ainda não aboliu integralmente uma série de valores e de formas de pensar moldadas no escravismo, é transformar corpos anormais em coisas risíveis e, potencialmente, desprezíveis. Neste contexto, ao mesmo tempo em que os estereótipos raciais são utilizados como forma de naturalizar a subalternidade de determinados corpos, o silenciamento incide na negação do debate sobre raça no Brasil e, em consequência, nas possibilidades de desnaturalização destes processos de subalternidade. Assim, ao passo em que o racismo brasileiro produz estereótipos raciais, na forma de corpos anormais, ele silencia as denúncias do próprio racismo, bem como suas consequências devastadoras. Ao se silenciarem acerca das denúncias, as instituições escolares também se silenciam acerca do próprio racismo e, em consequência, silencia-se sobre os meios de combate- lo.

Nesta fala de Jesus (2018), há menção ao espaço escolar, o qual é um dos locais onde se percebe a manifestação de comportamentos racistas contra os negros. Isto abarca desde os apelidos que fazem menção a cor de pele, largura do nariz ou aos aspectos do cabelo, até o constrangimento de alunas negras pelo fato de elas não se parecerem com as princesas brancas dos contos de fada e filmes hollywoodianos (Santos, 2013). Já na vida adulta, segundo Hooks (2004), os negros não são vistos como pessoas inteligentes, sendo atribuída a eles uma suposta lentidão de raciocínio que corrobora com este olhar preconceituoso.

Estas humilhações englobam o contexto envolto em preconceitos, apelidos e demais termos pejorativos que são utilizados para fazer menção aos negros. Além da perpetuação da visão preconceituosa na forma de comentários negativos sobre a cor da pele, tipo de cabelo e demais traços biológicos conforme dito por Santos (2013), há também outro problema no que tange ao silenciamento da negritude. Na visão de Munanga (1999, p.16), uma das razões para a ocorrência deste fenômeno da negação da branquitude tem a ver com uma postura derrotista dos próprios negros com relação a sua história, conforme se pode ver abaixo:

[...] apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças de negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na “negritude” e na “mestiçagem”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superiores

Esta citação que destaca os dizeres de Munanga (1999) não somente ajuda a compreender a dimensão do patamar da negritude para a comunidade negra, como também a necessidade de maior valorização da cultura e dos valores dos negros. Com isso, tem-se a negritude numa dimensão identitária, a qual tem um prisma de caráter de afirmação e orgulho da cor da pele, do cabelo, da música, dos costumes e demais situações que conferem singularidade aos negros em seus respectivos lugares de existência (Bernardino-Costa, 2017).

Ao abordar sobre o tema da negritude, Reis (2004, p. 10 – 11) faz os seguintes apontamentos:

Às dificuldades de construção da identidade negra acrescenta-se ainda a questão dos padrões estéticos que classificam o branco como símbolo da beleza. Diante disso, fica muito difícil para os negros assumirem uma identidade racial ligada às suas raízes étnicas. O resultado é que grande parte da população negra se sente reprimida e insegura em se reconhecer como negra. Para o negro, no exercício de seu cotidiano, assumir a negritude significa assumir uma luta feroz contra o peso massacrante de toda a sociedade. É ser, agir e pensar ininterruptamente contra as mais desveladas ou disfarçadas formas de discriminação. É assumir uma condição desgastante de enfrentamento, o que o leva, muitas vezes, a “negar” a sua verdadeira identidade como forma de autodefesa psicológica e social.

Se no tempo do escravismo, o qual precedeu a abolição da escravatura, o estratagema social brasileiro via os negros como seres inferiores aos brancos, na sociedade hodierna os preconceitos perduram, ainda que veladamente (Farias, 2019; Nunes, 2021). Como forma de disfarçar este triste cenário onde os negros pouco ou nunca possuem seu valor reconhecido, há o mito da democracia racial, representada pelo discurso onde todos possuem voz e vez, ainda que haja um flagrante descompasso entre teoria e prática (Carneiro, 2011).

Ferreira (2006, p. 166) afirmou que ao invés do conceito de Negritude o que está presente na imprensa paulista era o conceito Negridade (negro + idade), sufixo latino que significa “qualidade”, “maneira de ser”, “estado”, propriedade, que aparece pela primeira vez no Manifesto da Gente Negra escrito por Arlindo Veiga dos Santos, primeiro presidente da FNB, o qual evocava os negros brasileiros a pôr fim a sua exploração, assim como a vantagem que os estrangeiros obtinham em detrimento do

negro. Segundo Ferreira (2006, p. 167) esse conceito conclamava os negros a integralização absoluta, conforme a citação destacada a seguir:

O manifesto reivindicava também a “integralização absoluta do negro, em toda a vida brasileira (política, social, religiosa, econômica, operária, militar, diplomática), bem como a valorização de suas competências “física, técnicas, intelectuais e morais.

Negritude é um termo utilizado pela FNB para pedir igualdade e valorização e qualidade em relação aos estrangeiros, é um chamado à integralização do negro em toda a vida brasileira (política, social, religiosa, econômica operária e militar (Ferreira, 2006). O conceito de negritude chegou no Brasil posteriormente ao fechamento da FNB, fechada em 1937 pela ditadura Vargas, por meio do desenvolvimento de uma intelectualidade artística que visava questionar a presença do negro em lugares subalternos e estereotipados como nas artes (Farias, 2019). Vale dizer que a semântica empregada ao conceito de Negritude utilizado no manifesto é semelhante ao da Negritude.

1.3 O Discurso da negritude em paralelo ao da Frente Negra Brasileira

Para Ferreira (2006) a data de nascimento e a paternidade da negritude revelam-se contraditórios. Segundo Larousse (1993), Senghor, Cesaire e Alop Diop teriam cunhado a palavra por volta de 1935. A palavra negro nessa época possuía um tom depreciativo, possivelmente por isso Veiga dos Santos escrevia aos pretos ou homens de cor.

Um conceito que emerge a partir dos estudos de negritude é o da branquitude, desde o surgimento da *critical whiteness studies*, na década de noventa nos Estados Unidos traduzidos como estudos críticos da branquitude. A intelectualidade norte americana e brasileira tem se debruçado sobre o lugar do branco na relação com o negro, ou, sobre o lugar de vantagem estrutural ocupado pelo branco nas sociedades que são estruturadas pela dominação racial (Moreira, 2014; Muller; Cardoso, 2018). Infere-se que os estudos sobre negritude tiveram início no Brasil na década dos anos 1990. A realização de pesquisa com este enfoque teve como intuito o debruçar sobre aspectos relevantes das relações étnico-raciais, bem como os privilégios que caracterizam a vida da população branca no Brasil (Nascimento, 2020).

Ainda que o regime escravista não esteja mais vigente na sociedade contemporânea, ainda é possível observar a prevalência dos brancos no topo da pirâmide social. Além desta supremacia, os brancos são detentores de uma série de privilégios que tornam ainda mais elevada a sua posição na sociedade. A branquitude é algo que vai além dos aspectos fenotípicos, sendo uma espécie de status superior (Felipe, 2020). Tal situação reitera o caráter enganoso da ideia de democracia racial propagada na sociedade (Carneiro, 2011).

Como reflexo do passado, onde os negros eram escravos e humilhados pela hegemonia branca, no contexto atual a situação não é tão diferente do que se via em séculos passados. Nota-se isso pelas elites e pela concentração de renda no Brasil, quase que em sua totalidade formada por pessoas brancas. Além disso, se o sujeito for homem e branco, os privilégios aumentam, em detrimento das mulheres, em especial aquelas que são negras (Corossacz, 2014). Tais situações fazem com que a democracia racial seja na realidade uma utopia que a sociedade criou para atenuar o cenário desfavorável aos negros em diversos segmentos (Carneiro, 2011).

Tem-se o negro como uma figura que no inconsciente colonial da supremacia branca, é um sujeito de casta inferior. Além da insaciável fome pelo poder, os representantes desta hegemonia praticam com frequência tanto a negação do valor dos negros, como também a sua respectiva objetificação. Mas, para a sociedade e demais partes interessadas, é de bom grado que os brancos se personifiquem como pessoas boas e empáticas, embora esta imagem na maioria das vezes seja falaciosa (Kilomba, 2010; Quiangala, 2016).

Conscientizar-se de sua identidade negra e problematizar isso, passou a ser objeto de investigação e tem gerado muitos estudos dentro e fora do país, estudiosos como Cardoso (2008), Bento (2022) e Moreira (2014) chegaram à conclusão de que era necessário compreender o ser branco, entender a identidade branca, no emaranhado de racismos e preconceitos numa sociedade miscigenada como o Brasil, pois conforme Shucman (2014, p.27), “[...] discutir as relações raciais sem problematizar o branco nesta relação é reafirmar sua superioridade racial frente aos negros”.

1.4 A formação da Frente Negra Brasileira - FNB e a imprensa negra paulistana

Conforme explicado por Farias (2019, p. 48):

Outro elemento de aproximação entre estes indivíduos seria a atuação de um razoável número de negros letrados capazes de, em diferentes momentos do século XIX, gerar e absorver ideias emitidas naqueles jornais, bem como disseminá-las entre seus companheiros iletrados. Mesmo tendo em vista suas condições adversas, não podemos esquecer que homens negros livres tiveram destacada participação naquele momento conturbado no Brasil. Ocuparam espaços valiosos e decisivos para expressar suas opiniões sobre a sociedade em que viviam sua época, forjaram alianças, romperam outras, e em certa medida, tiveram sucesso em suas aspirações.

Nesta época que remete ao final do século XIX no Brasil, já era possível observar registros pertinentes a imprensa negra. Trata-se de dois títulos originados na cidade de São Paulo, conhecidos como *A Pátria: Orgam dos Homens de Côr* e *O Progresso*, respectivamente (Tiede, 2018). O jornal *A Pátria* tinha como cerne ser um registro em respeito as memórias dos sujeitos negros que haviam sido recém-libertos do período da escravidão, enquanto que o jornal *O Progresso* possuía uma visão mais crítica ao dizer que o governo da época não tinha garantido a liberdade dos negros na sua plenitude, além de demonstrar desconfiança com relação a política hegemônica da época (Pinto, 2010).

Conforme apontado por Siqueira (2022), no período pós-abolição da escravatura os negros ainda eram vistos sob uma égide de inferioridade. É neste contexto que além dos jornais já mencionados e que tiveram sua origem antes mesmo do fim da escravidão no Brasil que o ano de 1915 se mostra como emblemático, uma vez que é a partir dele que a imprensa negra passa a ser vista como um movimento significativo para a comunidade negra (Elliot; Aquino, 2011). Para Moura (1988), a imprensa negra neste período representou uma forma de comunicação alternativa para a comunidade negra, onde por meio de suas páginas tornou-se possível expressar os anseios e as reivindicações dos negros na sociedade da época.

Em especial, nos anos de 1915 até 1924, a imprensa negra representou um movimento que tinha como um de seus alicerces a colaboração dos articulistas negros, os quais eram intelectuais que escreviam as matérias para o que a sociedade da época chamava como “homens de côr”, ou num termo mais abrangente, a população negra (Tiede, 2018). Dentre as temáticas retratadas nos jornais negros deste período, pode-se mencionar notícias mais focadas em fatos correlatos com realidades mais específicas, como, por exemplo, aniversários, falecimentos, festas, quermesses, mas também havia a presença de assuntos mais gerais, como, por exemplo, trabalho, educação, costumes da época, moral, dentre outros (Tiede, 2002;

2006; 2018).

A existência de jornais voltados para os negros não era muito bem-vista pela imprensa tradicional, sendo, portanto, marginalizada (Elliot; Aquino, 2011). Todavia, estes jornais foram relevantes no sentido de propiciar voz e vez para uma parte da população que por séculos teve sua dignidade usurpada (Siqueira, 2022). Além disso, com o advento e consolidação da imprensa negra nos primeiros anos do século XX, as discussões em prol de uma visão mais democrática da sociedade passam a se tornar mais intensas, o que notadamente ia contra o discurso racista que de forma totalmente equivocada subjugava e relegava aos negros uma condição de inferioridade frente a supremacia branca (Araújo; Peruzzo, 2021).

Na visão trazida por Moura (1988) e endossada por Elliot e Aquino (2011), a imprensa negra nas suas duas fases, sendo a primeira de 1915 até 1930 e a segunda de 1930 até 1937 representou uma forma da comunidade negra se autoafirmar psicologicamente. Todavia, Moura (1988) afirma que os jornais destas épocas poderiam ser mais incisivos no que se refere ao retrato da figura dos negros enquanto agentes de mudança e sua participação nas reivindicações em prol de melhores condições de vida para a população negra.

Entretanto, a visão de Moura (1988) não é compartilhada integralmente em comparação com demais estudos que se dedicaram a estudar os meandros e nuances da imprensa negra no Brasil. Um levantamento feito por Reis (2016) com relação a pesquisas sobre a imprensa negra trouxe diferentes visões oriundas de épocas distintas sobre este fenômeno. Para Fernandes (1964), os jornais da imprensa negra serviram não só como meio comunicacional em prol da comunidade negra, mas também para a feitura de protestos e reivindicações visando conquistar para os negros melhores condições de vida e reconhecimento de sua contribuição para a sociedade brasileira.

No entender de Moura (1983), a luta que a imprensa negra travou ao longo de sua existência foi muito pertinente no sentido de tirar dos negros a aura da exclusão e da inferioridade. Conforme endossado por Reis (2016), se antes no período da escravatura os negros tinham nos quilombos e nas irmandades religiosas uma forma de se reunirem e vivenciarem sua cultura e identidade racial, no período pós-abolição os negros passam a expandir sua presença em outros espaços, sejam eles terreiros de candomblé, clubes recreativos, no carnaval por meio das escolas de samba e nos jornais da imprensa negra, sob a égide da consciência étnica. No Quadro 1,

embasado no estudo de Farias (2019), são mencionados alguns jornais da imprensa negra oriunda do estado de São Paulo, conforme abaixo:

Quadro 1: Lista de jornais da imprensa negra de São Paulo (1903 – 1928)

Jornal	Ano de Lançamento
<i>A Redenção</i>	1903
<i>O Baluarte</i> (Campinas, SP)	1903
<i>O Propugnador</i>	1907
<i>O Combate</i>	1912
<i>O Patrocínio</i>	1913
<i>O Melenick</i>	1915
<i>O Xauter</i>	1916
<i>A Rua</i>	1916
<i>O Alfinete</i>	1918
<i>O Bandeirante</i>	1918
<i>A Liberdade</i>	1919
<i>A Sentinela</i>	1920
<i>O Kosmos</i>	1922
<i>Getulino</i> (Campinas, SP)	1923
<i>O Clarim d'Alvorada</i>	1924
<i>Elite</i>	1924
<i>Progresso</i>	1928

Fonte: Adaptado pela autora com base em Farias (2019) e Domingues (2018).

Na concepção de Domingues (2004), os escritos oriundos dos jornais da imprensa negra foram relevantes no sentido de representar uma autonomia da negritude frente ao histórico processo de exclusão pelo qual a comunidade negra passou. Porém, Domingues (2004) afirma que os jornais da imprensa negra se concentravam mais na questão da inserção social do negro na sociedade e das desigualdades, sendo que os textos destes veículos poderiam explorar com maior ênfase os discursos identitários e as memórias pertinentes a cultura afro-brasileira.

Ao analisar os jornais da imprensa negra, Mello (2005) vai numa linha de raciocínio diferente do que se viu em Domingues (2005), ao mencionar que estes registros comunicacionais possuíam em seu conteúdo um sentimento de pertença dos negros, ainda que por vezes em condições de vida inferiores em comparação com os brancos.

Por sua vez, Gomes (2012) menciona que a imprensa negra teve como papel

preponderante não só para servir como uma via de informação para a comunidade negra, mas também quebrar a hegemonia da imprensa convencional, que retratava os negros de forma negativa. Para Pinto (2010), de forma sintetizada, a imprensa negra representou a existência de jornais onde tanto os redatores como também o público-alvo das publicações eram os integrantes da comunidade negra, enquanto que Araújo (2019) menciona que a imprensa negra ajudou a elevar a visibilidade da negritude, além de tornar mais plural a discussão de ideias sobre as expectativas de vida dos negros em seu respectivo contexto social.

Conforme o que é explicado por Guimarães (2012, p. 18):

Essa imprensa tinha o intuito de exercer liderança sobre as massas negras, organizando a solidariedade da comunidade negra em torno de ações educativas sob o signo de indisfarçável puritanismo. À medida que se extremavam as posições políticas no Brasil a partir da crítica generalizada à democracia liberal, sub-repticiamente associada à República oligárquica, essa imprensa ressuscitava as velhas categorias raciais, fazendo seu proselitismo em torno da arregimentação da raça negra.

Sobre os jornais da imprensa negra dos anos entre 1900 e 1915, pouco se sabe a respeito, mas para isto há uma explicação plausível. Consoante Tiede (2018), nem todos os jornais pertinentes a este período ficaram para a posteridade, embora haja registro do ano de 1904 referente a um jornal negro chamado *O Baluarte*, da cidade de Campinas, estado de São Paulo, o qual segundo Farias (2019) tem a sua origem datada de 1903. Dentre estes jornais da imprensa negra, é pertinente destacar o jornal que tinha por nome *Getulino* (Miranda, 2005).

Sobre este jornal específico, Reis (2016) menciona que ele foi determinante para a consolidação das lideranças do movimento negro em Campinas, uma vez que este jornal se dedicou a reverter a forma depreciativa com a qual os negros eram retratados pela imprensa tradicional, além de trazer nas suas matérias temas como religiosidade, miscigenação e memórias dos antepassados africanos.

A Figura 1 ilustra a primeira página do jornal *Getulino* de 1923, mais precisamente a sua edição de número 12.

Figura 1: Jornal negro *Getulino* – edição 12, página 1 de 1923

Fonte: Jornal *Getulino* (Hemeroteca Digital Brasileira - 2023).

Outro jornal da imprensa negra que foi muito representativo tem por nome *O Clarim d'Alvorada*, cuja criação ocorreu em 1924 consoante Farias (2019). Este jornal, na visão de Tiede (2018, p.52), representa “[...] um marco sociológico da intensificação do discurso político do movimento negro.” Pode-se considerar que a relevância do jornal negro *O Clarim d'Alvorada* se dá pelo fato deste veículo comunicacional ser entendido como um instrumento de cunho educativo e político, uma vez que ele fazia uma espécie de filtro daquilo que era noticiado pela imprensa convencional e, a partir daí, alinhavava ideias que eram conexas com a ascensão social da negritude (Miranda, 2005).

Além disso, diferentemente de outros jornais, *O Clarim d'Alvorada* também se notabilizou pela realização de atos cívicos, como, por exemplo, denúncias contra a discriminação, visitas em túmulo de abolicionistas e realização de campanhas em prol da construção de monumentos, sendo um deles em homenagem a Mãe

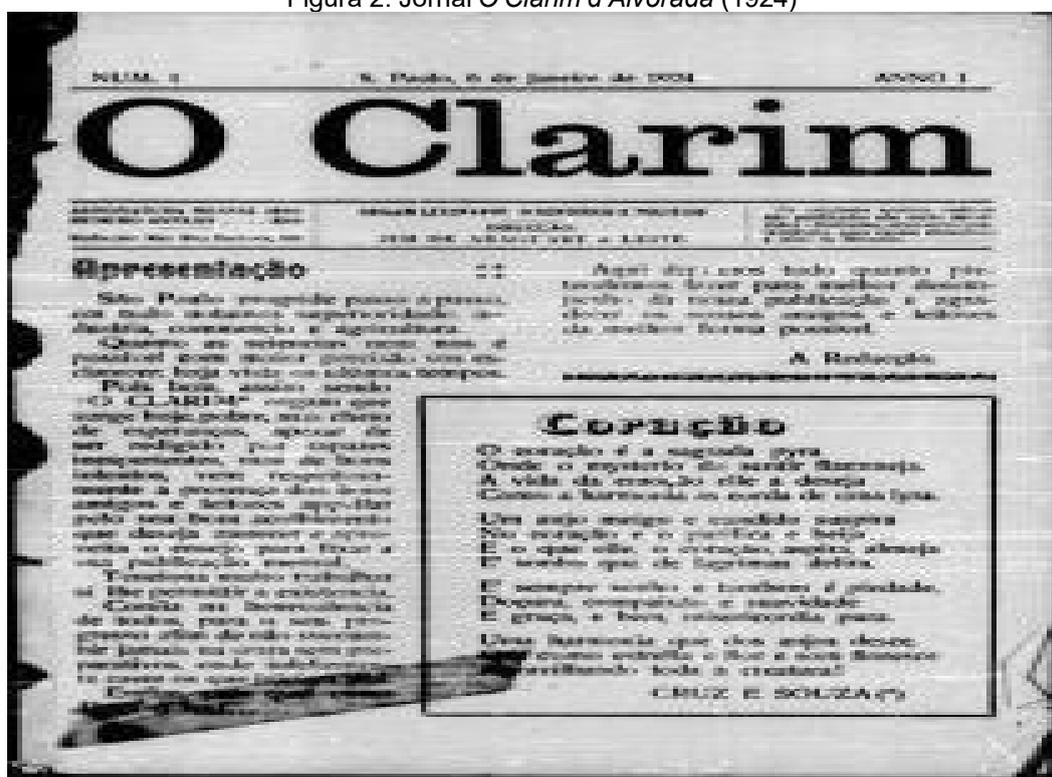
Preta (Santos, 2021). Assim, *O Clarim d'Alvorada* se diferenciava dos demais jornais negros, uma vez que a sua linha editorial não se limitava a retratar temas do cotidiano da época (Reis, 2016).

Por esta razão, há o entendimento de que *O Clarim d'Alvorada* era um jornal mais combativo do que os demais que o antecederam, com uma tiragem que variava entre 1.000 e 2.000 exemplares, no formato conhecido como tablóide (Farias, 2019). No ano de 1931, mais precisamente na edição de 13 de maio, este jornal anunciou a criação da Sociedade Cooperadora Clarim d'Alvorada, o que acabou não logrando êxito, chegando ao fim em 1932 por divergências internas (Tiede, 2018).

A década dos anos 1930 também foi relevante para o processo evolutivo da imprensa negra em São Paulo. Numa visão mais específica e voltada ao ano de 1930, o qual sucedeu ao fenômeno conhecido como a quebra da bolsa de Nova York de 1929, consoante Spach (2020), no Brasil a ideia de que o mestiço deveria ser visto como um ícone nacional passa a ser mais aceita pela sociedade, sob a égide da temática da democracia racial (Schwarcz, 2012). Já em 1931, ocorre em São Paulo a criação da chamada Frente Negra Brasileira (Araújo, 2019).

Na Figura 2, uma capa do jornal *O Clarim d'Alvorada*.

Figura 2: Jornal *O Clarim d'Alvorada* (1924)

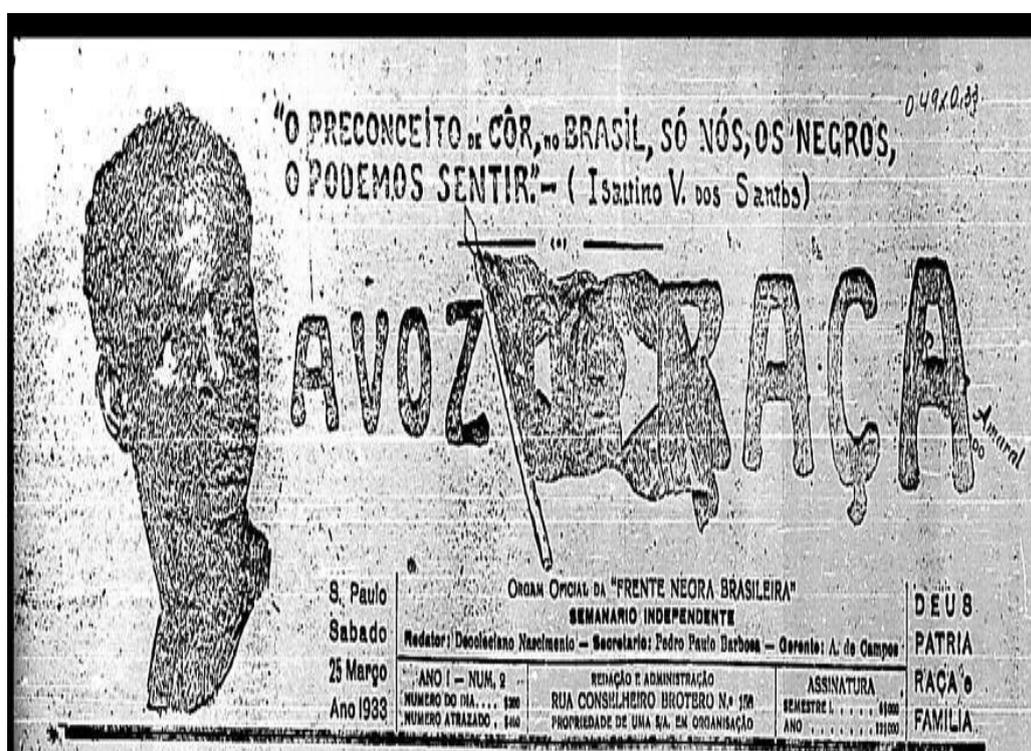


Fonte: Imprensa Negra Paulista (USP - 2023).

A criação da Frente Negra Brasileira se deu no contexto de transformações políticas no Brasil a partir do momento que Getúlio Vargas assumiu o governo do Estado brasileiro por meio de um governo provisório em 1930. Esse foi o contexto mais amplo que os negros começam a se organizar (Spach, 2020) e que surgiu a Frente Negra Brasileira como uma associação informal e depois transformada em entidade com existência jurídica, que chegou a ter cerca de 20.000 associados espalhados por vários estados brasileiros, como, por exemplo, Bahia, Espírito Santo, Pernambuco e Rio de Janeiro. Possuía estatuto e procurava propiciar o mínimo da infraestrutura não oferecida pelo Estado à população que representava, como escolas, bibliotecas, espaços de sociabilidade, etc. (Araújo, 2019).

Neste contexto, um dos veículos comunicacionais mais relevantes nesta época é o jornal negro intitulado *A Voz da Raça*, o qual foi fundado em 1933 pela Frente Negra Brasileira (FNB), sendo este o seu veículo de comunicação (Spach, 2020). Nas Figuras 3, 4 e 5 são exibidas imagens referentes a este referido jornal.

Figura 3: Segundo exemplar do Jornal *A Voz da Raça* de 1933

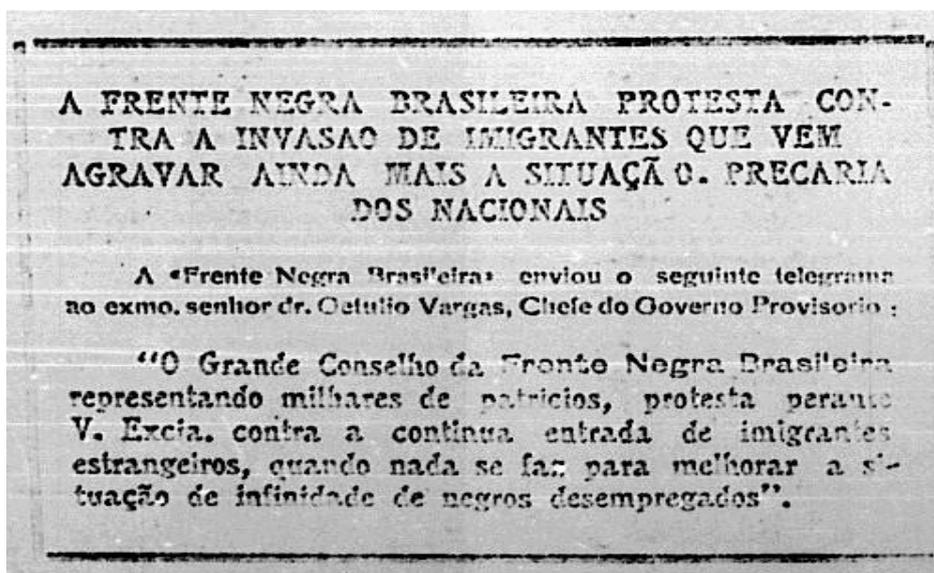


Fonte: *A Voz da Raça* (Acervo Biblioteca Mario de Andrade).

Na Figura 3, há uma síntese do que, consoante Pinto (2010), era a imprensa

negra: um jornal feito por negros, voltado para negros, tendo a negritude como cerne.

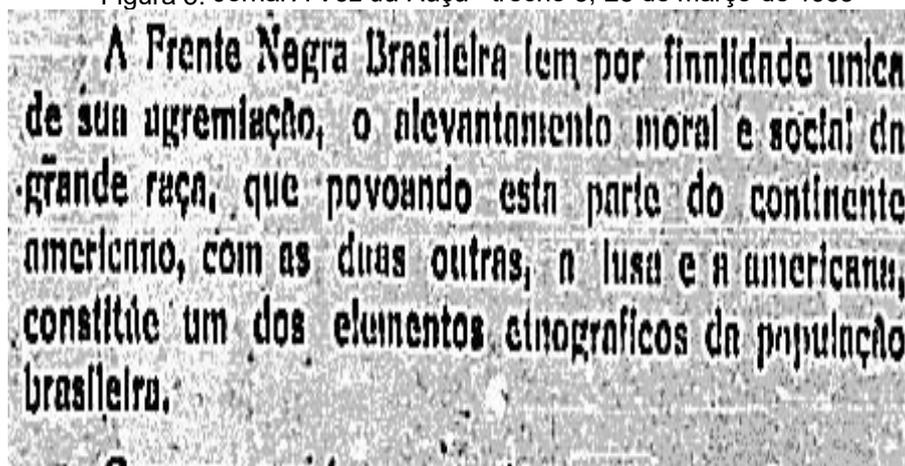
Figura 4: Jornal *A Voz da Raça* – segundo exemplar, terceira página, 18 de março de 1933



Fonte: *A Voz da Raça* (Acervo Biblioteca Mario de Andrade) (2023).

O jornal *A Voz da Raça* exaltava os valores que eram ansiados numa perspectiva de cidadania negra, mas calcada nos discursos vigentes a época, de valorização dos elementos nacionais, tais quais, o indígena e o negro sendo que alguns destes valores eram conexos com o movimento integralista (Tiede, 2006).

Figura 5: Jornal *A Voz da Raça* –trecho 3, 25 de março de 1933



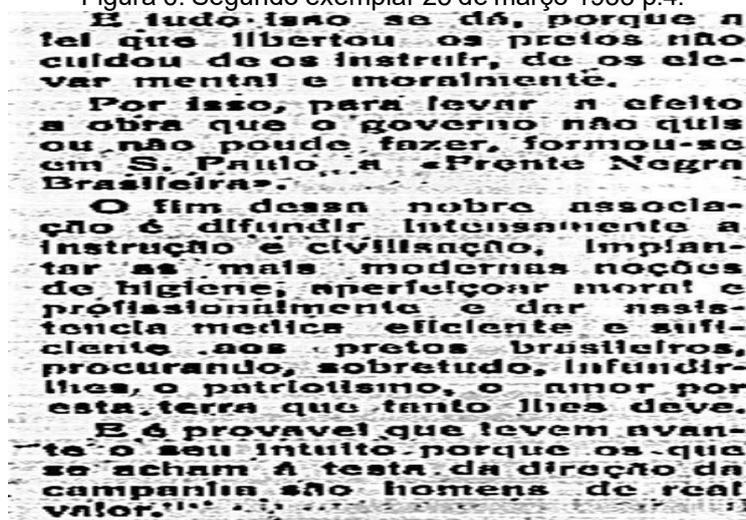
Fonte: *A Voz da Raça* (Acervo Biblioteca Mario de Andrade) (2023).

A maior preocupação do jornal *A Voz da Raça* era elevar o negro intelectualmente, pois seus líderes enxergavam na educação a única forma de tirar

os negros dos problemas socioeconômicos como trabalho e moradia precários que os negros viviam (Spach, 2020). Nos seus primeiros anos de vida já enfrentava dificuldades financeiras, e para superá-las, começaram a cobrar pela arregimentação dos seus membros. Com essa política, a entidade pôde oferecer aos seus associados clínica dentária, salão de cabeleireiros, grupos de teatro, além de alfabetização para adultos e crianças. A Frente Negra, segundo Nascimento (1989, p.20), “[...] exerceu sobre a população negra um papel organizativo e mobilizador inegável”.

Um dos objetivos dessa organização era se consolidar como instrumento capaz de modificar a consciência do negro brasileiro de modo que ele não aceitasse mais a condição de semiescravidão, onde aos homens restava apenas as funções de carregador de mercadorias e as mulheres de empregadas domésticas (Santos, 2021). A intenção de seus organizadores era trabalhar em função da elevação política e econômica do negro (Spach, 2020). No momento em que a FNB começa a crescer, ouvem-se rumores na sociedade de que, com a expansão da entidade haveria um separatismo racial. Sobre isso, um de seus jornais afirma que “[...] o separatismo já existia com a condição de submissão social que era imposta ao negro” (*A Voz da Raça*, 1933). Nesse sentido, percebe-se que a intenção da Frente Negra também era desmascarar o racismo (Almeida, 2018). Consoante Silva (2017), durante um curto período, o jornal *A Voz da Raça* passou também a dedicar uma de suas colunas para as mulheres negras, embora esta iniciativa não tivesse sido continuada por muito tempo.

Figura 6: Segundo exemplar 25 de março 1933 p.4.



Fonte: *A Voz da Raça* (Acervo Biblioteca Mario de Andrade) (2023).

Ganhando força, procurou também conquistar representatividade política com a bandeira do “voto negro”: defendeu que negro só votasse em negro, porém não obteve sucesso em suas tentativas, já que não havia deputados que apoiassem esse tipo de iniciativa na Assembleia Estadual Constituinte. No ano de 1936, a Frente Negra Brasileira passou a ser um partido político, mas esta iniciativa não foi bem-sucedida, posto que em 1937 com o golpe que instalou o Estado Novo, algumas representações políticas, incluindo a FNB chegaram ao estado de extinção (Almeida; Rassi, 2023).

A Frente Negra Brasileira foi presidida por Arlindo Veiga Santos (1931-1934) e tinha a participação de José Correia Leite, fundador e dirigente do jornal *O Clarim d'Alvorada* (Moura, 1988; Spach, 2020). Posteriormente, Correia Leite deixou a FNB, pois ele declarava-se republicano democrata e socialista, enquanto o estatuto da Frente era copiado do fascismo italiano. Arlindo Veiga dos Santos, seu presidente, diferente de Correia Leite, tinha como objetivo aproximar a Frente Negra do integralismo (Tiede, 2006). Este foi um movimento político com inspirações no fascismo europeu e liderado por Plínio Salgado. Entre suas principais reivindicações estava a defesa da pátria contra todos os imperialismos e estrangeirismos que permeavam a classe média desse período.

Neste período, um dos editoriais do jornal *A Voz da Raça*, de 1933, denunciava que “O PRECONCEITO DE COR NO BRASIL SÓ NOS OS NEGROS O PODEMOS SENTIR.” (sic). Porém, o mesmo editorial afirmava que “Não podemos, pois permitir que impunemente uma geração atual e simples momento da vida eterna da nação, traia a pátria, quer atirando-se nos erros materialistas do separatismo que nada mais é do efeito da concepção do materialismo histórico” (Spach, 2020, p.139).

Apesar de defender um programa político que expressava uma crítica fundamentada nas experiências de racismo da população negra, tinham a concepção que os programas da esquerda, como o anarquismo e o marxismo não os representariam. A Frente Negra Brasileira defende e apoia Vargas e Plínio Salgado, mas ainda havia conflitos: de um lado, ideias socialistas representadas por Correia e, de outro, um ideário integralista representado por Arlindo Veiga dos Santos (Sales, 2017). No entanto, ao mesmo tempo, existia uma proposta de melhoria econômico-social do povo negro, como a construção de casas, a criação de escolas diurnas e noturnas que evidenciava seu projeto de levantamento social.

Existia em seus quadros, também, “O Rosas Negras”, que era um grupo liderado por mulheres negras que promoviam grandes bailes na sede da FNB (Domingues, 2007), segundo as fontes consultadas os negros se apresentavam para essas festas em trajes de gala, sempre bem vestidos, explicitando a necessidade de demonstrar para a sociedade paulista a existência de uma organização pensada e liderada por pessoas negras e também combater os estereótipos que pairavam sobre a imagem do negro.

Desde as análises de Florestan Fernandes no livro *a Integração do Negro à Sociedade de Classes* (1964), as abordagens bibliográficas que se tem sobre a criação e ação da Frente Negra Brasileira atribuem sua formação à estrutura social. A organização só teria sido formada, graças às revoltantes condições sociais de exclusão que os negros vivenciavam, o que os fez se organizar para lutar por melhores condições e oportunidades.

A predisposição a aceitar o engajamento em ações inconformistas de caráter coletivo nasceu da inquietação larval, que grassou extensamente dentro do “meio negro”, em virtude das conseqüências (sic) indesejáveis da miséria, da desorganização crônica e do desencanto universal (Fernandes, 1964, p.315).

Uma das vertentes do discurso por igualdade e cidadania que a FNB apresenta, consiste no fato de ser um movimento que pregava a integração do negro ao modelo de estado-nação que se delineava no Brasil, sem fazer referência, porém, a identidade africana (Domingues, 2004). Questionam as bases da educação brasileira, problematizando a presença do negro. O Brasil possuía um grande contingente de negros (Siqueira, 2022), e dessa população, grande parte, não possuía condições básicas e materiais para sobreviverem; aboliu-se a escravidão, e não foram pensadas políticas públicas que assimilassem as diferenças culturais do grupo africano no Brasil (Araújo, 2019; Araújo, Peruzzo, 2021).

Dessa maneira, o principal projeto da FNB, propagado no jornal *A Voz Da Raça* consistia em questionar as bases da educação brasileira, e pensar um projeto educacional em que negros descendentes de ex-escravos, pudessem também, assim como estrangeiros, escolarizarem-se (Dias, 2018). O discurso é de igualdade de condições, usufruto de direitos garantidos pela Constituição, o que não se observava na realidade (Spach, 2020).

A intenção do grupo produtor do *A Voz da Raça* era valorizar a educação como

caminho para a emancipação do negro na sociedade, problematizam a Constituição e seus princípios de liberdade e igualdade, principalmente, além de outros, como a falta de direitos sociais (Araújo, 2019). Para *A Voz da Raça*, a democracia não existia no Brasil: ela era na realidade uma fachada, posto que a palavra igualdade pregada pela constituição, camuflava as reais relações cotidianas, permeadas de racismo e preconceito presentes também no ambiente escolar (Farias, 2019). O jornal *A Voz da Raça* findou suas atividades em 1937, por conta do golpe dado por Getúlio Vargas e seus aliados estabelecendo o Estado Novo (Araújo, 2019).

Após a existência de *A Voz da Raça*, mais precisamente na década dos anos 1940 diante do governo de caráter ditatorial de Getúlio Vargas, o movimento negro se adaptou à conjuntura e passou a ser representado por entidades que atuavam em prol da cidadania negra. Estas iniciativas puderam se consolidar principalmente entre 1946 e 1964, considerado o primeiro período democrático no Brasil republicano, e pode-se mencionar o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, o Conselho Nacional das Mulheres Negras e a Frente Negra Trabalhista (Domingues, 2007). Entretanto, com o regime militar iniciado em 1964, o movimento social dos negros sofreu um duro golpe, o que culminou no seu arrefecimento e dispersão, sendo reorganizado a partir da década dos anos 1970, por meio não só de jornais, mas também grupos estudantis, entidades de classes e movimentos sindicais (Araújo, 2019).

A Frente Negra Brasileira - FNB foi fundada na cidade de São Paulo (Farias, 2019). Sua sede era na rua da Liberdade 196, centro da cidade de SP, momento em que os ideais de modernização importados da Europa se consolidavam nas principais capitais do país, possuía estatuto e procurava discutir oferecer ao negro o que ele não tinha a época; (escolas, bibliotecas e espaços e sociabilidade). Sua maior preocupação era elevar o negro intelectualmente. Na década dos anos 1930, mesmo sendo este um período pós-abolição, o homem negro era visto como intelectualmente inferior e perigoso, pois dele não se podia esperar comportamentos de acordo com o que a sociedade da época demandava (Alvez; Lando, 2023).

Seus líderes enxergavam na educação a única forma de tirar os negros dos problemas socioeconômicos, dentre eles, o desemprego e moradia precários que os negros viviam. Nos seus primeiros anos de vida já enfrentava dificuldades financeiras, e para superá-las, começaram a cobrar pela arregimentação dos seus membros (Spach, 2020). Com essa política, a entidade pôde oferecer aos seus associados: clínica dentária, salão de cabeleireiros, grupos de teatro, além de

alfabetização para adultos e crianças como destaca Maria Ercilia do Nascimento (1989, p. 20), a Frente Negra Brasileira “[...] exerceu sobre a população negra um papel organizativo e mobilizador inegável”.

Um dos objetivos dessa organização era se consolidar como instrumento capaz de modificar a consciência do negro brasileiro de modo que ele não aceitasse mais a condição de semiescravo, onde aos homens restavam apenas as funções de carregador de mercadorias e as mulheres de empregadas domésticas. A intenção de seus organizadores, todos negros, era trabalhar em função da elevação política e econômica do negro⁷.

A Frente Negra Brasileira, inscreve-se na história do Brasil como entidade com conflitos e contradições internas muito expressivas e incomuns na década de 30, de um lado José Correia Leite libertário esquerdista e de outro os irmãos Veiga dos Santos redatores e presidentes do jornal (Lopes, 2023). Clóvis Moura (1988), analisando a imprensa negra na cidade de São Paulo, afirma que o slogan do jornal *A Voz da Raça* se diferenciava do adotado pelo movimento integralista apenas pela inclusão da palavra “raça”. Esse seria o motivo de uma das figuras importantes para a fundação da FNB ter saído da entidade; (Moura, 1988, p.250)

[...] o motivo de sua dissidência da organização, após uma série de conflitos que tivera com o então presidente, Arlindo Veiga dos Santos, seriam suas idéias (sic) monarquistas e também o fato de Raul Joviano do Amaral, vice-presidente, defender milícias. Correia Leite diz que dentro da FNB, costumes que eram específicos do fascismo, do hitlerismo e do integralismo, como braços estendidos e hinos eram recorrentes

Após fazer uma breve descrição da história do movimento negro, desde a produção dos jornais em 1920 e 1931, passando pela fundação do Teatro Experimental do Negro, até o nascimento do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1974, diferentemente de Moura (1988, p. 206), o estudo de Santos e Quirino Neto (2015, p.221) afirma que a busca, era por integração, quando sintetiza seu pensamento, afirmando:

Tratava-se de uma luta de caráter integracionista, à procura de um lugar na sociedade brasileira, sem questionar os parâmetros euroocidentais dessa sociedade nem reclamar uma identidade específica cultural social ou étnica. A práxis de Francisco Lucrecio representa o pensamento das relações raciais do período, bem como refere-se ao fato da Escola da Frente Negra Brasileira ser uma escola isolada, estar vinculada e submetida às

⁷ *A Voz da Raça*, 18/03/1933.

imposições legais, embora algumas fontes revelem que buscavam ressignificar (sic) a questão da nacionalidade à construção de identidades étnico raciais afirmativas

Já Francisco Lucrécio, que integrou a diretoria da FNB após sua fundação, em seu depoimento afirmou, conforme trecho reproduzido por Barbosa (1998, p. 44):

[...] naquele contexto, foi difícil para o negro se situar, era um momento em que várias ideologias políticas tanto de direita como de esquerda despontavam, assim os negros eram obrigados a fazer a política de boa vizinhança com Plínio Salgado e com Prestes.

Constata-se, então, que Lucrécio sustenta que existia uma variedade ideológica na FNB. Isso num contexto em que Getúlio Vargas proporcionou “benefícios” à população negra. Marcelo Orlando Ribeiro, conforme Barbosa (1998), é outro integrante da FNB e considera Vargas como um grande protetor, um benfeitor da raça negra em São Paulo, pois só ele atendeu à reivindicação dos negros de integrar a guarda civil do estado. Paradoxalmente, o próprio Getúlio Vargas com o advento do Estado Novo em 1937 acabou corroborando para o fim da imprensa negra paulistana, estando o jornal *A Voz da Raça* abarcado nesta realidade (Farias, 2019; Lopes, 2023).

Então o Getúlio, que possam pensar dele o que quiserem os demais, mas na minha consideração e convicção ele foi um grande protetor, benfeitor da raça negra aqui em São Paulo, pois ele atendeu a todas as reivindicações e justamente essa reivindicação foi feita pela Frente Negra Brasileira. Foi aí que se conseguiu por os negros na guarda, porque já se havia tentado algumas vezes (sic) mas sempre tinham rejeitado (Barbosa, 1998 p.89).

Nota-se a presença de um preconceito de alguns autores ao se referirem a essa suposta aliança com os integralistas, pois as manifestações políticas dos negros que ocorreram após o fechamento da FNB, como a publicação de jornais e o Teatro Experimental do Negro, mostravam-se conexas com ideologias políticas de esquerda (Viana, 2015). Mesmo os movimentos que, futuramente, serão significativos para a história do negro, como o Movimento Negro Unificado (MNU), surgem nos chamados programas políticos das esquerdas brasileiras.

Capítulo 2 - Imprensa Negra Paulistana (Período Pós-Abolição até 1937)

A abordagem sobre a imprensa negra no Brasil (em especial na primeira metade do século XX) implica reconhecer a importância que este movimento possui no que se refere a luta dos negros com vistas a viabilizar sua inserção mediante a estrutura política e econômica da época, mas também para suplantar as adversidades que o povo negro sofreu pelo seu passado marcado pela escravidão (Reis, 2016). Uma das características mais marcantes da imprensa negra é o protagonismo que este tipo de veículo de comunicação proporciona aos negros.

Em síntese, o teor das matérias oriundas da imprensa negra abarca não somente a presença de matérias de cunho mais incisivo, tendo como mote principal noticiar ao público os processos discriminatórios que a comunidade negra enfrenta, como também chamar a atenção da sociedade brasileira no que tange a valorização dos negros, principalmente no que se refere ao usufruto de sua cidadania (Araújo; Peruzzo, 2021). Conceitualmente, pode-se considerar consoante os dizeres de Araújo (2019, p.213):

Compreendemos imprensa negra a partir do conceito de veículos de comunicação especializados na temática (sic) racial, na luta contra o racismo e comprometidos com a construção de narrativas negras sobre os diversos assuntos (economia, política, esportes, cultura, dentre outros). A imprensa negra tende a se diferenciar da tradicional não apenas por produzir mais conteúdos (proporcionalmente) sobre a questão racial, mas por destacar o protagonismo negro nas diversas questões vivenciadas pela sociedade.

No que concerne ao seu surgimento, pode-se dizer que a imprensa negra paulistana teve o seu nascedouro num contexto histórico posterior a abolição da escravatura. Neste período, os negros eram retratados na imprensa de uma forma deveras negativa, quase sempre associados ao cometimento de crimes, desordem ou balbúrdia no caso dos homens e prostituição no caso das mulheres. A imprensa convencional era elitista e não tinha apreço pela comunidade negra (Farias, 2019). Durante o tempo em que a escravidão vigorou no Brasil como um mecanismo de geração de riquezas, houve também o recrudescimento de uma desigualdade social e racial, na qual os negros eram relegados a uma suposta condição de inferioridade (Siqueira, 2022). Mas mesmo no período de vigência da escravidão, consoante Farias (2019), a história evidencia a publicação de um pasquim liberal denominado

em sua primeira edição, de 14 de setembro de 1833, no Rio de Janeiro, *O Homem de Côr*.

A partir da terceira edição de 16 de outubro do mesmo ano seu título foi alterado para *O Mulato, ou O Homem de Côr* (Brasil, 2018), o qual tinha como linha editorial, textos escritos por redatores cuja realidade não era muito distante de seu respectivo público-alvo, focalizando em temas como, por exemplo, a discriminação sofrida pelos negros nesta época. A Figura 7 mostra uma cópia da primeira edição do jornal *O Homem de Côr*.

Figura 7: Capa do jornal *O Homem de Côr*



Fonte: Jornal *O Homem de Côr*. (Hemeroteca Biblioteca Mario de Andrade - 2023).

Outro jornal negro do qual se tem notícia antes do fim da escravidão é denominado como *O Homem: Realidade Constitucional*, datado de 1876, no Recife, estado de Pernambuco (Araújo; Peruzzo, 2021). Os primeiros jornais negros no Brasil tiveram a sua relevância para a negritude brasileira, no sentido de adotar na sua linha editorial, reivindicações do negro na sociedade brasileira. O público leitor destes jornais era formado por negros e mestiços livres, os quais tinham como mote a adoção de melhores condições de vida (Moura, 2014).

A escravidão no Brasil perdurou por mais de três séculos, todavia, no ano de 1850 houve o fim do tráfico transatlântico de africanos, desencadeando uma série de medidas, como as leis do Ventre Livre (1871) e dos Sexagenários (1885), que antecederam o final da escravatura com a famigerada Lei Áurea (1888) (Araújo; Peruzzo, 2021). O fato é que o regime escravocrata no Brasil foi mais longo que outros países, sendo o último a abolir a escravidão (Schwarcz, 1996; Tiede, 2018). Todavia, o advento da abolição não representou necessariamente o fim da questão racial no Brasil, uma vez que a partir de então percebeu-se a necessidade de ampliação dos debates atinentes a esta temática, considerando o aspecto miscigenado da sociedade brasileira (Schwarcz, 2012).

Esta marginalização que se tornou emblemática contra a comunidade negra gerava situações envoltas em preconceito contra esta parte da população brasileira. Um dos óbices existentes na segunda metade do século XIX era a proibição da presença de crianças negras nas escolas, ainda que isso não significasse um empecilho para que um aluno negro tivesse acesso à educação, mas ainda assim pessoas “de côr” conforme o pensamento da época não eram bem-vindas no ambiente escolar (Farias, 2019). Hodiernamente à luz da Constituição (Brasil, 1988) todos são iguais perante a lei e, dentre os direitos essenciais, a educação é um item *sine qua non* para a formação do aluno cidadão numa perspectiva emancipatória (Freire, 1996).

Sobre a organização do movimento social negro no Brasil, o estudo de Araújo e Peruzzo (2021, p.233) pontua o seguinte:

O movimento social negro brasileiro se organiza de forma mais sólida a partir da indignação dos negros, que na condição de ex-escravizados ou de pessoas que já nasceram livres, continuavam marginalizados na sociedade brasileira. É importante destacar que, além de não terem acesso igualitário

à educação nem direito a voto e enfrentarem escassez de postos de trabalhos, que passaram a ser ocupados por imigrantes brancos, muitos negros migraram para as grandes cidades e foram aglomerados nas periferias das capitais, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, localidades, dentre outras, onde o movimento negro brasileiro era mais estruturado.

Neste cenário, um dos fatores que corroboraram para que a imprensa negra existisse e desempenhasse papel preponderante contra o silenciamento da voz dos negros diz respeito a atuação de intelectuais denominados na época como “homens de côm”, os quais colaboraram para que a imprensa negra existisse (Tiede, 2018).

2.1 As Teorias Eugenistas no Brasil

Antes de descrever sobre a relação entre o Estado brasileiro e as teorias eugenistas, é conveniente mencionar alguns aspectos referentes a estas teorias. De maneira sintetizada, pode-se considerar que o termo eugenismo faz menção a existência de um grupo superior e privilegiado, de maneira que os demais grupos existentes são vistos como inferiores e, por conta desta condição, não usufruem de uma condição de vida mais digna (Malheiros, 2022). Conforme estudo realizado por Souza (2006, p.21):

Quando as discussões sobre a eugenia foram introduzidas no Brasil nas primeiras décadas do século XX, suas idéias (sic) e pressupostos tornaram-se recorrentes no meio intelectual e científico, especialmente entre médicos, higienistas, juristas e educadores. Na literatura nacional, o termo “eugenia” aparecia sempre como símbolo de modernidade cultural, assimilada como um conhecimento científico que expressava muito do que havia de mais “atualizado” na ciência moderna. Falar sobre a eugenia significava automaticamente pensar em evolução, progresso e civilização, termos que constituíam o imaginário nacionalista das elites brasileiras. Em muitos casos, a eugenia era interpretada como a “nova religião da humanidade”, tamanho a admiração e a crença que os “homens de ciência” depositavam neste saber científico.

Não se pode dizer que nos tempos atuais esta lógica, ainda que de forma sutil, permanece, com os negros sendo considerados como seres inferiores, ou ainda, sendo vítimas de preconceito por conta de suas características fenotípicas (Hooks, 2004; Oliveira, 2021). Ainda que de forma velada, o preconceito contra os negros persiste em existir na sociedade contemporânea, a ponto de haver por parte de alguns membros da comunidade negra vergonha de seus traços fenotípicos, sendo o branco vistos como superiores (Santos, 2013).

O estudo feito por Malheiros (2022, p. 2) ajuda na compreensão do sentido atribuído ao termo eugenia:

Entretanto, mesmo antes do termo “Eugenia” ser criado por Galton em 1883, podemos apontar como exemplos algumas recorrências ao longo da história que caracterizam práticas eugenistas.

Ainda na antiguidade, observamos que a concepção espartana do que caracterizava um guerreiro era contrária a qualquer defeito físico, tendo em vista que se valiam de procedimentos desde a tenra infância do menino para que este se aprimorasse nas táticas de guerra, tornando-se assim um bom combatente.

Nas conquistas europeias em territórios como a Ásia, África e colônias americanas, esse discurso eugênico era totalmente aplicável, no intuito de justificar o imperialismo e a dominação nesses territórios, inculcando na mentalidade dos povos conquistados que estes eram “inferiores/subumanos” e, portanto, passíveis de serem dominados pelo europeu “superior”.

A escravização dos povos africanos trazidos para o Brasil repercutiu em séculos de subjugação e exploração destes. Após a abolição da escravatura, que se deu apenas no final do século XIX, a mão-de-obra africana foi substituída pelos imigrantes, os quais além de trabalharem, também faziam parte de uma estratégia para “embranquecer” a nação brasileira, ávida por uma identidade.

Assim, conforme visto em Malheiros (2022), a lógica da eugenia é a afirmação de um patamar superior aos demais tipos fenotípicos, de maneira que a população branca é a grande privilegiada num quadro social assim descrito (Schucman, 2014). Não obstante, as pessoas que integram o chamado *high society*, com toda a sorte de privilégios e concentração de renda são de cor branca (Nascimento, 2020), o que permite constatar que a eugenia nos tempos atuais ainda é, infelizmente, uma realidade.

Além destas explanações, é oportuno observar o que é dito por Seyfert (1995, p. 176) com relação ao termo eugenia.

A cor da pele foi a característica classificatória que se impôs, tanto nas taxonomias científicas como nas concepções mais populares sobre as raças humanas. A cor e a forma dos cabelos e dos olhos, a estatura, diversos índices cranianos e faciais, o peso e o volume do cérebro, entre outros traços fenotípicos, também serviram às distinções raciais realizadas desde o século XIX; o desenvolvimento das técnicas de medição e do conhecimento anatômico mudaram, progressivamente, os critérios classificatórios.

Infere-se que a eugenia no Brasil passou a ser discutida com maior frequência entre as décadas de 1910 e 1920, muito por conta de situações referentes a saúde, saneamento e situação racial da população brasileira. Um dos principais

propagadores da eugenia no Brasil foi o médico Renato Ferraz Kehl (1889-1974) que foi um dos organizadores do movimento eugênico no Brasil entre os anos de 1917-1932 (Souza, 2011). Num de seus estudos, Souza (2006) explica que o surgimento da eugenia no contexto nacional foi visto pelos intelectuais brasileiros no sentido de remover o Brasil do atraso civilizatório, de maneira que o padrão de “raça nacional” pudesse ser melhorado, por meio de uma reforma social.

Assim, no ano de 1918, a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo marcou a institucionalização da eugenia no país e o protagonismo de Kehl, uma vez que ele se tornou o secretário da Sociedade, convidando outras pessoas influentes no meio médico, além de higienistas, juristas e educadores, de modo que a questão da eugenia passou a ser mais integrada também ao campo intelectual brasileiro (Souza, 2005).

No Brasil, entre os anos de 1929 até 1933 aconteceu em São Paulo a publicação do periódico denominado Boletim de Eugenia. Neste periódico a eugenia era entendida como uma ciência, de maneira que figuras representativas que advogavam a favor deste pensamento, como, por exemplo, Renato Kehl, Roquette-Pinto e Gustavo Barroso adotavam um discurso científico para justificar a relevância da eugenia (Souza, 2011), embora, segundo Rocha (2010), a real intenção da teoria eugenista era o branqueamento da raça. Num de seus estudos, Souza (2006) relata que a eugenia fora vista no início do século XX como uma forma de melhorar a imagem do Brasil no panorama internacional.

De forma mais detalhada, Souza (2006, p.23) faz um vínculo entre a predileção pela eugenia pelas elites brasileiras com a visão negativa que os estrangeiros tinham do Brasil, conforme trecho destacado a seguir:

A partir da metade do século XIX, muitos cientistas, viajantes e intelectuais estrangeiros, apoiados nas teorias científicas e nos (pre)conceitos raciais, haviam pronunciado diversos veredictos extremamente desfavoráveis ao futuro do Brasil. Escritores como Arthur de Gobineau, Louis Couty e Louis Agassiz - que estiveram no Brasil durante a década de 1860 - além do inglês Thomas Buckle, consideravam o Brasil como um “território vazio” e “pernicioso à saúde”, enquanto os brasileiros eram vistos como “seres assustadoramente feios” e “degenerados” Para estes viajantes, uma conjunção de fatores climáticos e raciais, sobretudo a “larga miscigenação”, era mobilizada para explicar a suposta inferioridade do homem brasileiro e a impossibilidade do Brasil acessar os valores do “mundo civilizado”.

Entender a formação do Brasil a partir de suas origens étnicas e históricas, assim como os conceitos de nação e nacionalidade, são passos necessários e

importantes para se compreender as diferentes posições políticas que emergiram no período da Era Vargas (1930-1945), pois os movimentos sociais e a imprensa negra que surgem neste contexto, principalmente a FNB, estão dialogando e buscando resposta para o que seria a nação brasileira. A entidade era um reflexo da sociedade excludente que se gestava desde o fim da escravidão e que se modificou com a chegada de imigrantes europeus, que embora estivessem à procura de trabalho e oportunidades, contribuíram com a miscigenação do país (Farias, 2019; Tiede, 2018).

Sobre o aspecto miscigenado da população brasileira, cumpre mencionar que essa era uma característica que não era bem vista pelos estrangeiros. Souza (2011) ao narrar sobre uma passagem onde o historiador alemão Rüdiger Bilden expõe em seus manuscritos sobre o Brasil em 1929, explana que a condição heterogênea que caracterizava a dimensão racial brasileira era vista como um ponto fraco do governo brasileiro. Este mesmo estudo de Souza (2011) cita o estudo do inglês Gustav Spiller (1911), o qual ao dissertar sobre igualdade racial, diz que os preconceitos são oriundos da falta de inteligência e sabedoria dos humanos ao lidar com sujeitos de diferentes culturas. O projeto intelectual lançado por Roquete-Pinto acerca dos estudos antropológicos visava também denunciar as deficiências e a falta de rigor científico na descrição da realidade Souza (2011).

Dessa maneira é necessário compreender que as tendências adotadas pelo jornal *A Voz da Raça* e por suas lideranças, refletiam o anseio de querer problematizar com seu público as concepções debatidas pela intelectualidade política, pela ciência e pelos partidos. O integralismo, por exemplo, trazia a discussão sobre raça, mestiçagem e a valorização dos elementos nacionais, apesar de ter influências claramente fascistas defendidas por líderes como Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso (Oliveira, 2015). Nesse período discutia-se também na Europa as teorias Evolucionistas e o Darwinismo Social, que pregavam a supremacia de uma raça sobre a outra, como nos explica Cruz (2006, p. 71):

Cada raça teria qualidades distintas e peculiares, determinadas por sua constituição biológica, sendo que as raças não seriam simplesmente diferentes, mas haveria uma hierarquia entre elas, dando origem à ideia de raças “superiores” e raças “inferiores.

O passado de escravidão conferiu aos negros no pós-abolição vários

estigmas, entre eles de ladinos, boçal e pária, adjetivos atribuídos pelos senhores de escravos, uma das armadilhas do preconceito, desde sua chegada para escravização (Silva; Oliveira, 2015). Uma das formas de se livrar dessas marcas sociais construídas sobre seus corpos, segundo o discurso do jornal era buscando conhecimento, se escolarizando, pois o letramento era a primeira conquista para tornarem-se cidadãos brasileiros respeitados por sua contribuição na história do país, e assim criando mecanismos para a construção do orgulho racial negro (Farias, 2019).

A ideia de pária da sociedade, estava ligada a outros pré-conceitos gestados no pós-abolição, ser negro estava ligado ao atraso, retrocesso e a irracionalidade, apesar desse pensamento ser combatido, constantemente, pelo jornal *A Voz da Raça*, estava calcada num imaginário racista forjado pelas teorias raciais em voga na Europa e trazidas para o Brasil. Conforme Cruz (2006), Gustave Le Bon havia desenvolvido uma teoria que, embasada em critérios anatômicos, fazia uma correlação entre espécies animais e raças humanas, de maneira que o gênero humano compreendia em sua constituição muitas espécies separadas e de origens diferentes.

Foram muitos cientistas estrangeiros que escreveram tratados científicos, sobre a realidade e o caldeamento étnico que existia no Brasil a partir de um viés eurocêntrico e racista, mesmo sem conhecer a realidade do país, tendo a eugenia como elemento basilar (Souza, 2005). Essas obras tornaram-se referência à época, lidas por todo o mundo e apresentadas em congressos para justificar a hierarquização das raças e a necessidade da imigração europeia para o desenvolvimento de uma suposta civilização brasileira. Conde de Gobineau (1816-1882), conhecido como pai das teses racialistas morou no Brasil e possuía relações estreitas com o imperador Pedro II, e segundo Amorim (2019, p.68), seu pensamento acerca das relações raciais era:

[...] extremamente hierárquico do ponto de vista da diversidade racial e enfático na superioridade da raça ariana. Lidava de forma extremamente discriminatória em relação aos brasileiros, em sua visão, mestiços e impregnados de sangue negro, carentes de civilização e impossibilitados de alcançá-la. Sendo um dos mais enfáticos da degeneração do mestiço

A escola Francesa possuía uma forte influência sobre a coroa portuguesa no Brasil, após o retorno de Gobineau a Europa, chegou em 1878 no país Louis Couty

(1854-1884), também francês, sob indicação de Alfred Vulpian⁸ para assumir o cargo de professor de Biologia Aplicada na Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, a pedido do imperador D. Pedro II. Além disso, Couty foi professor no Museu Nacional onde faria com que suas ideias ganhassem adeptos (Amorim, 2019). Nos dizeres de Stahl (2016, p.12):

Louis Couty sedimentou em seu contexto, pelo viés científico, uma ideia de trabalhador europeu ativo capaz de substituir não apenas o trabalho do negro escravizado, mas também capaz de constituir um povo que seguiria o modelo europeu de civilização, tornando-se assim, um porta-voz do imigrantismo, ideólogo do branqueamento.

A Europa vivia um contexto de modernização e havia a necessidade de uma transformação/modernização da ciência no império (Stahl, 2016). Em contrapartida, a elite intelectual brasileira representada por Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Oliveira Viana assimilaram muito bem esses modelos científicos produzidos na Europa e os reproduziu de acordo com a realidade brasileira, visando a construção de uma nação branca, com costumes e modelos tipicamente europeus (Barbosa, 2016).

A imigração Europeia dessa maneira, foi apoiada e incentivada, por alguns desses intelectuais com a intenção de misturar o sangue negro com o branco até que o primeiro se perdesse e o sangue de negros e índios viesse a desaparecer por completo da sociedade, mesmo que, para isso, fosse preciso esperar por três ou quatro séculos (Barbosa, 2016). É importante lembrar que essas ideias foram baseadas nos modelos eugenistas, ariano e deterministas predominantes na Europa (Malheiros, 2022). Roquete Pinto foi um dos cientistas que melhor formulou, a partir dos estudos biológicos, as críticas ao racismo científico (Souza, 2011), porém havia ambiguidades e dilemas em seu discurso, principalmente no que concerne a miscigenação entre os tipos nacionais e o imigrante branco, essa mistura segundo Roquete Pinto, tenderia a um acentuado predomínio das características do segundo, o que reafirmaria a tese do branqueamento (Souza, 2011).

O integralismo retirou o debate sobre a composição racial brasileira e o caldeamento étnico da esfera da ciência e levou para a instância política, apontando a necessidade de pensar uma nação que acolhesse seus elementos nacionais, como

⁸ Alfred Vulpian nasceu em Paris, em 1826, e estudou medicina na École de Médecine de Paris. Depois de se formar, trabalhou como assistente de Claude Bernard, um dos mais importantes fisiologistas da época.

o indígena, sertanejo e o mestiço.

2.2 A Frente Negra Brasileira e a relação com o movimento integralista

Muitos estudiosos ao se defrontarem com o conjunto de jornais que constituem a assim chamada imprensa negra, optam por estudar os jornais que apresentam uma ideologia mais libertária, a esquerda do processo político que se desenhou na década de 1930 no Brasil (Farias, 2019). Ao se depararem com *A Voz da Raça* e a FNB desviam o olhar da complexidade político ideológica que a permeava, pois está comprovado historicamente que seu fundador e líder Arlindo Veiga dos Santos⁹ pertencia a uma pequena intelectualidade negra que havia no começo do século XX e era defensor do monarquismo¹⁰ e fundador da ação Patrimonista Brasileira.¹¹

Alguns autores costumam retirar a FNB de seu contexto e de seu tempo, atribuem a forma como seus líderes escolheram para se comunicar e articular com os movimentos políticos que surgiam no país, tal qual o integralismo e ao mesmo tempo o público operário negro, de conservadora, fascista e nazista. Faz necessário, primeiramente, esclarecer os significados desses movimentos políticos que foram predominantes na Europa, em especial na Itália e na Alemanha (Griffin, 2006). O fascismo e suas variantes são caracterizados pela ditadura, bem como o anticomunismo, a sanha por perseguição às minorias, negando-lhes direitos básicos e estando à mercê das elites e do patronato (Alcoforado, 2024).

Conforme Pinto (2021), o fascismo em sua essência e na atualidade ultrapassou os domínios europeus, sendo a força do poder central uma de suas principais características. Mas, ao se trazer o debate sobre o viés fascista no contexto da Frente Negra Brasileira, percebe-se, que em seu projeto gráfico editorial as manchetes e matérias estão combatendo os estereótipos e o imaginário racista gestado no bojo das teorias raciais que visavam atribuir ao ser negro o retrocesso, e viam na imigração e no caldeamento étnico, defendido pelos integralistas o caminho para o desenvolvimento de um país civilizado aos moldes da Europa (Pacheco,

⁹ Arlindo Veiga dos Santos foi uma das maiores lideranças da população negra na primeira metade do século XX, respeitado, inclusive pela elite intelectual branca.

¹⁰ Em 1928, Arlindo Veiga dos Santos participava de um grupo de intelectuais católicos que elaborou um programa político monarquista de um novo Brasil.

¹¹ Veiga dos Santos foi o responsável pela criação do movimento patrimonista, tanto referente ao programa como aos estatutos do Centro Monarquista de Cultura Social e Política e da Ação Imperial Patrimonista Brasileira.

2023).

Neste contexto, o integralismo brasileiro se apresentava no Brasil nos anos 1930 como uma das respostas possíveis para um país que se encontrava colapsado (Pacheco, 2023). Neste cenário, a única saída possível seria a adoção do chamado Estado Integral, o qual não somente era o principal responsável por salvar os rumos da nação, mas também ser organizado com base no autoritarismo, nacionalismo e corporativismo, conforme explanado por Trindade (2016). Havia nesse contexto grupos anarquistas, comunistas e socialistas, todos problematizavam a realidade brasileira a partir da formação do Brasil, porém o único que incluía os elementos nacionais em sua pauta eram os integralistas.

Conforme explanado por Bohoslavsky e Broquetas (2020), enfatiza-se que diante do surgimento do fascismo na Europa, seu respectivo ideário foi reproduzido noutras partes do planeta, o que originou o advento de movimentos nacionalistas para além do continente europeu.

Em contrapartida, no campo da política havia entre os nacionais um sentimento anti-imigrantista, antiliberal e um forte sentimento nacionalista de valorização do mestiço e do indígena. Esses eventos internos foram motivados com reflexo de acontecimentos externos. Segundo Oliveira (2008, p.72):

O início da década de 1930 foi um momento de mudanças consideráveis na política mundial. Na verdade, a década de 30 foi o clímax e a consolidação de mudanças que vinham sendo realizadas desde o fim da Primeira Grande Guerra. O sentimento anti liberal e nacionalista crescia avassaladoramente e o governo de países com importante papel no cenário internacional passaram a ser dirigidos por líderes fortes que defendiam esses ideais. Na Europa, por exemplo, a Itália com Mussolini, Portugal com Salazar, Alemanha com Hitler e Espanha com Franco.

O fim do escravismo no Brasil e o surgimento da República não integrou os negros a sociedade de classes que se formava, de maneira que a população negra e mestiça não era vista como cidadãos plenos de direito (Jacino, 2022). Sobre os negros, o que havia era uma significativa marginalização econômica, social e política que gerou diversos conflitos nos ambientes rural e urbano (Farias, 2019). Assim, é possível compreender que a FNB usufruindo da sua capacidade em se comunicar com a população e a ressonância de seu discurso, precisou fazer articulações políticas para concretizar seu objetivo de elevar o negro ao status de cidadão brasileiro. Consoante o que é explanado por Algranti (1988, p.243):

Seus integrantes, todavia, abandonaram as formas de lutas ancestrais e pautaram-se por tentativas de inserção social por meio da manipulação dos mecanismos consentidos pela sociedade que, não obstante, mantinha instrumentos de marginalização e coerção semelhantes aos do período escravista.

No Brasil, a gênese do integralismo remonta ao ano de 1920, mais precisamente por meio da atuação de Plínio Salgado, nascido na cidade de São Bento do Sapucaí, município de São Paulo. Trabalhou como redator do jornal *Correio de São Bento* e na década de 1920, por conta de sua mudança para a cidade de São Paulo, veio a trabalhar no jornal *Correio Paulistano*, o qual era pertencente ao Partido Republicano Paulista e presidido por Alfredo Egydio de Souza Aranha. (Gonçalves, 2013; Trindade, 2016).

Plínio Salgado, juntamente com Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia que fundaram o movimento Verde/Amarelo e, em seguida, um grupo denominado como Anta, o qual conforme Gonçalves (2013) se caracterizava pelo ufanismo radical. Cumpre mencionar um dos fatores preponderantes para a ação integralista no Brasil foi uma viagem feita por Plínio Salgado para a Itália, mais precisamente em 1930 (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020; Schargel, 2023).

Um dos resultados desta empreitada foi o encontro de Plínio Salgado com o próprio Mussolini, o qual gerou dois desdobramentos no Brasil. O primeiro deles foi em 1931, com o jornal *A Razão*, o qual segundo Trindade (2016) serviu para preparar o terreno para uma ação ideológica mais ampliada. O segundo acontecimento diz respeito a criação da Sociedade de Estudos Políticos, também em 1931, a qual de acordo com Gonçalves e Caldeira Neto (2020) consistia numa reunião de intelectuais partidários aos ideais conservadores, pautados no nacionalismo.

A Ação Integralista Brasileira foi inspirada no ideário fascista europeu. Plínio Salgado foi até o continente europeu para ver *in loco* os métodos de governo do fascismo e se encantou com o que viu: a figura de um líder messiânico, o qual comandava um movimento de massas nacionalista (Schargel, 2023). Num breve contexto histórico em relação a Plínio Salgado, o estudo de Gonçalves (2013, p. 2) ajuda a compreender a trajetória de vida desta figura ligada a AIB.

A principal composição política do movimento integralista esteve presente no pensamento do líder, Plínio Salgado. Pertencente a uma família conservadora e tradicional do interior paulista, nasceu em 1895, na cidade de São Bento do Sapucaí. Ainda jovem foi para São Paulo onde se destacou nos anos de 1920 no modernismo; para posteriormente formar, na década seguinte, o primeiro movimento de massa do Brasil: a AIB. Com matrizes

múltiplas, Salgado tinha como propósito a construção de uma doutrina política original, no entanto a circularidade de ideias do período fez com que o Chefe sofresse influências consideráveis para a formação de seu pensamento. Buscou em Portugal o exemplo doutrinário, o Integralismo Lusitano (IL): um movimento de cunho nacionalista da direita radical com visível formação embasada na precursora do conservadorismo, a *Action Française*; que, assim como todos os grupos políticos do princípio do século XX, estabeleceram uma resposta prática para à teoria proferida pelo Papa Leão XIII, em 1891, através da *Rerum Novarum*. Após a influência lusitana na formação do pensamento pliniano e a idealização do integralismo, novamente Portugal foi um destaque na organização doutrinária de Plínio Salgado, quando passou os anos de 1939 a 1946 no exílio, durante o período do Estado Novo getulista, momento que utilizou para reordenar o seu pensamento, ações e articulações políticas, tendo a vertente do espiritualismo católico como força central. Com o fim do período ditatorial varguista, retornou para o Brasil com a afirmação de ser um luso-brasileiro, passando a ser um defensor supremo da política de António de Oliveira Salazar, imagem que seguiu até o fim da vida.

Plínio Salgado era nacionalista e simpático dos ideários do fascismo, bem como avesso à subordinação e às mentalidades europeias. Durante sua viagem escreve ao Brasil defendendo o estado forte conhecido como fascista que observara na Europa e diz ser o melhor, ajustado a realidade brasileira. Segundo Trindade (1974, p 85): “Tenho estudado muito o fascismo Italiano: não é exatamente esse regime que precisamos ai (sic), mas é uma coisa semelhante.”

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi fundada em 07 de outubro de 1932, e adotou como símbolo uma bandeira com um dístico branco sobre um fundo azul, com um sigma maiúsculo (Σ) em seu centro. A AIB, assim como todos os outros partidos políticos, foi extinta após a instauração do Estado Novo, em novembro de 1937 (Farias, 2019).

Nesse período o país vivia um contexto de crises, pois a década de trinta foi marcada por agitações no cenário político e social, conforme pontuado por Oliveira (2008). Neste contexto de crise político e econômica surgem os movimentos grevistas influenciados pelo anarquismo e marxismo, compostos por imigrantes europeus que adentravam o país e traziam consigo novas teorias como; o fascismo e o nazismo que despontavam na Europa e chegavam em território nacional. Segundo Trindade (2016), esse contexto, de desenvolvimento de uma consciência proletária, foi um terreno fértil para o desenvolvimento da AIB e mais tarde, para a atuação de Plínio Salgado (Gonçalves, 2013; Gonçalves; Caldeira Neto, 2020).

Segundo Schons (2023), o integralismo utiliza um léxico onde a sociedade e o homem são moldados e recriados enquanto objetos passivos, pelo Estado Integral, o qual conforme Pacheco (2023) seria na época a única tábua de salvação para o

Brasil. O estado ideal de Plínio Salgado detém uma “autoridade efetiva” que o leva a tomar conta dos aspectos “materiais”, intelectuais e morais do ser humano, de forma que este está na condição de alguém que necessita de condução, conforme dito por Schons (2023).

Antes da fundação da AIB, Plínio Salgado com sua formação de jornalista, tivera relação com a imprensa secular em São Paulo, trabalhando no jornal o Correio de São Bento (Gonçalves; Simões, 2011). Nesse período, começa a ter contato com representantes do movimento artístico modernista, como Menotti de Picchia, Cassiano Ricardo. Plínio Salgado também era escritor, redigiu “O ESTRANGEIRO”. Quando viajou para a Europa e teve contato com o fascismo italiano que Salgado colocou em prática seu objetivo de criar um partido com orientações fascistas no Brasil. Salgado ao retornar de viagem, coloca em prática seu intento de fundação de um partido político com ideário fascista, utilizando a imprensa para difundir os pensamentos deste novo partido (Ferreira, 2023; Schargel, 2023).

Vê-se que ele refletiu sobre o estado adequado as necessidades dos nacionais. É possível perceber também a crítica ao sistema liberal democrático e a defesa de um estado forte, que é o principal alicerce do discurso dos integralistas (Schons, 2023). Acerca do fascismo defendido por integralistas e por conseguinte por negros, afirma que é necessário buscarmos uma compreensão maior do seu significado. Pode-se considerar que o fascismo dos anos 1920 e 1930 se notabilizava pelo Estado forte, de caráter totalitário, havendo no poder uma única autoridade. Além disso, os esteios sustentáculos do fascismo são a violência e a repressão às minorias, sendo que figuras como Hitler e Mussolini exemplificam a figura do governante fascista (Alcoforado, 2024; Costaguta, 2019).

Os movimentos de defesa da pátria, mesmo repudiando as políticas imigrantistas que havia no país, existiam internamente com o costume de copiar e colocar em prática os princípios do fascismo europeu (Pacheco, 2023). Havia um ideal modernizante na cidade de São Paulo, nos quais a arquitetura das ruas e das pontes eram copiados da Europa, nesse caso não foi diferente com os movimentos e tendências políticas existentes, que tinham como referência as ideias europeias (Gonçalves, 2013). O estudo de Gonçalves e Caldeira Neto (2020) relatam que no Brasil este fenômeno ainda é latente, sob a égide do discurso patriota e viés conservador e discursos de ódio contra o comunismo e seus adeptos.

Ao explicar as principais características de um regime fascista, o estudo de

Schargel (2023), com base em Paxton (1988, p. 17) detalha os principais aspectos referentes a este tema:

[...] um movimento fascista depende de diversas variáveis para passar de estágios, mas uma em particular se destaca: a necessidade de apoio de elites conservadoras e/ou liberais, que não se misturam com os fascistas, mas buscam apoiá-los como uma “alternativa muito pior”, ou “uma escolha muito difícil” em relação à esquerda. Em suma, o medo dos conservadores em relação a uma alternativa à esquerda catapulta uma aliança desconfortável com os fascistas, como Paxton lembra sobre o exemplo francês: “O fascismo inicial prosperou na França, mas a maioria dos conservadores não se sentiu suficientemente ameaçada na década de 1930 para pedir sua ajuda, e o fascismo não estava suficientemente enraizado e forte para se impor como alternativa.

O integralismo surge como uma filosofia política que tinha como norte principal defender os elementos nacionais: o negro, o caboclo e o mestiço, além de criticar os estrangeirismos que adentravam o país (Gonçalves, 2013). Diante desse contexto de crítica da elite e valorização dos elementos nacionais, verifica-se também a consciência da população negra, como no manifesto de Arlindo Veiga dos Santos em um panfleto conclamando a raça a conhecer a FNB e fazendo críticas aos comunistas:

[...] Inimigos esses que acodem pelo nome nefando e criminoso de comunistas quase todos estrangeiros, cujo jugo altiva e violentamente repelimos, quer se escondais sob o manto de “salvadores” dos operários cosmopolitas quer se engracem sob o título suspeito de amigos de lutas....de classe [...] (Panfleto de 04-05-1932).

Segundo Predebon (2019), a posição da AIB em relação ao negro não é explicitada de forma direta, mas pode-se depreender elementos para a compreensão do movimento em relação ao negro quando se analisa o projeto de nação proposto pela AIB. Percebe-se que não há um consenso sobre a relação dos negros com os integralistas, porém existem evidências da participação dos negros engrossando as filas do movimento pensado por Salgado e Miguel Reale (Fiorucci, 2012; Santos; Bento, 2023). O Nacionalismo integralista combatia a manutenção de identidades culturais de comunidades imigrantes, defendendo a nacionalização dessas comunidades. Ainda segundo Predebon (2019, p 251):

[...] o objetivo integralista, expresso no manifesto de outubro era unir os brasileiros em um só espírito para a consolidação de uma nação organizada, una, indivisível e forte, com a finalidade da criação de uma cultura e civilização genuinamente brasileiros, apesar do discurso de integração nacional a defesa dos integralistas em relação aos ideais de miscigenação visava, em sua finalidade, ao branqueamento da população [...].

Por sua vez, o estudo de Dias (2019) ano descrever sobre a Frente Negra Brasileira, pontua duas situações que se mostram conexas com a temática debatida aqui neste trecho do estudo. Esses aspectos são: a) não se pode negar o contexto histórico no qual a FNB estava inserida, bem como a luta desse movimento contra o racismo; b) de forma paradoxal, a FNB demonstra em sua trajetória uma interface com um movimento de gênese e características fascistas, como é a Ação Integralista Brasileira, sendo ela, por sua vez, mais alinhada com a direita nacional e internacional (Rios, 2014).

Analisando a estrutura da AIB e FNB é possível observar que existia uma afinidade e uma convergência entre os discursos que podem ser encontradas na defesa do nacionalismo, no repúdio ao comunismo, desprezo pelas democracias liberais, apreço pelo catolicismo, bem como a rígida estrutura hierárquica que estavam presentes nos dois movimentos. Isso é descrito por Lannes (2002, p58) ao detalhar sobre a estrutura da Frente Negra Brasileira no trecho abaixo destacado:

Sobre a sua estrutura administrativa, é inquestionável o elevado grau de organização. O Grande Conselho reunia-se semanalmente e era composto por todos os associados responsáveis pela administração, estando subdividido em vários setores: - Presidente: máxima autoridade dentro do Conselho e da própria Frente Negra, referendando ou não, todas as decisões; - Conselheiros: tinham função fiscalizadora, salvaguardando as diretrizes do Grande Conselho; - Secretário Geral: substituto do presidente em sua ausência. Era o responsável pelo bom andamento das atividades da sede. Possuía também a importante função de controlar e muitas vezes censurar as comunicações e publicidades da Frente; - 1º Secretário: responsável pela correspondência das delegações, atas e portarias. - 2º Secretário: atendimento direto aos associados, buscando atender suas solicitações. - Cabos: agentes externos da Frente Negra, com autoridade sobre os sócios. - Tesoureiro Geral: responsável pela parte financeira da instituição. - Fiscais: responsáveis pela ordem material e moral da sede, cuidando da limpeza e do policiamento.

Malatian (2013) acrescenta que esse aspecto da rigidez nas normas da FNB era exemplificado com os membros que não realizavam as contribuições mensais, os quais chegavam a ser ameaçados. Assim, o que se vê é que a FNB por um lado se mostrou importante, não somente pelo seu alcance, chegando a ter 100.000 membros em 1936 conforme Domingues (2008), mas também pelo papel desempenhado pela Imprensa Negra no tocante ao debate racial no Brasil (Lannes, 2002). Mas, por outro lado, os diálogos com a AIB e a FNB geram tensionamentos justamente pelo cenário contraditório no qual estes dois movimentos interagem, conforme dito por Dias (2019, p.15):

Pensar o fascismo, aliado a institucionalização e a contestação promovida pela FNB traz diversos problemas. Dentre eles, pode-se observar, por exemplo, a recusa crítica dos movimentos negros contemporâneos em construir uma análise que vá além da mera representação que a FNB projeta sobre si mesma. Por isso, pensar a perspectiva fascista e autoritária da FNB, gera demasiado incomodo nos militantes e nas organizações do movimento negro. Talvez por isso, essa temática seja escassa de uma análise crítica.

Outro problema metodológico encontrado, diz respeito à própria história da FNB e a sua relação com a conjuntura nacional e internacional. Destarte, a ascensão do Nazismo na Alemanha, o Fascismo na Itália e o cenário de efervescência das lutas sociais no Brasil encontraram eco na perspectiva política da FNB.

Segundo Kössling (2004, p.24): “[...] o desejo de integração nacional fomentado pela AIB foi um grande atrativo para atrair a presença de negros ao movimento.”. É possível perceber que havia uma preocupação dos integralistas em não vincular o negro a inferioridade racial e aos estereótipos que pairavam no imaginário social, propagado pelas ideias de caldeamento étnico já discutidas anteriormente.

2.3 O integralismo nas páginas do jornal *A Voz da Raça*

O objetivo da FNB de lutar pela elevação moral e intelectual do negro encontrava eco nas propostas integralistas, ambos movimentos acreditavam no ideal de uma raça brasileira, apesar do discurso integralista de valorização da contribuição de cada elemento étnico para a formação da nação brasileira. É possível perceber que o significado do símbolo “sigma”¹² da AIB reforçava a ideia de integração das forças sociais na nacionalidade (Kössling, 2004, p.21)

Para os integralistas não havia preconceito racial e sim exclusão social, conforme Kössling (2004, p.22): “[...] os problemas que porventura os afrodescendentes sofriam eram explicados como decorrentes do capitalismo e liberalismo que recaia sobre toda a sociedade brasileira”.

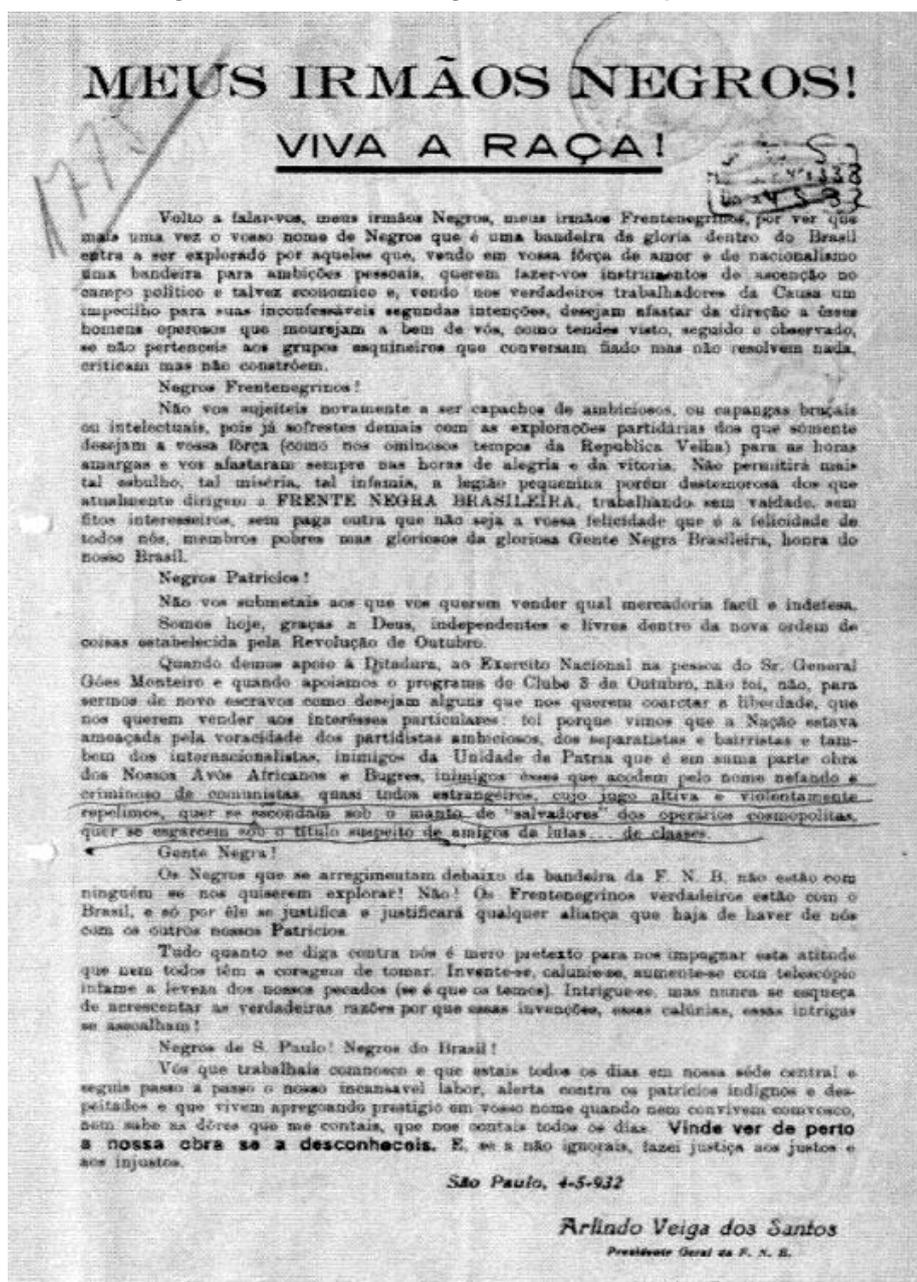
Em oposição, segundo Jacino (2022), o debate no Partido Comunista girava em torno das práticas sindicais, da relação com setores médios, com o tenentismo e a burguesia, mesmo em sua fundação em seu estatuto a questão racial era secundarizada. Para o Partido Comunista Brasileiro – PCB, o racismo não era uma pauta importante a ser discutido, era sempre minimizado por suas lideranças. De

¹² Sigma (Σ), Letra do alfabeto grego que em matemática significa soma.

acordo com Chadaverian (2012, p.255):

É possível identificar duas fases distintas no tratamento dado pelo PCB à questão racial. Na primeira, entre 1922 e 1933, haveria um profundo desinteresse e uma tendência a minimizar o racismo como um problema relevante da nação brasileira. A partir de 1934, resultado das pressões da Internacional Comunista, teria ocorrido uma mudança nas análises sobre a realidade brasileira, com críticas à condição de negros e indígenas.

Figura 8: Meus irmãos negros! A Voz da Raça



Fonte: Biblioteca Mario de Andrade (2024).

Nessa imagem Veiga do Santos critica a presença dos negros em outros partidos o que ele chamou de exploração partidária, pois essas tendências

arregimentavam os negros e não possuíam um programa que visasse a mudança da realidade social negra. O líder da FNB diz que qualquer aliança que a entidade fizesse se justificava pelo Brasil. O integralismo também possuía uma pauta de mudança econômica do país. Veiga dos Santos está chamando os negros a se unirem em torno de um único programa para o país, apenas dessa maneira poderia haver a elevação política e econômica do povo negro.

Nos anos seguintes, o partido comunista, reconhece a situação de exclusão a que os negros e indígenas vivenciavam e fazem críticas, porém essa inflexão teórica teria sido insuficiente para reorientar a política do partido com manifestações inequívocas contra o racismo e a discriminação racial (Jacino, 2022). A Frente Negra Brasileira em seu jornal no primeiro exemplar também critica os estrangeirismos que eram recorrentes no Brasil, principalmente o materialismo histórico, presente em diversas plataformas políticas dos grupos daquele período.

[...] E a nação somos nós com todos os outros nossos patrícios que conosco, em quatrocentos anos, criaram o Brasil. Não podemos, pois permitir que impunemente uma geração atual, que é um simples momento na vida eterna da nação, traia a Pátria, quer atirando-se nos erros materialistas do separatismo (que nada mais é do que efeito da concepção do “Materialismo histórico” [...]) (*A Voz da Raça*, Ano I, 18 de Março de 1933).

Figura de destaque no movimento negro, José Correia Leite, no livro denominado *Frente Negra Brasileira: depoimentos*, Barbosa (1998, p.65), afirma que:

[...] o motivo de sua dissidência da organização, após uma série de conflitos que tivera com o então presidente, Arlindo Veiga dos Santos, seriam suas ideias monarquistas e também o fato de Raul Joviano do Amaral, vice-presidente, defender milícias.

Conforme Cuti (2007) e Jacino (2022), Correia Leite dizia que dentro da FNB, costumes que eram específicos do fascismo, do hitlerismo e do integralismo, como braços estendidos e hinos eram recorrentes. Já Francisco Lucrécio que integrou a diretoria da FNB após sua fundação (Santos; Quirino Neto, 2015). Em seu depoimento presente na obra de Barbosa (1998, p. 44), relata que:

[...] naquele contexto, foi difícil para o negro se situar, era um momento em que várias ideologias políticas tanto de direita como de esquerda despontavam, assim os negros eram obrigados a fazer a política de boa vizinhança com Plínio Salgado e com Prestes.

Há no jornal vários discursos de apreço pelo integralismo apesar do jornal apresentá-la como intriga da imprensa secular: “A FNB impôs-se a adesão simpatia

estima e gratidão de brasileiros nacionalistas integrais.”¹³

Num periódico de 1933, Salomão Ferraz¹⁴ afirma:

Em São Paulo, o integralismo procura influenciar os elementos da raça preta, constituindo a FRENTE NEGRA BRASILEIRA com tendências acentuadamente monarquistas.

Figura 9: A Voz da Raça, 29 de maio de 1933



Fonte: Biblioteca Mário de Andrade (2023).

Na capa retratada na Figura 9, Isaltino dos Santos escreveu um artigo, intitulado: “AGINDO DE MÁ FÉ” rebatendo Salomão de Ferraz em seu livro “A FÉ NACIONAL”, em que esse teria dedicado um capítulo sobre a relação da FNB com o integralismo, Veiga dos Santos critica, afirmando:

¹³ A Voz da Raça 25/03/1933 p.1.

¹⁴ Presbítero da Igreja Católica redigiu o livro: A fé Nacional.

A FNB não está, e não tem ligação com ninguém, embora queiram os mestificadores, e aproveitadores de oportunidades, por mais de uma vez, já tem ela afirmado tal, está a FNB, com o Brasil e com os negros, para a qual foi criada [...]. Ela não tem como querem ligação ou compromisso com partido político algum os seus dirigentes, de cabeça altiva convidam a qualquer partido político do Brasil, ou mesmo políticos que possam desmentir esta verdade (A VOZ DA RAÇA, p.1. 25-03-1933.

Nesse mesmo artigo, Isaltino deixa claro que, apesar de Veiga dos Santos ser o presidente geral da FNB e ser chefe do movimento patrionovista no Brasil, dentro da FNB, ele era apenas negro (Farias, 2019). As suas visões políticas não influenciavam a organização conforme o mesmo teria declarado a imprensa de todo o país. A importância de se alfabetizar o negro era para ter igualdade perante a lei, esse era o maior anseio da FNB, pois sem educação o negro não mudaria sua situação, e para levar a efeito seu projeto de educação fizeram alianças com diversos partidos (Moura; Ferrara, 2002). Em suma, a FNB visava “O aperfeiçoamento de seus elementos formando a consciência social e política”.¹⁵ “O negro brasileiro deve ter toda formação e toda aceitação, em tudo e em toda parte dada as condições competentes (que devem ser favorecidas) fiscais, técnicas, intelectuais morais, exigidas para a igualdade perante a lei.

Acerca dessa afirmação SALTÍ¹⁶ rebate dizendo:

A FNB não está e não tem ligação com ninguém, embora queiram os mistificadores e aproveitadores de oportunidades, por mais de uma vez, já tem ela afirmado tal, está a FNB com o Brasil e com os negros, para a qual foi criada.p.1.¹⁷

O líder do movimento integralista Plínio Salgado, escreve nas páginas do jornal em 1934:

O Brasil está repleto de companhias sindicatos, bancos estrangeiros, que lhe devoram as entranhas, o Brasil tem na barriga uma série de partidos políticos imorais. O Brasil sofre a sarna de uma imprensa escandalosa, quasi toda vendida a grupos e panelinhas. O Brasil está atacado de gangrenas comunistas¹⁸.

¹⁵ A Voz da Raça 1937 p.1.

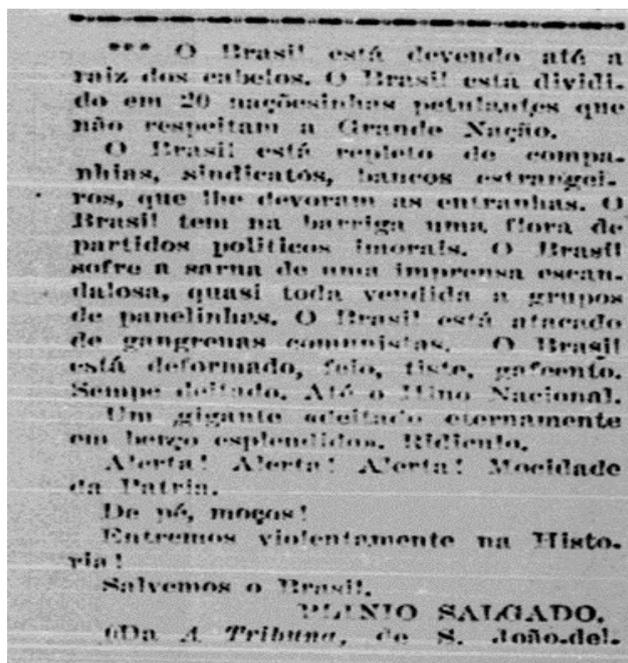
¹⁶ Codinome presente em alguns exemplares do jornal do ano de 1933.

¹⁷ A Voz da Raça 25/03/1933.

¹⁸ A Voz da Raça 25/03/1933.

Desde 1933, quando se acirrou a disputa ideológica, os integralistas encontraram apoio na FNB e espaço na *A Voz da Raça* para propaganda de seu movimento, em aliança na luta anticomunista e nacionalista (Malatian, 2015, p.222).

Figura 10: *A Voz da Raça* – edição de 26 de maio de 1934



Fonte: Biblioteca Mário de Andrade (2024).

Havia uma afinidade de ideias, ambos primavam pela valorização do nacional, um Brasil dos brasileiros, sem influências estrangeiras. “A VOZ DA RAÇA” criticava constantemente as tendências políticas europeias que aportavam no Brasil com os imigrantes (Souza, 2021). Nessa mensagem representada pela Figura 10, nota-se um discurso contundente em relação a esta questão, onde Plínio Salgado tece severas críticas direcionadas não somente para a imprensa, mas também para o *status quo* social da época, o qual estaria fortemente dominado por influências estrangeiras, sendo que um dos principais ideários dessa corrente fascista de pensamento era a defesa do nacionalismo (Malatian, 2015).

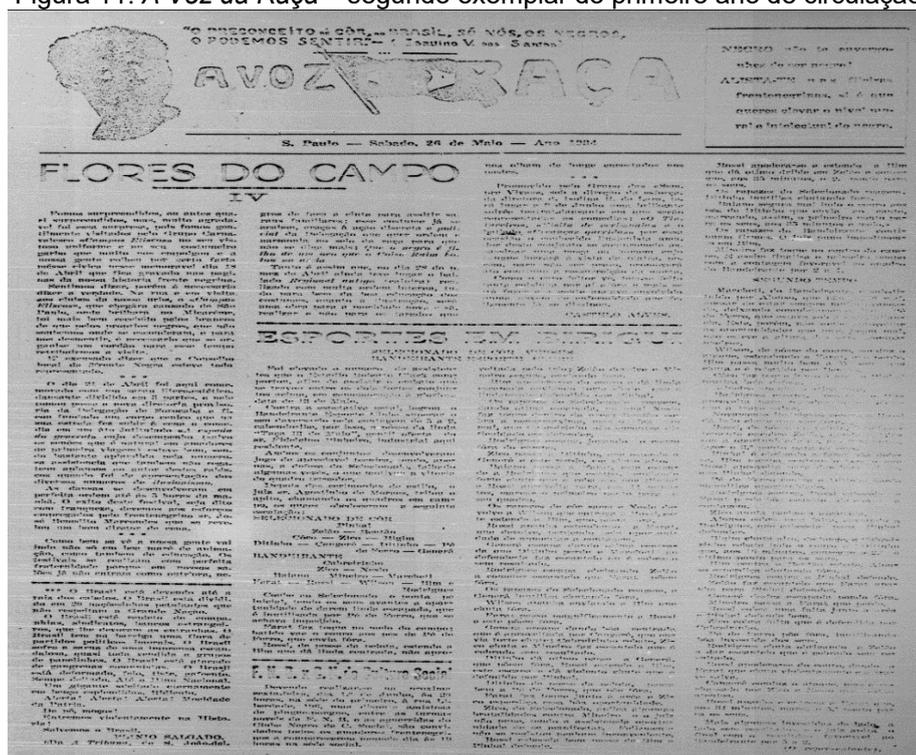
A FNB negociou com os integralistas, em troca do empréstimo anunciado por um de seus editores e criticado pela imprensa, um espaço em seu jornal, pois até o mês de junho do primeiro ano, sempre na quarta página no canto esquerdo, havia um artigo que fazia referência aos ideais integralistas, com palavras; RELIGIÃO, PATRIOTISMO, ESPÍRITO e principalmente a crítica aos partidos políticos. Apesar de

dizer que não havia ligação com partido político, e interpretar as críticas da imprensa secular, como intrigas da oposição, em nenhum momento nega a afinidade nas concepções políticas e proximidade de ideias. Assim Isaltino, o qual era secretário geral da FNB afirma: Está a FNB com o Brasil e com os negros.... (Barbosa, 1998).

Isto demonstrava que existia sim uma proximidade em relação as concepções nacionalistas, porém não diz explicitamente, nega e afirma entre as palavras que compõem o texto. Marcelo Orlando Ribeiro, outro integrante da FNB, considera Vargas como um grande protetor, um benfeitor da raça negra em São Paulo, pois só ele atendeu à reivindicação dos negros de integrar a guarda civil do estado (Barbosa, 1998).

O empréstimo pedido aos integralistas, foi anunciado no segundo exemplar do primeiro ano de circulação, conforme a Figura 11.

Figura 11: A Voz da Raça – segundo exemplar do primeiro ano de circulação



Fonte: (Acervo Hemeroteca Biblioteca Mario de Andrade - 2023).

Demonstrando que existia uma proximidade em relação as concepções nacionalistas, porém de forma não explícita, sem negar ou afirmar. No exemplar de 25 de março de 1934, o codinome SALT1, defende-se das críticas da imprensa secular, sobre este empréstimo que teriam tomado com os discípulos de Plínio Salgado.

A Semana de Arte Moderna no Brasil significou uma mudança radical na forma de conceber a arte no Brasil, revolucionou a estética e trouxe para cena os elementos nacionais responsáveis pela formação da “nação” brasileira, conforme explana Pacheco (2023). De acordo com Oliveira (2008), o que se entendia por antropologia modernista se apropriou de vários elementos, dentre eles os que dizem respeito a cultura africana como símbolo nacional.

O que significava que no campo político havia um sentimento de defesa e união em busca de uma identidade nacional, buscava-se uma raça brasileira, e a FNB apoiava esse discurso. Contudo, no campo das relações cotidianas, a discussão e o debate sobre a discriminação racial com a sociedade, acreditavam na “[...] união positiva de brancos, índios e negros. A defesa desse tipo de brasileiro era uma das faces do nacionalismo” conforme explicado por Oliveira (2008, p.6).

A imprensa integralista, no Brasil tinha o objetivo de aglutinar adeptos com ideais nacionalistas. O desprezo pela democracia liberal era recorrente na FNB, sendo tal propósito compartilhado com o movimento integralista (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020). Andrews (1998), estudioso brasileiro da história dos negros e brancos em São Paulo, aponta os paralelos entre o Integralismo e a FNB, e realça o sentimento anti-imigrantista que era comum as duas correntes políticas.

Conforme Andrews (1998, p. 237):

Se as elites e a classe média branca sucumbiram aos sentimentos anti-imigrantes, não surpreende nada encontrar os afro-brasileiros fazendo o mesmo. Mais que qualquer outro grupo em São Paulo, foram eles que suportaram a violência da imigração e que foram mais repudiados enquanto o Estado era “europeizado.

Apesar de defender o discurso anti-imigrantista presente nas páginas do jornal, a interpreta de forma homogênea, e esquece de pensá-la como uma organização que se faz e refaz no tempo, com múltiplas ações, relações, como entidade contraditória, ambígua, com defensores de várias vertentes políticas em seu interior. Dessa forma não é possível afirmar que a FNB era fascista, pois nessa ideologia defende-se o culto ao líder, a hierarquia e a ordem (Alcoforado, 2024). Esses dois últimos eram recorrentes na FNB, mas o primeiro não era aceito por uma corrente da entidade. Esse foi um dos motivos que levou lideranças de peso na história da imprensa negra, como José Correia Leite e Isaltino Benedito Veiga dos Santos, irmão do então presidente a saírem da organização (Jacino, 2022).

É importante destacar que havia naquele momento um desprezo pelo liberalismo político que já estava presente no Brasil, e apreço por novas ideias. Neste interim, surge o integralismo, trazendo em seu bojo a defesa dos elementos nacionais, até então segregados pelas tendências políticas que adentravam no país (Gonçalves, 2013; Gonçalves; Caldeira Neto, 2020). Concernente a isso, Antônio Candido, no prefácio de *Raízes do Brasil* de Sergio Buarque de Holanda (1995, p.11), afirma:

Traziam a denúncia do preconceito de raça a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos “patriarcais” e agrários, o discernimento das condições econômicas, desmitificação da retórica liberal. Mas talvez significassem outra coisa para os jovens da direita, que em geral tendiam a rejeitá-los.

O integralismo foi uma das tentativas de pensar a nação brasileira, propondo um projeto de reconstrução nacional (Pacheco, 2023). Era até então uma tendência política, com um novo discurso (Ferreira, 2023). A miscigenação estava no imaginário dos integralistas quando chegam ao Brasil, aceitavam o negro, porém eram a favor da miscigenação com a finalidade de embranquecer a nação, eliminar as demais raças de maneira que o resultado almejado fosse o predomínio da raça e cultura branca (Cruz, 2006). O discurso integralista de integração apresenta-se de acordo com as expectativas de grande parte dos afrodescendentes. Em contrapartida, seus líderes, por diversas vezes, eram vítimas de racismo nas filas da AIB. De acordo com Jacino (2022, p.5): [...] que Veiga dos Santos deixou a presidência do movimento Pátria Nova em 1934, “provavelmente em razão do racismo que sofrera por parte dos dirigentes brancos”.

Acerca da relação com o integralismo é possível verificar nas páginas da imprensa integralista em um de seus jornais, *A Ofensiva*, publicado em 1936, anuncia a invasão da Etiópia pela Itália. Este assunto inquietava a comunidade negra nacional, que também estava presente nas fileiras da AIB, ainda que em menor número. O jornal *A Voz da Raça* de 25/03/1933 apresenta uma carta do Dr. Arlindo Veiga dos Santos primeiro presidente geral da FNB em resposta ao senhor Austrejesilo de Athayde, concernente a um artigo que esse havia escrito no jornal *Diário de São Paulo*, criticando a FNB por ter relações com o integralismo, afirma.

O negro brasileiro de ter toda formação e toda aceitação, em tudo e em toda parte, dadas as condições competentes (que devem ser favoráveis, fiscais, técnicas, intelectuais, orais exigidas para a

igualdade perante a lei” depois de um longo trabalho de 5 meses a FNB, impôs-se adesão simpática, estima e gratidão de brasileiros nacionalistas integrais, especialmente daqueles para quem se criou-se os negros brasileiros (*A Voz da Raça*, p.1,1933).

Antes de reivindicar direitos os negros precisavam saber o que significava ser portador de direitos. Havia um discurso que denunciava o racismo e, ao mesmo tempo, pleiteava direitos, numa cidade em que o trabalho constante era sinônimo de progresso e ascensão social. A cultura africana não era rememorada nas páginas do jornal *A Voz da Raça*, o movimento de retorno a África, conhecido como Garveysmo não teve importância para a FNB.

Na frente Negra não tinha essa discussão de volta a África. Tínhamos correspondência com Angola e o movimento de Marcus Garvey, mas não concordávamos. Nós sempre nos afirmamos como brasileiros e assim nos posicionávamos, com o pensamento de que os nossos antepassados trabalharam no Brasil, se sacrificaram, lutaram desde Zumbi dos Palmares aos abolicionistas negros, então nós queríamos, nos afirmamos, sim, como brasileiros. Não queríamos perder nossa identidade de brasileiros. Seguimos, portanto, a linha dos nossos antepassados (Barbosa, 1998, p.46).

Pelo relato de Francisco Lucrécio, um dos colaboradores que esteve em visita ao continente africano, pode-se inferir que a FNB não tinha interesse pela cultura e religião africana, bem como seu modo de vida, concepções e religião (Barbosa, 1998). O desejo era ser visto e reconhecido como negro brasileiro, era desejo dos idealizadores dessa imprensa. No plano do discurso, considerar-se negro brasileiro significava também apropriar-se dos direitos de nacionalidade que aos negros era negada, em detrimento de estrangeiros (Farias, 2019). Assim como os integralistas, a FNB era cristã, seus líderes eram adeptos do Cristianismo, apresentavam e discutiam os valores cristãos com seu público diariamente (Souza, 2021). Porém, quando se tratava da temática religião versus negro, o discurso integralista assumia novas roupagens.

Como se trata de um movimento racista em uma sociedade onde a miscigenação racial faz parte da cultura nacional, os valores cristãos são utilizados para dar uma aparência de “bondade” e “boa intenção” a uma ideologia que defende o racismo, mas cujo caráter racista é inadequado a uma sociedade miscigenada (Cruz, 2006, p. 233).

No partido comunista as pautas raciais específicas eram secundarizadas, como vimos, no integralismo, porém, havia a consciência de integrar os negros a

sociedade, pois tratava de um segmento que vivia a margem da sociedade (Kössling, 2004). Percebe-se que reconheciam aspectos da exclusão social, principalmente pelos negros serem substituídos por estrangeiros, tal atitude corroborava com o discurso religioso católico, usava-se a religião para camuflar o apreço as teorias raciais e o caldeamento étnico, de maneira que muitos negros sofriam racismo nas filas da AIB. Segundo Kössling (2004, p.20), “[...] a discriminação racial não poderia ser tolerada por ser anticristã”.

Para a FNB, qualquer atividade característica do negro não era bem vista naquele momento pelo jornal, pois era o momento em que precisavam concentrar seus esforços na busca pelo conhecimento. Aspectos da cultura africana como o candomblé, capoeira e o samba eram criticados, pois essas práticas contrariavam o projeto de emancipação do negro, sendo essas situações hoje em dia marcas da negritude brasileira (Silva; Sousa; Dja, 2022).

Mesmo assim, o objetivo maior da FNB era pensar um programa político de elevação do negro a partir da educação, em que fossem contemplados, livre de preconceitos e estigmas (Domingues, 2008). Almejavam oferecer o mínimo de infraestrutura que o Estado não oferecia, por isso, aliaram-se, fazendo articulações políticas para levar a efeito seu projeto de integralização. Por esse motivo, é necessário ter um olhar mais atento para o passado antes de julgá-lo. A Frente Negra Brasileira inscreve-se na história do Brasil como entidade com conflitos e contradições internas muito expressivas e incomuns no contexto da década de 1930 (Farias, 2019; Jacino, 2022; Souza, 2021).

Capítulo 3 - Sequência didática com a temática A Imprensa Negra Brasileira e o Jornal *A Voz da Raça*

3.1 Contexto da sequência didática

Embora nos meios midiáticos haja a cristalização do discurso da igualdade entre as pessoas, sendo este um pressuposto para uma sociedade mais justa, sabe-se que isso não se configura na prática, em especial em termos raciais (Bento, 2018). Conforme explanado por Azambuja (2005), apesar de haver sim uma igualdade de direitos, posto que é impossível conceber sociedades sem a devida dignidade humana, na prática há diversas desigualdades, em especial aquelas de natureza socioeconômica, situação essa que é pertinente as discussões sobre os negros e as questões sociais no Brasil.

Sabe-se que, na atualidade, o trabalho escravo é crime, o que corroborado tanto pela Carta Magna (Brasil, 1988) como também pela Lei nº 10.803 (Brasil, 2003). Mas, o que se observa na sociedade contemporânea é um racismo velado, mas ainda assim recalcitrante. Ele abrange desde a questão dos estereótipos, onde pessoas negras sentem-se envergonhadas de seus traços fenotípicos (Santos, 2013), bem como engloba os preconceitos, onde os negros são vistos como uma espécie de sub raça (Hooks, 2004).

Da miscigenação entre negros e brancos, surge a figura do mestiço. Conforme explanado por Lacerda (1911) e descrito por Souza (2011), enfatiza-se que, embora os mestiços não sejam muito afetos ao trabalho braçal, eles são vistos como pessoas inteligentes, com forte disposição para campos de atuação como, por exemplo, a política, as ciências e as letras. Souza (2011) explana que a miscelânea racial que permeia o Brasil ganharia seria vista por olhares menos preconceituosos por meio de estudos antropológicos voltados para a compreensão da formação do povo brasileiro.

Num contexto sociológico, enfatiza-se que conforme explanado por Shucman (2014), quem é detentor de traços de branquitude por si só já é privilegiado, sendo relegado aos negros uma série de barreiras cuja transposição exige destes cidadãos elevado senso de resistência.

Mas, é oportuno mencionar que a luta dos negros por mais espaço na sociedade não é algo necessariamente novo. No estado de São Paulo, mais

precisamente nos anos 1930, ocorreu um movimento denominado como Imprensa Negra, o qual num contexto pós-abolição da escravatura, lutou em busca de melhores condições para a comunidade negra, numa dimensão em que os negros também fossem respeitados como cidadãos e sujeitos de direitos (Farias, 2019).

É neste sentido que a presente sequência didática se apresenta, com um olhar para o passado, mais precisamente para a São Paulo da década de 1930, com suas respectivas nuances sobre o papel da Imprensa Negra na luta pelo combate aos preconceitos e reconhecimento dos negros, bem como de seus saberes e cultura (Jacino, 2022). Enfatiza-se que este olhar para o passado para fins de sua compreensão representa não apenas o resgate de um momento histórico, mas também da sua respectiva relevância, numa época em que os negros eram por vezes estigmatizados como marginais (Farias, 2019), o que, infelizmente, ainda prevalece na sociedade contemporânea (Bento, 2018; Schucman, 2014).

3.2 Objetivos

Apresentar aos alunos a imprensa negra no período de 1923-1937, como forma de organização social da população negra na recente história republicana do Brasil, por intermédio dos seguintes jornais: *O Getulino*, *O Clarim*, *O Clarim da Alvorada*, *A Chibata*, e principalmente o jornal *A Voz da Raça*, produção oficial da Frente Negra Brasileira (FNB). Demonstrar que mesmo diante do preconceito que havia na sociedade brasileira, recém-saída da escravidão, por meio da análise da experiência vivida pelos negros em São Paulo, buscamos apresentar como os negros organizavam-se politicamente e discutiam com a sociedade o preconceito existente.

3.3 Listagem de Conteúdos

- Construir os conceitos de Imprensa Negra;
- Definir o conceito de Imprensa Negra;
- Apresentar os diferentes jornais produzidos pela Imprensa Negra;

3.4 Vivência Cotidiana

Perguntas para sondar o que os alunos sabem.

Movimento Social Negro, meios de comunicação, acesso à informação das minorias sociais.

O que os alunos gostariam de saber sobre a importância da imprensa?

O que se deve aprender com os meios de comunicação?

Como pensar criticamente a grande mídia?

Que mudanças a tecnologia digital trouxe para a imprensa?

3.5 Problematização

Discussão de Conteúdos

Como definir a Imprensa Negra?

Quais os objetivos da Imprensa Negra?

Como surgiu a Imprensa Negra?

Qual as reivindicações dos jornais que formariam a imprensa negra.

Qual a influência dos jornais no cotidiano da população negra?

Há uma imprensa negra nos dias de hoje?

3.6 Dimensões do Conteúdo

Social: até que ponto a imprensa negra exerceu influência sobre os negros da época?

Até que ponto a Imprensa Negra exerce influência sobre os negros atualmente?

3.7 Instrumentalização

Ações didático-pedagógico

Definir o que é a Imprensa Negra e o jornal: *A Voz da Raça*.

Mostrar que as associações de classe e raça existiram como formas de organização social da população negra na história do Brasil republicano.

Utilizar Podcast: CULTNE - Frente Negra Brasileira - Edição completa – Disponível Youtube, assim como imagens e jornais digitalizados.

3.8 Recursos Humanos e Materiais

Texto didático

A Imprensa Negra e a Frente Negra Brasileira

Em 1926, surgiu o Centro Cívico Palmares, precursor da Frente Negra Brasileira (FNB), que tinha como uma das suas finalidades trabalhar a consciência social e política da população negra (Santos, 2021). A intenção era propiciar um espaço no qual os negros brasileiros pudessem formar consciência sobre a precariedade de sua respectiva condição social e econômica. O intuito do clube Palmares era unir os negros, para reivindicações junto ao governo, procurando levá-los a unirem-se e compreenderem que todos tinham uma história, pois naquele período passavam-se apenas quarenta anos após o fim da escravatura no país, de modo que a maioria dos frequentadores dessas associações eram filhos ou netos de escravos. O Clube Palmares não conseguiu se estruturar juridicamente, e, devido à divergência de interesses políticos de seus membros, a entidade se dispersou (Andrews, 1998).

Após 1930, sob o contexto de golpe apoiado por militares que acabava de acontecer no país instalando o governo provisório de Getúlio Vargas, e com resquícios da crise de 1929 que abalou a economia nacional (Oliveira, 2008), surgiu a Frente Negra Brasileira, fundada na cidade de São Paulo em 1931 como uma associação informal e depois transformada em entidade com existência jurídica, que chegou a ter 100.000 associados espalhados por vários estados brasileiros (Farias, 2019). Possuía estatuto próprio e procurava propiciar o mínimo da infraestrutura não oferecida pelo Estado à população que representava: como escolas, bibliotecas, espaços de sociabilidade, dentre outros (Lopes, 2024). Seus líderes enxergavam na educação a única forma de elevar e tirar os negros dos problemas vivenciados pela população excluída, especialmente a precariedade dos trabalhos e das moradias auferidos pelos negros.

Conforme já explanado acima a FNB era dirigida por Arlindo Veiga Santos e tinha a participação de José Correia Leite, fundador e dirigente do Jornal o “Clarim da Alvorada” (Moura, 1998). Posteriormente, Correia Leite deixou a direção da FNB, pois declarava-se republicano, democrata e socialista, enquanto o estatuto da Frente era copiado do fascismo italiano. Arlindo Veiga dos Santos, seu diretor, diferente de Correia Leite, tinha como objetivo aproximar a Frente Negra da Ação Integralista Brasileira, movimento político com inspirações no fascismo europeu e liderado por Plínio Salgado (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020). Entre suas principais reivindicações estava a defesa da pátria contra todos os imperialismos e estrangeirismos que permeavam a classe média paulistana desse período. No Manifesto da Ação Integralista de 1932, defendem o caboclo e o negro, e seus militantes saudavam-se com interjeições em tupi-guarani, uma delas era ANAUÊ, interjeição que quer dizer “ave” ou “salve” (Silva, 2005).

Neste período, um dos editoriais do jornal *A Voz da Raça*, de 1933, denunciava que “o preconceito de cor no Brasil só nos os negros podemos sentir...” (sic), porém mais abaixo ainda no editorial afirmam que “Não podemos, pois permitir que impunemente uma geração atual e simples momento da vida eterna da nação, traia a pátria, quer atirando-se nos erros materialistas do separatismo que nada mais é do efeito da concepção do materialismo histórico” (*A Voz da Raça*, ano I, 18 de março 1933). Conforme já foi dito acima a FNB, possuía um programa político que expressava uma crítica fundamentada nas experiências de racismo da população negra, tinha a concepção que os programas da esquerda, como o anarquismo e o marxismo não os representavam.

A Frente Negra Brasileira fez campanha política Getúlio Vargas, presidente do Brasil de 1930 a 1945, e Plínio Salgado, mas ainda havia conflitos: de um lado ideias socialistas representadas por Correia e, de outro, um ideário integralista e monarquista representado por Arlindo Veiga dos Santos (Oliveira, 2008). No entanto, ao mesmo tempo, existia uma proposta de melhoria econômico-social do povo negro. Existia em seus quadros também, “O ROSAS NEGRAS”, que era um grupo liderado por mulheres negras e promoviam grandes bailes na sede da Frente Negra Brasileira – FNB (Jacino, 2022).

As abordagens bibliográficas que se tem sobre a criação e ação da Frente Negra Brasileira atribuem sua formação à estrutura social vigente de exclusão social e marginalização. A organização teria sido formada devido às condições sociais as

quais negros vivenciavam, o que os fez organizar-se para lutar por melhores condições (Farias, 2019; Santos, 2021). Foi possível perceber que havia uma elite intelectual negra que articulava politicamente com os grupos seculares e produzia o jornal a fim de debater com os problemas inerentes a comunidade negra da época.

O principal objetivo da FNB era buscar igualdade de condições, para a população negra garantir os direitos expressos na constituição, o que não se observava na realidade, pois crianças negras sofriam preconceito nas escolas públicas que havia na cidade naquele período (Farias, 2019; Jacino, 2022; Santos, 2021).

3.9 Imagens da Imprensa Negra

Figura 12: Jornal A Voz da Raça



Fonte: Atom Arquivo Público (2024).

Figura 13: O Clarim d'Alvorada



Fonte: Imprensa Negra Paulista – USP (2023).

Figura 14: O Bandeirante



Fonte: Imprensa Negra Paulista – USP (2023).

Figura 15: O Melenick



Fonte: Imprensa Negra Paulista – USP (2023).

A intenção do grupo produtor do *A Voz da Raça* era valorizar a educação como caminho para a emancipação do negro na sociedade, problematizaram a constituição e seus princípios de liberdade e igualdade. Para *A Voz da Raça*, a democracia não existia no Brasil. Era uma fachada: a palavra igualdade pregada pela constituição, camuflava as reais relações cotidianas, permeadas de racismo e preconceito e exclusão na qual os negros eram preteridos pelos imigrantes no mercado de trabalho, principalmente, no ambiente escolar (Santos, 2013).

3.10 Sinopse do Podcast

Frente Negra Brasileira - FNB

Em 16 de setembro de 1931, nascia em São Paulo uma das maiores entidades negras do século XX: a Frente Negra Brasileira. Vinha na esteira de diversas entidades que se formaram no início do século passado. Sua missão era a

de integrar o povo afrodescendente à sociedade. Autodenominada "órgão político e social da raça", a Frente atingiu dimensões inusitadas, chegando, inclusive, a tornar-se partido político. Se pensarmos na situação social da época, em que o desemprego entre os homens era alto (as mulheres negras eram o pilar das famílias, pois o emprego de doméstica lhes dava algum salário), em que as condições de educação eram precárias, a Frente realizou feitos espantosos como a criação de escolas, integrou os negros a guarda no município de SP, articulou com vários partidos e com a política vigente melhorias econômicas e sociais para a população negra.

Descrição dos conteúdos e a forma que foi trabalhada a Imprensa Negra na sala de aula

O local de pesquisa foi a Escola Estadual Padre Romero Mecca, em Itapevi, São Paulo, juntamente a alunos do 2º ano do ensino médio. As aulas foram aplicadas de acordo com o plano de aula que está mais a frente detalhado no item 3.13 da dissertação, nos meses de Fevereiro, Março, Abril e Maio de 2024, no período noturno da escola citada.

Aula 1 – (26 de fevereiro de 2024)

Foi trabalhado os conceitos de Diversidade cultural e multiculturalismo. Os autores que embasam os conceitos, constam no plano de aula em anexo. Nesta aula foi solicitado para os alunos uma reflexão sobre intolerância e diversidade. Eles foram incumbidos de realizar uma pesquisa para casa com o título: O atlântico negro e a diáspora.

Aula 2 – (04 de março de 2024)

Foi explicado junto aos alunos sobre a importância do Atlântico Negro para a diáspora nas Américas em especial o *slavevoyages*¹⁹. Realizou-se uma aula expositiva sobre multiculturalidade e diversidade de povos e etnias no Brasil. Nessa aula sentiu-se a necessidade de embasar os conceitos de multiculturalidade, para isso foi utilizado o texto: As dimensões da diversidade cultural brasileira (2007), das autoras Sônia Maria Vicente Cardoso e Luci Regina Muzzeti.

¹⁹ <https://www.slavevoyages.org/voyage/database>

Aula 3 – (11 de março de 2024)

Foi feita uma correção da pesquisa com os alunos, dando a oportunidade de falarem sobre o que pesquisaram e o que aprenderam sobre o tema proposto.

Aula 4 – (18 de março de 2024)

Nessa aula foram trabalhados os conceitos de aculturação e assimilação a partir do dicionário de Sociologia. A aplicação das aulas foi prejudicada em alguns dias, pois faltou energia na escola.

Aula 5 – (08 de abril de 2024)

Para exemplificar para os alunos os conceitos de aculturação e assimilação foi reproduzido nessa aula o vídeo (26') de Darcy Ribeiro do Youtube intitulado O Povo Brasileiro (parte um), disponível no canal Denes Menezes, no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=-du4gtlutn8&list=PLHpN04RHIU6zw7E62FVlldn9y68h8_UWc

Aula 6 – (08 de abril de 2024)

Foi feita uma sondagem inicial sobre o significado de imprensa. Pesquisa no caderno sobre a importância de uma imprensa como veículo de comunicação.

Aula 7 – (15 de abril de 2024)

Nessa aula trabalhou-se as políticas de embranquecimento, aula expositiva.

Aula 8 - (22 de abril de 2024)

Foi reproduzido o vídeo (6':11") da professora Lilian Schwarcz (2019), disponível no Youtube no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY>. Os alunos demonstraram bastante interessados e iniciou-se um debate sobre preconceito racial no Brasil.

Aula 9 – (28 de abril de 2024)

Iniciou-se a aula com comentários sobre o vídeo. Como atividade da aula anterior foi trabalhada três questões sobre teorias raciais:

- De que maneira aconteceu o embranquecimento?
- O que é eugenia?
- Quem foi Cesare Lombroso e quem foi Gobeniau?

Aula 10 – (06 de maio de 2024)

Nessa aula foi trabalhado Imprensa Negra e Cidadania. Aula expositiva e teórica elucidando o que é a imprensa negra e o papel mobilizador que ela exerceu. Foram citados os jornais *Clarim da Alvorada*, *O Progresso* e o jornal *A Voz da Raça*. O foco principal dessa aula baseou-se em mostrar os primeiros exemplares do *A Voz da Raça*, o primeiro ano de circulação e a discussão que seu grupo produtor intencionava fazer com a sociedade paulista naquele momento.

Aula 11 - (13 de maio de 2024)

Foram apresentados os jornais citados na aula passada, com discussão e sobre a importância do *A Voz da Raça*, bem como seu subtítulo.

Figura 16: *A Voz da Raça* – subtítulo “O preconceito de côr, no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir”



Fonte: Imprensa Negra Paulista – USP (2023).

Foi demonstrada a mudança do subtítulo de ano para o outro e problematizado o preconceito a partir das teorias raciais e da ideologia do embranquecimento que havia no país como uma política de estado em detrimento dos negros.

Aula 12- (20 de maio de 2024)

Nessa aula foi solicitado uma pesquisa e um mapa mental sobre a imprensa negra em SP como atividade avaliativa para concluir o bimestre.

Observações: São apenas duas aulas de Sociologia no ensino médio, somente para os segundos anos, sendo uma presencial e outra *online*. Dessa maneira foram utilizadas apenas uma aula por semana, pois a segunda aula, *online* que pertence a expansão do ensino médio, os alunos não participam. Dessa maneira foram utilizadas as segundas-feiras para aplicar o plano de aula.

No decorrer das aulas teóricas e expositivas, notou-se a falta de interesse em relação participação dos alunos, exemplo a aula 7, já a aula 8, porém, em que foram utilizados recursos como TV para reproduzir o vídeo percebeu-se que havia silêncio que denotava um interesse, em seguida perguntas que incorreram em debate sobre o racismo. Foi possível notar que os alunos não conheciam o contexto das políticas de imigração e os termos caldeamento étnico, por isso foram enfatizados nas aulas seguintes.

Nas avaliações, foi solicitada a feitura de um Mapa mental em sala, além de pesquisa para casa, a atividade com maior engajamento foi o mapa mental com o tema: Imprensa Negra, e cada aluno realizou individualmente. Importante ressaltar que os coordenadores e vice-diretores possuem como função assistir as aulas de todas as disciplinas, por isso os temas das aulas foram encaixados e aproximados as matrizes curriculares e habilidades essenciais constantes do currículo da Educação Básica – Ensino Médio - para que não houvesse prejuízo nas aprendizagens.

3.11 Matriz de Habilidades Essenciais

Quadro 2: Matriz de Referência

SOCIOLOGIA		
2ª SÉRIE - ENSINO MÉDIO		
1º BIMESTRE		
UNIDADE TEMÁTICA	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO
De onde vem a diversidade social brasileira?	Sensibilizar-se em relação às tensões que ocorreram na formação da diversidade brasileira	Diversidade nacional e regional
	Ler e interpretar tabelas que expressam a diversidade nacional em seus diferentes aspectos.	A população brasileira
	Apreender o significado da relação entre estabelecidos e outsiders	O estrangeiro do ponto de vista sociológico
	Desenvolver uma visão sociológica da figura do estrangeiro	O estrangeiro do ponto de vista sociológico

Fonte: SEDUC São Paulo (2020).

3.12 Sequência Didática: A Imprensa Negra e o Jornal *A Voz da Raça*

PROFSOCIO – Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional.

O objetivo dessa sequência foi trabalhar com os jornais da imprensa Negra Paulistana à fim de debater com os alunos aspectos das questões raciais no Brasil, assim como o preconceito dentro e fora da escola, debruçar sobre o passado para a compreensão do racismo na sala de aula.

3.13 Plano de Aula

Instituição de Ensino: ESCOLA PÚBLICA (Romeo Mecca) ITAPEVI-SP

Professor(a): Professora Célia Regina Norato

Duração da atividade: 12 aulas

Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior

Série ou Período: 2º ano do ensino médio

Conteúdos: Sociologia

Disciplinas envolvidas: Sociologia e História

Competência

Analisar comparar e identificar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, bem como, os discursos racistas e etnocêntricos mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

Habilidade

(EM13CHS106)

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Objetivos

Objetivo Geral:

Trabalhar a temática do racismo na escola, a partir da realização de uma sequência didática sobre a imprensa negra paulistana da década dos anos 1930.

Demonstrar para o aluno que o tráfico negreiro e a consequente dispersão dos africanos pelo continente americano, ou “Diáspora” resultou no movimento negro. No Brasil a imprensa negra, ante a não cidadania vivenciada pela população negra, discutia com a população os efeitos do tráfico negreiro e buscava a afirmação e o orgulho racial.

Objetivos específicos:

Apresentar a imprensa negra paulistana, do período pós-abolição até o seu fim em 1937.

Elucidar, para os alunos, as temáticas da negritude e do racismo.

Demonstrar para o aluno que o racismo presente na sociedade brasileira se reproduz também na escola.

Refletir sobre a diáspora.

Conteúdos

O Atlântico negro e a Diáspora.

- A população brasileira – Diversidade nacional e regional.

A força de trabalho escrava no Brasil.

- Aculturação e Assimilação.

Políticas de embranquecimento.

- Cientistas europeus Césare Lombroso e Conde de Gobeniau.

Os impactos das teorias racialistas.

- Mestiçagem e Caldeamento Étnico.

A imprensa negra: A FNB e o jornal a voz da raça.

- Apresentação de alguns jornais da imprensa negra: O Getulino e a Voz da Raça enfatizando as diferenças de tendências políticas entre seus editores-

O preconceito racial no Brasil, traçando um paralelo entre o presente e o passado.

- Problematização do Subtítulo do jornal: *A Voz da Raça*.

O racismo no Brasil Contemporâneo e a exclusão da população negra.

Metodologia

Diálogo intencional com os/as estudantes sobre a curiosidade, a vontade de saber/descobrir/conhecer (sensibilização).

Apresentação e leitura do Jornal: *A Voz da Raça*.

Diálogo sobre a concepção de análise proposta pelo professor.

Proposta de pesquisa para casa:

- O que é movimento negro.
- O que é a imprensa negra.

Sugestão de podcast: CULTNE - Frente Negra Brasileira - Edição completa.

- <https://www.youtube.com/watch?v=2FRnKpFLiQE&t=59s>

Recursos

Monitor (TV) e computador.

Material complementar (textos como material de apoio e recursos visuais em Power Point).

Jornais da imprensa negra: *A Voz da Raça*.

Avaliação

Autoavaliação dos/das estudantes sobre a proposta de análise histórica apresentada.

Avaliação coletiva, por meio de uma roda de conversa com os alunos.

Relatório individual das aulas e apresentação de ideias sobre o conceito apresentado.

Elaboração, individual, de mapa-mental sobre IMPRENSA NEGRA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plano de elevação moral e intelectual da FNB, proposto no jornal *A Voz da Raça* consistia em questionar a educação brasileira da década de 1930 presente na Constituição e pensar um projeto educacional em que negros pudessem também, assim como, os imigrantes, serem alfabetizados e instruídos. Um outro aspecto que configura a particular forma de luta da Frente era a defesa de seus direitos conforme os preceitos constitucionais. Ou seja, pela carta magna, os direitos eram garantidos, porém, o negro não o vivenciava em sua realidade. Os editores enfatizam que a Constituição brasileira, embora “cheia de igualdade”, “fraternidade”, “justiça” e “direito”, na prática o negro, o caboclo e o mestiço elementos nacionais continuavam sendo colocados à margem em detrimento dos elementos estrangeiros europeus aqui trazidos. A FNB fez prognósticos da situação do negro ao refletir sobre a política educacional e apontar que esse era o motivo pelo qual a maioria negra ocupava posições secundárias em São Paulo. *A Voz da Raça* denunciou o racismo presente nas escolas e sabia que esse mesmo racismo afastava crianças negras dos bancos escolares. Nesse ponto o jornal avançou na transição para o segundo ano, dando maior atenção as crianças negras, projetando nesses indivíduos a concretização do projeto de emancipação e levantamento da raça.

Denunciavam que uma sociedade inclusiva passava por uma educação de todos os seus indivíduos, principalmente as crianças negras que estavam fora das escolas. A educação foi mostrada como base para a sociedade justa, igualitária e equânime que almejavam para as futuras gerações negras. Assim é possível entender o projeto de educação que incluía escolas diurnas, bibliotecas e escolas noturnas para atender o público negro que trabalhava, além da valorização dos indivíduos escolarizados com manifestações de apreço através do periódico. Ser escolarizado, letrado, significava possibilidade de ascensão profissional e social - grau alcançado por seu líder Arlindo Veiga dos Santos que era professor universitário - era uma maneira da população negra de homens e mulheres estarem longe dos serviços braçais destinados, sobretudo, aos negros.

O projeto de instrução que delinearam, dessa maneira, pode ser compreendido também nas atividades como: os festivais, saraus, bailes, caminhadas e homenagem aos líderes negros Luiz Gama, Castro Alves e Cruz e Souza. No primeiro ano, a FNB, e o jornal trabalharam com a lembrança de personagens usados de referencial, como Cruz e Souza, Luiz Gama, José do Patrocínio e Zumbi. A memória desses líderes é sempre tratada no jornal, como exemplo a ser seguido

pelos negros. Comemorar o treze de Maio, o nascimento ou a morte desses líderes, fazer passeatas ao túmulo dos abolicionistas, demonstrava consciência do lugar social que ocupavam, e do preconceito que vivenciavam, assim, enxergar isso só era possível a partir da instrução dos indivíduos negros.

Organizar bailes representava sinal de protesto e ao mesmo tempo necessidade de mostrar a sociedade e a imprensa secular, da qual eram alvo de críticas - por promoverem separação racial na sociedade - seu potencial como sujeitos sociais, com capacidade organizativa. Essas atitudes demonstravam, valorização da identidade e dos referenciais negros, pois promoviam atividades que saudava a memória de seus líderes, com declamação de poesia, apresentação de orquestra, corpo cênico e valsa. Uso de palavras em francês como "*overture*", para se referir as suas atividades, e costumes de promoverem eventos beneficentes, servirem chás, indicava a necessidade da FNB de inserir os homens de cor, numa sociedade que privilegiava os valores e costumes europeus, porém mantendo sua identidade de negro brasileiro como prioridade.

Os eventos que aconteciam na sede da FNB além de terem a intenção de suprir o caixa da entidade, corroboravam com o projeto do jornal no sentido de informar o negro, discutir com a sociedade o racismo e o preconceito de cor a partir dos referenciais históricos como o TREZE DE MAIO. Na sede da FNB os dirigentes esforçavam-se em elevar o nível cultural de seus sócios, através de bailes e eventos sociais com preocupação pedagógica e cultural, tais como: Palestras, discursos, leitura de poesia, encenação de peças de teatro, aulas de música. Todos os meios que pudessem aperfeiçoar a educação do negro e colocá-lo, em posição de poder disputar com o público branco.

O jornal: *A Voz da Raça* agregou um vasto grupo de colaboradores, principalmente que tinham a cor e o domínio das letras como elemento aglutinador. Um ponto importante na linha editorial do "A Voz da Raça", foi sua decisão de ser produzido somente por integrantes da comunidade negra. A única menção a colaborador identificado como branco seria José Bueno Feliciano, que uma edição após sua primeira contribuição, o jornal desfaz o engano que teria cometido ao chamá-lo de brasileiro branco, mas é possível verificar que o grupo editorial estava disposto a permitir que brasileiros brancos escrevessem em suas páginas, a intenção era discutir com todas as etnias seu plano de elevação da raça a partir da educação. Dia 08-04 de 1933 na primeira página do jornal, um indivíduo que se identifica como

brasileiro branco, em tom de apelo, escreve um texto intitulado: “Isto é contigo”, associando a figura da avó negra a nacionalidade brasileira, entende-se como chamado a todos os negros e brancos a se unirem. Mostra que o projeto do jornal não era apenas discutir os direitos da população negra, como também problematizar a história e os legados da escravidão, com toda a população que vivia em São Paulo.

Havia uma coluna chamada RADIUVINDO, escrita por um indivíduo com pseudônimo de RAJOVIA, provavelmente, nome utilizado pelo redator Raul Joviano do Amaral. RADIUVINDO é como se RAJOVIA, presenciasse uma situação ou fato do cotidiano que envolvesse o negro e narrasse no jornal. Esteve presente nas seguintes edições: 16-9, 20-5, 10-06, 03-6 do ano de 1933 editada sem uma periodicidade certa, pois é possível vê-la apenas em alguns exemplares. Com uma linguagem narrativa do cotidiano, reforça o projeto do jornal. Nesta coluna fica evidente um dos posicionamentos dos editores: busca por direitos sociais, trabalhar, estudar e poder frequentar ambientes de recreação, em que diferentes camadas sociais, frequentava, e ao negro era declaradamente proibido. É uma tentativa de desnaturalizar o racismo e o preconceito, presente no imaginário do público a qual o jornal atingia, brancos, negros e mestiços.

O jornal possuía um medidor de sua aceitação social e que comentava o resultado de suas campanhas: A coluna FLORES DO CAMPO, começa a ser publicada em 06-05-1933, depois aparece apenas nas seguintes edições: 13-5, 15-7, 17-6, 20-5, 25-1, todas de 1933, assinada por Castelo Alves, sem identificação, era editada para comentar e mostrar ao público leitor, o resultado do seu projeto e reivindicações, como a emancipação econômica e busca por cidadania, a campanha pela compra da casa própria, divulgada periodicamente, onde o escritor cita exemplos de negros que conseguiram adquirir seus imóveis a partir da campanha feita pelo jornal.

Os colaboradores mais ativos da *A Voz da Raça*, foram; RAJOVIA, CASTELO ALVES. As vozes de colaboradoras do sexo feminino, Maria de Lourdes Rosário e Pérola de Castro expressam a coesão de pensamento com o projeto de jornal. A primeira num texto filosofando demonstra que os feitos tecnológicos atingidos pela humanidade até aquela época, como o Avião, o surgimento da telefonia, são tratadas como evolução do espírito humano, porém o preconceito de raça, segundo a autora, se configurava com um atraso para o desenvolvimento da sociedade. Para a autora o tratamento desigual dado aos descendentes de africanos não estava de acordo

com os rumos que a sociedade estava vivenciando e representava o atraso. Pérola de Castro num exemplar de 17-06 de 1933, apresenta o treze de maio, como evento apenas aparente que libertou a população descendente de africanos dos castigos corporais, mas os amarrou as correntes da ignorância. A libertação completa viria pela instrução e educação. O escrito reforça o valor da educação para o grupo, e o processo de construção da cidadania através do esforço coletivo dos negros que estava sendo empreendido pela FNB naquele momento.

A mulher negra desde o primeiro ano de publicação do jornal já possuía visibilidade e ação política não apenas no jornal como também na sede, com o grupo “O ROSAS NEGRAS”, com a organização dos Bailes, assim, no ano de 1935 surgem as cruzadas femininas, a qual uma das finalidades era contribuir para o caixa do jornal. As mulheres auxiliavam no orçamento de provimento do material escolar para os cursos de formação social e para as escolas diurnas e noturnas.

A FNB constitui-se na história do negro brasileiro como entidade que provocou mudanças significativas na vida do negro em seu período, do ano de fundação em 1933 até o de extinção pela ditadura em 1937, foi conhecida e respeitada, conseguia dialogar, com diversos segmentos sociais, recebeu convites de várias organizações políticas como os comunistas e os integralistas para participarem de reuniões como vimos, várias regionais foram iniciadas no interior de SP. Era comum visitas à sede de intelectuais famosos à época como Menotti Del Picchia e Artur Ramos.

Para além das articulações políticas que houve na FNB, com o desenvolvimento deste estudo foi possível verificar que a população negra que frequentava a FNB não tinha acesso, ou não sabia dessas associações que aconteciam com partidos de diversas tendências, ou mesmo não havia interesse do cidadão comum negro saber, o que merece mais investigação.

O que ficou evidente, contudo, é que a FNB conseguiu oferecer para a população a qual representava, acesso a políticas sociais que era impensado aos negros nesse contexto, por exemplo, a carteirinha da FNB que evitava os negros de serem parados pela polícia. A sede na avenida Liberdade em São Paulo, hoje Casa de Portugal, era também um espaço de recreação para onde os negros iam aos finais de semana recitar poesias, dançar e se divertir. Promoveu a entrada dos negros na guarda da cidade num momento em que aos negros era destinado apenas os serviços pesados nas obras. A este cidadão negro as articulações políticas de direita e esquerda que seus líderes ou a sua cúpula participava, parece que a grande

massa- não havia interesses políticos além das benesses que poderiam usufruir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFORADO, A. **Como construir um mundo de paz, progresso e felicidade para toda a humanidade**: como realizar as utopias planetárias para a construção de um mundo de paz, progresso e felicidade para toda a humanidade. Curitiba: Editora CRV, 2024.

ALGRANTI, L.M. **O feitor ausente**: estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

ALMEIDA, S. **O que é o racismo estrutural**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

ALMEIDA, L.A.; RASSI, M.A.C. Os desafios da inserção do negro no sistema educacional brasileiro: uma análise do papel da Frente Negra Brasileira nos anos de 1931 – 1937. **Pergaminho**, v.14, p.143 – 156, 2023.

ALVEZ, F.M.S.S.V.; LANDO, G.A. A importância da educação das relações étnico-raciais no ensino superior. **Research, Society and Development**, v.12, n.2, p. 1-14, 2023.

AMORIM, D. U. Teorias raciais no Brasil: um pouco de história e historiografia. **Revista Cantareira**, n. 19, 5 fev. 2019.

ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo 1888-1988**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. Frente Negra Brasileira - Depoimentos: Entrevistas e textos: Márcio Barbosa Capa comum – 20 novembro 1998. ED / DEPOIMENTOS, F. N. B. São Paulo. Ed. QUILOMBOHOJE/1998.

ARAÚJO, V.T. **Imprensa negra na internet**: enquadramentos dos conteúdos produzidos pelos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

ARAÚJO, V.T.; PERUZZO, C.M.K. Imprensa negra e cidadania: enquadramentos dos conteúdos produzidos pelos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z. **MATRIZES**, v.15, n.2, p. 229 – 250, 2021.

AZAMBUJA, D. **Introdução à ciência política**. 17 ed. São Paulo: Editora Globo, 2005.

BARBOSA, M. **Frente negra brasileira**: depoimentos. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

BARBOSA, M. R. J. A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei n.º 10.639/03. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 2, p. 260–272, 2016. DOI: 10.14244/198271991525.

BARBOSA, S. M. Negritude e Pan Africanismo no Pensamento Social Brasileiro. A trajetória de Ironides Rodrigues (1923-1987). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 34, n. 100, p. 1 – 21, 2019. DOI: 10.1590/3410018/201.

BASTIDE, R. A imprensa negra no estado de São Paulo. In: **Estudos Afrobrasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BENTO, C. Notas sobre a branquitude nas instituições. In: SILVA, M. L. *et al.* (Org.). **Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. São Paulo: Escuta, 2018. p. 115-136.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNARDINO-COSTA, J. Caliban o Atlântico Negro: conexões entre negros do Brasil e do Caribe. **Contemporânea**, v.7, n.2, p. 466 – 482, 2017.

BILDEN, R. Brazil, laboratory of civilization. **The Nation**, v.128, n.3315, p. 71 – 74, 1929.

BOHOSLAVSKY, E.; BROQUETAS, M. Local and global connections of Argentinian, Uruguayan and Chilean fascists in the thirties and early forties. In: GALIMI, V.; GORI, A. **Intellectuals in the Latin Space during the Era of Fascism: Crossing Borders**. London, New York: Routledge, Taylor and Francis Group, 2020. p. 171-194

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.803, de 11 de dezembro de 2003**. Altera o art. 149 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para estabelecer penas ao crime nele tipificado e indicar as hipóteses em que se configura condição análoga à de escravo. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL, B. O Homem de Côr. **Bn Brasil Digital**, 6 de agosto de 2018. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-homem-de-cor/>. Acesso em: 24 out. 2023.

CARDOSO, L. **“O branco invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações sociais no Brasil (Período: 1957 – 2007). Dissertação (Mestrado em Estudos Sociais). Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CARDOSO, S.M.V.; MUZZETI, L.R. As dimensões da diversidade cultural brasileira. **Revista Americana de Estudos em Educação**, v.2, n.1, p. 1 – 11, 2007.

CARNEIRO, A. S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil** - Consciência em debate Coordenadora Vera Lúcio Bedito. São Paulo: Editora Selo Negro, 2011.

CASTILHO, M.W.V.; RESENDE, A.C.Z. Perspectivas de colonização em Aimé Césaire e María Lugonez. **Revista Relicário**, v.10, n.19, p. 19 0 37, 2023.

CÉSAIRE, A. Cahier d'un retour au pays natal. In: SENGHOR, I.S. (org.). **Anthologie de la nouvelle poésie nègre el malgache de langue française**. Paris: PUE, 1939.

CHADAVERIAN, P.C. Raças, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro: 1922 – 1964. **Política e Sociedade**, v.11, n.20, p. 255 – 283, 2012.

COROSSACZ, V.R. Relatos de branquitude entre um grupo de homens brancos do Rio de Janeiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 105, p. 43–64, 2014.

COSTAGUTA, G.D. **Corporativismo(s) entre luzes e sombras**: perspectivas de um debate sociopolítico no horizonte brasileiro dos anos 1930/27. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

CRUZ, N.R. A miscigenação racial na doutrina do sigma: o discurso velado do racismo integralista. **Dimensões da História: identidade e etnias**, v.18, p.221 – 235, 2004.

CUTI, L. S. **E disse o velho militante José Correia Leite**. Ed. Nova América. São Paulo, 2007.

CULTNE. Frente Negra Brasileira – Edição Completa. Cultne, 1 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2FRnKpFLiQE&t=59s>. Acesso em: 01 jul. 2024.

DENES MENEZES. O povo brasileiro (parte um). Denes Menezes, 14 de setembro de 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-du4gtlutn8&list=PLHpN04RHIU6zw7E62FVlIdn9y68h8_UWc. Acesso em: 02 jun. 2024. (Vídeo sobre a obra de Darcy Ribeiro “ O Povo Brasileiro), apresentado aos alunos.

DIAS, A. G. **A Voz da Raça, os ecos da educação**: percepções sobre as permanências da herança cultural africana no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.

DIAS, M.F.G. **A Frente Negra Brasileira**: institucionalização, contestação e fascismo. *Práxis Comunal*, v.12, n.1, p. 108 – 124, 2019.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v.12, n.23, p.100 – 122, 2004.

DOMINGUES, P. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, v.10, n.1, p. 25 – 40, 2005.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007.

DOMINGUES, P. Um " templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 517-534, 2008.

DOMINGUES, P. Frente Negra/Legião Negra. In: SCHWARCZ, L. M. E GOMES, F.S. (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. 1ª ED. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 237-243.

ELLIOT, A.G.; AQUINO, M.A. Imagens de negros(as) no discurso da imprensa negra. **Revista da ABPN**, v.2, n.4, p.19 – 41, 2011.

FARIAS, J.M. **Os diálogos do Atlântico Negro na imprensa negra brasileira**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2019.

FELIPE, M.K. Branquitude na escola: uma crítica à nossa indulgência para romper o pacto fascista. **Revisa Práticas de Linguagem**, v.10, n.1, p. 84 – 95, 2020.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 1964.

FERRARA, M.N. **A imprensa negra brasileira (1915 – 1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FERREIRA, L. F. “Negritude”, “Negridade”, “Negrícia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. **Via Atlântica**, v.7, n.1, p. 163 – 184, 2006. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via09/Via%209%20cap12.pdf>. Acesso em 31/01/2024.

FERREIRA, A.J.C. O discurso antissemita na ação integralista brasileira. **Mandurisawa – Revista Discente do Curso de História da UFAM**, v.7, n.1, p. 113 – 139, 2023.

FIORUCCI, R. As capas da revista Anauê! (1935-1937): Ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, L. P.; SIMÕES, R. D. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**, vol. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 21-42.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, N. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v.33, n.120, p.727 – 744, 2012.

GONÇALVES, L.P. “Plínio Salazar”: o integralismo luso-brasileiro de Plínio Salgado. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais...Natal**, Rio Grande do Norte, 22 a 26 de julho de 2013.

GONÇALVES, L.P.; CALDEIRA NETO, O. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GONÇALVES, L. P.; SIMÕES, R. D. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista/ Organizadores**. Guaíba: Sob Medida, 2011.

GRIFFIN, R. **Fascism: the nature of fascism**. London; New York: Routledge, 2006.

GUIMARÃES, A. “Cidadania e retóricas negras de inclusão social.” **Lua Nova: Revista de Cultura e História Política**, n.1, v. 85, p. 13-40, 2012.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Getulino (SP) – 1923 a 1926. **Hemeroteca Digital Brasileira**, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/getulino/844900>. Acesso em: 23 out. 2023.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26 ed – São Paulo. Companhia da Letras, 1995.

HOOKS, B. **Schooling Black Males**. We Real Cool. Black Man and Masculinity New York/London: Routledge, 2004.

IMPRESA NEGRA PAULISTA – USP. O Clarim da Alvorada – edição de 1924. **Imprensa Negra Paulista-USP, 2023**. Disponível em: <https://biton.uspnet.usp.br/impresanegra/index.php/o-clarim-da-alvorada/>. Acesso em: 22 out. 2023.

JACINO, R. Frente negra, ação integralista e o conservadorismo como estratégia de enfrentamento ao racismo (1930 – 1937). **Rev.hist. (São Paulo)**, n.181, p. 1- 29, 2022.

JESUS, R. E. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, vol. 34, P. 1 – 18, 2018.

KILOMBA, G. A The mask. In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Verlag, 2010.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobodó, 2019.

KÖSSLING, K.S. A. O discurso policial sobre o afro-descendente: estigmas e estereótipos. **Revista Histórica**, n.15, p. 4 – 10, 2004.

LACERDA, J. B. **Sobre os mestiços brancos**. Rio de Janeiro: Museu Nacional Biblioteca. 1911.

LANNES, L. **A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930**. Dissertação (Mestrado em História Política). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

LAROUSSE, P. **Grand dictionnaire universel du XIX e siècle [1866-1879]**. Paris: Arléa, 1993.

LOPES, R.D.S. **Da senzala ao novo horizonte**: identidades culturais e a militância na imprensa negra paulista entre 1945 e 1948. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

LOPES, R. V. **Educação e negritude no Brasil dos anos 1930**: Primeiras aproximações com a Frente Negra Brasileira (1931-1937). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

MALATIAN, Teresa. “O cavaleiro negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira (1931-1934)”. **Revista brasileira de história das religiões**, v. 5, n. 15, 2013

MALATIAN, T. **O cavaleiro negro**: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra

Brasileira. São Paulo: Alameda, 2015.

MALHEIROS, E.S. A eugenia relacionada do saber: os estereótipos determinam quem se encaixa nos critérios performáticos? **Boletim do Tempo Presente**, v.11, n.3, p. 1 – 12, 2022.

MELLO, M.P. “**Não somos africanos...somos brasileiros...**” **Povo negro, imigrantismo e identidade paulistana nos discursos da imprensa negra e da imprensa dos imigrantes (1900 – 1924)** – dissensões e integrações. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MIRANDA, R. **Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923 – 1926)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MOORE, C. Abdias Nascimento e o surgimento de um pan-africanismo contemporâneo global. **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, p. 233-47, 2008.

MOREIRA, C. Branquitude e Branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. **Revista da APBN**, v. 6, n 13, p.73-87, 2014.

MOURA, C. **Brasil: as raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, C. **Dialética radical no Brasil negro**. 2 ed. São Paulo: Anita, 2014.

MOURA, C. FERRARA. M. N. **A Imprensa negra em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002, Edição fac-similar.

MULLER, T.M.P.; CARDOSO, L. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba, PR: Editora Appris, 2018.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista De Antropologia**, v.33, p. 109-117, 1990. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1990.11121>.

MUNANGA, K. A resistência histórica dos povos negros. **Revista da Cultura Vozes**, v. 93, n. 4, p. 42-73, 1999.

MUNANGA, K. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 6–14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 31 jan. 2024.

NABOR JUNIOR. Desvendando João. **O Melenick**, 2º ato, junho de 2011. Disponível

em: <http://www.omenelick2ato.com/musicalidades/desvendando-joao>. Acesso em: 20 jan. 2024.

NASCIMENTO, M.M. Os privilégios da branquitude e a reprodução de desigualdades sociais na educação brasileira. **Rev.Educ., Cult. e Soc.**, v. 10, n.2, p. 21 – 33, 2020.

NASCIMENTO, M. E. **A Estratégia da Desigualdade: O Movimento Negro dos anos 70**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

NUNES, M.R.A. Mulher de favela: interseccionalidades e territorialidades. **Em Pauta**, v.19, n.47, p. 103 – 120, 2021.

OLIVEIRA, R.S. A Teoria Autoritária antes da práxis: a construção ideológica do Estado Integral em Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso (1932 – 1937). In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais...** Florianópolis, Santa Catarina, 27 a 31 de julho de 2015.

OLIVEIRA, A.O.A. **Racismo, educação e genocídio de jovens negros**: reflexões a partir de uma epistemologia afrocentrada. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

OLIVEIRA, L.L. **Entre a miscigenação e a multirracialização**: brasileiros negros ou negros brasileiros? Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

PACHECO, G.S. Corporativismo no Brasil: relações do integralismo com o Getúlio Vargas e o Estado Novo. **Mandurisawa – Revista Discente do Curso de História da UFAM**, v.7, n.1, p.55 – 72, 2023.

PAXTON, R. The five stages of fascism. **The journal of modern history**, v.70, n.1, 1998.

PINTO, A.F.M. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PINTO, A.C. **A América Latina na Era do Fascismo**. Lisboa: Edições 70, 2021.

PREDEBON, G. S. O integralismo e a questão racial nas páginas do Jornal A Marcha. **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Rio de Janeiro: Autografia, v. 3, 2019.

QUIANGALA, A.C. Paraíso de quem? Descolonizando o Paraíso, de Tatiane Salem Levy. **Grau Zero**, v.4, n.1, p. 187 – 207, 2016.

REIS, C.A. **A África Impressa**: identidades e representações da África na imprensa negra paulista (1916 – 1978). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Franca, 2016.

REIS, M.C.G. Reflexões sobre a construção da identidade negra num quilombo pelo viés da história oral. In: 27 REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE

PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – ANPED.
Anais...Caxambú, Minas Gerais, 2004.

RIOS, F. **Elite política negra no Brasil**: relação entre movimento social, partidos políticos e estado. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ROCHA, S. **Eugenia no Brasil**: análise do discurso “científico” no Boletim de Eugenia, de 1929 a 1933. Tese (Doutorado em História da Ciência). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SALES, J. A negritude e a cena no Brasil. **Revista Eixo**, v.6, n.2, p. 97 – 103, 2017.

SANTOS, J.N. **Preconceito racial em foco**: uma análise das relações estabelecidas entre crianças negras e não negras na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, R.R. **Ideias e ações pela integração negra**: a trajetória do jornal *O Clarim da Alvorada* (1924 – 1932). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

SANTOS, L.D.; BENTO, M.M.L.C. Gênero e afetividade políticas: a participação das mulheres nas fileiras da Ação Integralista Brasileira sob a condição de “mulher de bem”. **Revista Mosaico**, v.16, p.81 – 90, 2023.

SANTOS, G.R.; QUIRINO NETO, A. Memória e ideias educativas em movimento: o legado de Francisco Lucrecio e Ironides Rodrigues. **Cadernos de História da Educação**, v. 14, n.1, p. 209 – 226, 2015.

SCHARGEL, S. Fascismos brasileiros? Uma discussão sobre o integralismo e o Bolsonarismo. **Albuquerque: revista de história**, v.15, n.29, p. 206 -210, 2023.

SCHONS, V. H. De Pedro a Plínio: a concepção política de Estado Integral de Plínio Salgado e a Doutrina Social da Igreja Católica: the political conception of Plínio Salgado's Estado Integral and the Social Doctrine of the Catholic Church. **Manduarisawa – Revista Discente do Curso de História da UFAM**, v. 7, n. 1, p. 73-87, 2023.

SCHWARCZ, L.K.M. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil. uma história das teorias raciais em finais do século XIX. **Afro-Ásia**, n.18, p. 77- 101, 1996.

SCHWARCZ, L.K.M. Do preto, do branco e do amarelo; sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado. **Ciência e Cultura**, v.64, p. 48 – 55, 2012.

SCHWARCZ, L. A entrada das teorias raciais no Brasil. L. Schwarcz, 5 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY>. Acesso em: 02 mai. 2024.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SEDUC SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. **Habilidades de Sociologia – Ensino Médio**. São Paulo: SEDUC, 2020. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/download/habilidades-essenciais-ensino%20medio%202021/Habilidades%20Essenciais%20de%20Sociologia%20-%20EM%20%281%29.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2024.

SEYFERT, G. A invenção da raça e poder discricionário dos estereótipos. **Anuário: Antropológico/93**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SILVA, R.S. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê! **Revista Brasileira de História**, v.25, n.50, p. 61 – 95, 2005.

SILVA, M. S. A invisibilidade da mulher negra na imprensa negra do Brasil: uma questão de gênero. In: COSTA, M. F. V. *et al.* **Infância e relações etnoraciais em pesquisa**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. p. 155-182.

SILVA, H.S.; OLIVEIRA, M. Questões de língua no Brasil oitocentista. **Forum linguistic.**, v.12, n.4, p. 872- 882, 2015.

SILVA, M.M.R.; SOUSA, F.R.; DJA, N. Candomblé e samba: enredando a representatividade de mulheres negras. **RJHR**, v.6, n.28, p. 63 – 79, 2022.

SIQUEIRA, A.F.O. “**O preconceito de côr no Brasil, só nos negros o podemos sentir**”: a imprensa negra em São Paulo, no pós-abolição, em perspectivas informativas e formativas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SOUZA, V.S. A eugenia no Brasil: ciência do pensamento social no movimento eugenista brasileiro do entreguerras. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais...**Londrina, Paraná, 2005.

SOUZA, H.R.C. **De pé como homem....**: a construção da masculinidade na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental Negro. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, V.S. **Em busca do Brasil**: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905 – 1935). Tese (Doutorado em História das Ciências). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, V.S. A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917 – 1932). Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

SPACH, G.N. **A luta dos negros por educação pública na imprensa paulista na década de 1930**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2020.

SPILLER. G. The problem of race equality. In: SPILLER. G. (org.). **Papers on inter-racial problems communicated to the First Universal Races Congress**. Londres:

P.S. King & Son; Boston: The World's Peace Foundation, 1911, p. 29 – 39.

STAHL, M. Introdução. In: **Louis Couty e o império do Brasil: o problema da mão de obra e a constituição do povo no final do século XIX (1871-1891)** [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2016, pp. 1-10.

TIEDE, L.M. **Imprensa negra: espaço de sociabilidade em São Paulo no início do século XX.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TIEDE, L.M. **Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TIEDE, L.M. Os homens de cor invisíveis da imprensa negra paulistana: como a biografia de um intelectual negro nascido no século dezanove auxilia a repensar a historiografia do pós- abolição paulistano. **Intellèctus**, v.17, n.1, p.48 – 72, 2018.

TRINDADE, H. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas.** SciELO: Editora da UFRGS, 2016.

TRINDADE, H. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1974.

VIANA, R.P. Quando a cor escapa da coxia – trajes de cena do Teatro Experimental do Negro. **Urdimento**, v.1, n.24, p. 105 – 117, 2015.

ZANELLA, L.C.H. **Metodologia científica.** 2 ed. Florianópolis: Departamento de Ciência da Administração da UFSC, 2013.

ANEXO 1 – Entrevista com Márcio Barbosa, autor do livro “Frente Negra

Brasileira: depoimentos, entrevistas e textos” (1998).

Márcio Barbosa nasceu em São Paulo, em 1959, formado em letras pela USP e filho de Osvaldo Pereira Barbosa. É pesquisador e um dos componentes do Quilombhoje Literatura²⁰. Publicou, em 1987, o livro *Paixões Crioulas*. Neste trecho do estudo, é reproduzida de forma integral uma entrevista realizada junto ao autor Barbosa (1998), o qual foi realizada em 08 de julho de 2024.

Márcio: Quando eu fiz o livro da Frente Negra Brasileira depoimentos, o foco eram as memórias dos militantes. Eu gostaria de saber no que eu posso te ajudar.

Célia: Esse é um tema para a dissertação de mestrado na Unesp, é um tema no qual eu me debruço há um tempo. Fiz Uma iniciação científica, fiz um TCC e agora no mestrado decidi seguir por esse caminho. Por orientação da banca de qualificação em especial o Lourenço Cardoso que me orientou a procurá-lo e conversar sobre seu livro de memórias da FNB. Eu fiz algumas pesquisas no arquivo do estado em SP, encontrei o prontuário do Raul Joviano do Amaral que consta no seu livro, encontrei também sobre o presidente Arlindo Veiga dos Santos. O meu interesse na pesquisa, Marcio, é sobre a relação que a FNB tinha com o integralismo, pois quando investigamos a literatura científica sobre o assunto, eu verifico que os pesquisadores focam na divisão que havia com o Correia Leite, pois ele tinha uma visão mais libertária da questão racial, ele era a favor do comunismo e do Socialismo. Quando falamos de frente negra, o pessoal foge, parece que é por causa dessa relação com o integralismo. Do anticomunismo e defesa dos ideais da pátria e do nacionalismo que estava presente no discurso da FNB. Eu percebo que há um receio por parte dos militantes do movimento negro de adentrar nessas contradições.

Márcio: É um desafio entender, pois nós temos o costume de buscar entender essa época pelo prisma de agora, com o olhar atual. Você por ser pesquisadora terá uma visão mais crítica sobre esse lado mais conservador da frente negra e dos líderes, o Arlindo e o Isaltino, nas conversas que eu tive com o pessoal da FNB, pouco apareceu esse lado político e ideológico da FNB. Pouco se falou sobre integralismo, por exemplo. Inclusive nesse sentido eu posso te dar um ajuda, mas

²⁰ Editora dedicada a publicação de autores negros, foi fundada em 1980 por Cuti, Osvaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. O grupo tem como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra. Referência: <https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje>.

seria pouca, pois nós pouco tocamos nesse assunto, nessa questão política e ideológica. O que aparecia para os militantes era o que a FNB tinha contribuído para a vida deles como ela havia modificado a percepção deles sobre a questão racial. Essa questão ideológica ficava praticamente inexistente, ela foi levantada pelos pesquisadores que vieram depois, como o George Andrews (1998) que escreveu negro e brancos em São Paulo. Essa questão nos depoimentos que colhi para o livro me pareceu irrelevante, não tinha muito significado na trajetória deles na Frente Negra.

Eu penso que essa é uma avaliação que a gente faz agora, por causa desse desgoverno e dessa polarização política de direita e esquerda que houve no país. Ai a gente volta para o passado e vai condicionado por essa visão:

- Bem, vamos pensar se a FNB era de esquerda de direita, vamos ver em qual campo ideológico em qual extremo ela se encaixa. O que eu vejo, é que existia sim o Patrionovismo e o conservadorismo católico do Arlindo Veiga dos Santos, um pouco mais do Isaltino Veiga dos Santos, mas o jornal: A Voz da Raça fora dos artigos do Arlindo, eu não encontrei nenhum apoio ao integralismo. Mesmo o Arlindo Veiga dos Santos não vejo apoio à ação integralista. Ele fala sim do anticomunismo do antiliberalismo, mas em nenhum momento eu vejo ele apoiando o integralismo. O Isaltino, irmão dele por exemplo, foi membro de organização de esquerda.

Célia: Quem, o Correia Leite ou Isaltino? O Correia tinha uma visão mais libertária, mais socialista?

Marcio: Inclusive o Correia Leite critica essa filiação do Isaltino dizendo que ele não era comunista nada e que essa era uma visão oportunista dele. Enfim não tem como a gente avaliar daqui dessa distância quem está falando a verdade. O Isaltino foi preso e aí ele negou que ele era comunista.

Existia uma dissidência da Frente Negra, que era a Frente Negra Socialista? Também sobre a qual, inclusive, a gente não tem tantas informações assim, seria interessante, aprofundar essa pesquisa, em relação a essa organização. Eu, pelo menos, na minha impressão, é:

- Se a gente for comparar as posturas de direita, com essas do desgoverno anterior, eu acho que tem uma diferença muito grande entre o conservadorismo da Frente Negra e essas visões de direita que existem hoje. Primeiro porque essas visões de direita atuais negam a questão racial e se aproveitam de negros. Como o antigo presidente da Fundação Palmares, enfim, outros negros que servem aí aos

propósitos deles, mas eles negam no fundo a questão racial. Eu acho que tem uma visão mais de utilizar os negros, utilizar os votos que eles são capazes de trazer, mas no fundo negando a importância da questão racial, que era uma visão completamente oposta a que Frente Negra trazia. Por exemplo, esse conservadorismo de hoje em dia nega os heróis negros, heróis que foram sendo resgatados pelo movimento negro, como o próprio Zumbi, enquanto a Frente Negra exaltava o Zumbi dos Palmares, Luiz Gama para mim já é uma diferença fundamental. A FNB exaltava esses e outros líderes negros.

O que pensei é isso, existiam os conservadores da Frente Negra, existia essa visão católica conservadora do Arlindo, do Isaltino também um pouco, mas a gente não encontra isso nos depoimentos dos ex-militantes. E na ação política da Frente Negra não existe isso também. A Frente Negra apoiou um partido que foi o Partido Constitucionalista.

Célia: Mas ela buscou alianças com os varguistas, e com outros movimentos políticos visando uma dimensão identitária dos grupos que haviam no Brasil. Vargas aparece no Jornal A Voz da Raça.

Marcio: Eu acho que eles buscavam esses diálogos. Buscaram essas alianças. Vargas é muito citado pelos frente-negrinos, porque abriu várias portas. Como a questão da entrada dos negros na Guarda Municipal que aconteceu através de um diálogo com Vargas. Os dirigentes da Frente Negra dialogavam bastante com a política vigente, mas eu ainda fico me perguntando se esses diálogos não serviam a uma causa maior, que era a causa da questão racial. Eu acho que a gente pode até ter uma crítica em relação ao seguinte:

- Eu acho que a Frente Negra, ela privilegiava a visão política tradicional mais conservadora. Ela estimulava que os negros adquirissem conhecimentos através de peças de teatro, através de apresentações musicais, esse tipo de coisas.

Célia: Escolas noturnas.

Marcio: Que eu acho que ia mais numa linha de adquirir a cultura vigente, a cultura dominante. A cultura das elites e você se preparar para disputar dentro desse campo da cultura das elites. Por exemplo, hoje em dia a gente tem um movimento mais em relação à ancestralidade é só observar as culturas de origem de matriz africana e isso é muito importante para o movimento negro atual. Então talvez a gente possa se perguntar se naquela época a Frente Negra não poderia ter tido essa orientação também de se voltar para a cultura vigente, para a cultura dominante,

para adquirir os valores da época. E não se voltar para as culturas tradicionais.

Célia: Eu escrevi sobre isso no meu TCC, porque é o momento também que a cidade de São Paulo se modernizava.

Marcio: Sim.

Célia: Você tinha aqueles ideais da Belle Époque francesa que eram vigentes aqui no Brasil. E aí você tem uma população negra, pelo menos lendo jornais é possível perceber e na pesquisa que eu fiz eu verifiquei que a Frente não queria estar fora dessa modernização que a cidade vivenciava. Tem um pesquisador da UNESP que escreve que o desejo era adentrar os ideais da sociedade branca paulista, sem perder as suas características negras, porém, a FNB não fazia referência ao retornar à África como o movimento Garveístas que também estava sendo discutido à época.

Marcio: Essa década de 20 foi nos Estados Unidos e havia esse movimento de volta à África com a criação da Libéria com o Marcus Garvey e isso é muito forte.

Célia: Sim.

Marcio: E aqui no Brasil pelo menos essa trajetória da Frente Negra teve pouca repercussão, ou seja, eles pensavam a política para o preto nos termos nacionalistas mesmo. A intenção era vamos resgatar valores do nacionalismo, mas também os valores que já estavam mais assimilados a cultura dominante, a cultura vigente.

Os poetas aí, os escritores que já tinham um certo renome dentro dessa produção cultural vigente. Então, não havia essa reflexão de volta à África. E é uma coisa que diferenciava muito em relação ao movimento negro norte-americano. Fico pensando o seguinte:

- Depois de 29 tem a quebra da bolsa tem uma questão que tocou muito lendo os relatos dos livros a respeito de São Paulo, pois nessa época havia a tuberculose. Então, era uma questão de saúde que era muito grave e que atingia muito a população negra. Então tinha uma situação de carência material muito grande e intelectual, quer dizer é um pouco contraditório que tem uma produção grande de jornais, mas tem uma taxa de analfabetismo na população negra.

Então é um negócio um pouco contraditório porque se produziam tantos jornais, se havia uma população que não lia, mas você tem uma produção de jornal, por que essa produção de jornais de informação pensada para essa população negra. O Aristides até fala lá, que ele ficava muito chateado, que ele ia nos bares

que era onde estava a população negra, entre as pessoas que conseguiam distribuir os jornais, as pessoas compravam os jornais. E depois começavam a dançar e os jornais acabavam lá no chão espalhados, era uma maneira que eles encontraram de mobilizar a população negra de formar e informar, em certa medida, deu certo, por exemplo, a Frente Negra cresceu muito teve uma repercussão nacional grande.

Célia: E tática da FNB deu certo?

Márcio: Essa tática de diálogo, de procurar informar, de procurar fazer o papel que a escola não fazia à época. Essa estratégia de você levar essas informações para uma população carente, uma população que não sabia ler que lia muito pouco, mas que acabou, mobilizando muita gente chegou a ter 50 mil filiados, pelo menos no Brasil inteiro é um negócio que acho que até hoje em dia é difícil eles conseguiram isso numa época de carência material, numa época em que a doença assolava a população negra após a quebra da bolsa de Nova York. A situação econômica também não era das melhores, eles conseguiram fazer muita coisa nessa época, entende? Eu acho que essa questão do patronovismo, realmente é uma questão muito séria a ser discutida.

Célia: Sim, isso porque o Arlindo Veiga se declarava patronovista e monarquista inclusive a primeira palavra que eu encontrei muitas vezes no jornal. Ele queria o retorno da monarquia para o Brasil e aí essas tendências de direita que fez com que o Correia Leite saísse da Frente, essas divergências ideológicas que havia porque o Correia Leite tinha uma outra visão tanto que ele vai produzir o Clarim, posteriormente o Clarim da Alvorada.

Célia: Em 1923.

Célia: Havia essa questão do discurso integral, do integralizar o negro ao projeto de nação brasileiro, eu encontro muito essa palavra no jornal, parece que o desejo era integralizar o negro ao projeto de nação que estava se desenhando, em alguns exemplares de 34, por exemplo, encontrei textos do Plínio Salgado. Você acha que é irrelevante essa questão para a Frente Negra, para o que ela representou naquela década?

Márcio: Partindo do depoimento dos ex-militantes da memória dessas pessoas eu não vejo isso, eu não consegui enxergar isso. Quer dizer inclusive, algumas pessoas já se assumiam como socialistas, como o Correia Leite, por exemplo. Mas o Aristides Barbosa, ele foi sindicalista também, foi um cara de esquerda, entendeu?

Eu acho que se realmente havia essa orientação dentro da Frente Negra no dia a dia da FNB, porque a gente está falando de jornal, a gente está falando o que eles produziram para fora, se havia isso lá dentro da sede, não foi passado para os militantes.

Célia: Era uma questão da cúpula, uma discussão que ficava restrita aos dirigentes da organização?

Márcio: Por que eles não apoiaram abertamente o partido integralista e sim o partido constitucionalista que era um partido de centro? Ela tinha se tornado um partido, inclusive tem a informação, eu acho que até está no meu livro que ela se tornou um partido, em 36, mas não foi, na verdade, foi aprovado o pedido dela, para se tornar partido entre 35, em setembro de 1935, então ela se tornou partido e acabou, junto com o golpe de Getúlio, sendo fechada com os demais partidos. O Francisco Lucrecio fala do desgaste que havia, nessa época, quer dizer, o clima político que acabou desgastando todo mundo, como a questão da intentona comunista, havia muita tensão muita preocupação dos próprios militantes, o próprio Isaltino foi preso, embora ele não fosse mais do corpo diretor da Frente Negra. Mas ele, enfim, o Francisco Lucrecio fala que a questão do desgaste apareceu também, não foi só a questão do Getúlio, tanto que eles tentaram rearticular a Frente Negra, várias outras vezes na década seguinte de 1940, até mais recentemente, na década de 1970. Os ex militantes tentaram rearticular ela, mas já não tinha mais pique, não tinha mais condições de saúde, não tinha mais condições emocionais e psicológicas para fazer isso, então eu fico com essa posição, fico com essa a ideia de que os estatutos, previam a elevação moral, política e social da raça. Eu entendo que era uma questão de integrar.

Célia: Alguns autores que eu li falam que a cópia do estatuto da Frente era tirada do fascismo?

Márcio: E não tenho essa informação.

Márcio: Tiveram várias pessoas que apoiaram o fascismo, depois acabaram mudando ou se afastando da questão política. Eu fico pensando assim: Vinícius de Moraes foi um dos fundadores da ação integralista, na ata da ação integralista consta o nome dele.

Célia: Sim, eu li alguma coisa sobre isso.

Márcio: Luís da Câmara Cascudo, se não me engano, também é um integralista de primeira hora. Tem várias outras pessoas aí, do campo da população

branca que apoiaram os integralistas estavam lá inclusive, na sua fundação e hoje em dia eles não sofrem da mesma crítica. Não sofrem esse massacre que a Frente Negra sofre, ao contrário, são poupados, por quê? Parece que há mais tolerância em relação à população branca, e para a população negra não, era fascista e integralista.

Eu entendo que era uma época, que o nazismo está surgindo, não com essa cara perversa, mas ele vai aparecendo, depois, na década de 30, muita gente de outros campos não tinha essa crítica a Hitler, era algo que as pessoas não sabiam muito bem o que era. O fascismo ainda iria vir e fazer seus estragos.

O Arlindo, por exemplo, ele exalta o Hitler justamente no sentido de que o Hitler privilegiava a raça ariana, raça alemã, então, e o Arlindo fala não, nós brasileiros temos que privilegiar a raça brasileira e não os imigrantes. Era uma resposta a essa política de imigração que houve no Brasil na verdade existia essa ideia de que o Brasil só seria civilizado se tivesse uma maioria de população branca, se não houvesse negros.

Célia: Sim, estou escrevendo sobre a política do embranquecimento.

Marcio: A partir daí podemos relativizar as coisas e tentar pensar como a Frente Negra estava pensando na época, e por quê há menos tolerância, para elementos da população branca que foram integralistas, próprio Monteiro Lobato que hoje em dia é defendido por intelectuais de esquerda, na obra dele tinha esse pensamento racista ele chegou a elogiar o Plínio Salgado, mas é tolerado, depois mudou, se aproximou do Luiz Carlos Prestes. São coisas que a gente precisa ficar atento, porque eu fico pensando que é uma maneira de deslegitimar nossas lutas.

Célia: Eu estou aqui tentando entender para escrever. Estou aqui com a cabeça de hoje tentando entender esse momento que a FNB atuou. Eu como pesquisadora vejo que ela foi o movimento de mobilização da classe negra, do pobre negro. Quando falamos em Arlindo Veiga dos Santos, Isaltino Veiga dos Santos, José Correia Leite, a gente está falando de uma elite intelectual negra, certo? Não estamos falando do trabalhador, do operário, que estava sendo afastado do centro da cidade de São Paulo em decorrência da política modernizante que havia. Tem esse processo de limpeza étnica do centro de São Paulo também. E o fato de a Frente Negra estar ali na avenida Liberdade, tornava-se um espaço de resistência. Era uma resistência a essa política higienista, modernizante, e que tentava afastar os negros, da cidade. Mas uma questão que você abordou que eu

queria retomar. Do porquê o intelectual branco que estava dentro do movimento integralista não é criticado e o negro é, porque eu fiquei pensando assim:

-O fato do Arlindo Veiga, do Isaltino Veiga, frequentar as reuniões da Ação Integralista Brasileira, para entender talvez aquele movimento, também não pode deslegitimar a luta da Frente Negra, pois outros intelectuais faziam, também tentando entender e se situar. Eu vejo a Frente Negra tentando se situar dentro de todas aquelas tendências que estavam surgindo no Brasil. O Voz da Raça é isso, havia jornal dos italianos, havia jornal dos anarquistas, dos comunistas, porque não haveria um jornal dos negros também, veja essa questão da autoafirmação.

Marcio: Eu acho que é um campo de disputas, a ideia era disputar nesse campo da informação com esses outros setores. Vamos disputar com os italianos, com os anarquistas, vamos informar a nossa população segundo o nosso ponto de vista, segundo os nossos interesses de integração de elevar o negro de tirar o negro dessa postura de subserviência, de desemprego eu acho que é um pouco isso mesmo.

Célia: Do analfabetismo....

Marcio: Sim, do alfabetismo. E isso era um negócio louco como você falou, o Arlindo era professor de filosofia.

Célia: Sim, numa época que o negro era analfabeto.

Marcio: Como pode, tem um negro que chega a ser professor de filosofia, eu acho que ele deu aula inclusive na Faculdade São Bento. Eu acho que era a PUC, então, mas, enfim, é uma coisa completamente impensada como se tem um grau tão elevado, num momento de carência material, e ao mesmo tempo, uma classe intelectual, emergente, pensante e que consegue se articular. Ele era professor poderia ter falado não tenho nada a ver com isso aqui sou professor, estou exercendo a minha profissão, essa questão racial, não tem a ver comigo. Mas não, ele se articulou para tentar mobilizar a população negra paulista da época. Eu acho isso incrível, eu acho isso legal, nesse sentido de que eles tão preocupados em tirar a população negra desse estado de anomia de subserviência, de carência, acho fundamental. E isso ter impactado não podemos negar o impacto, por exemplo da escola, e que essa escola cresceu e que recebeu alunos, a maioria negros. Eu acho que é um passo muito grande no sentido de superar o analfabetismo, superar uma educação que não se refletia, e até hoje não reflete completamente as necessidades do negro. Por isso pra mim, essa questão ideológica que se coloca hoje, eu não sei

se teria relevância na época, não consigo ainda enxergar se teria relevância. Mas a gente pode pensar, acho que também não dá para negar, acho que a gente tem que refletir a respeito.

Célia: Você leu os artigos do Arlindo?

Marcio: Eu acho que ele escreve bem, por exemplo, eu acho que deveria ser um cara muito carismático deveria realmente mobilizar as pessoas, encantar as pessoas para o ponto de vista dele, eu acho que ele era um grande orador.

Célia: Havia o Vicente Ferreira que era considerado um dos grandes oradores, que aparece sempre no jornal também.

Marcio: Havia figuras muito interessantes nessa época, por exemplo, o Lino Guedes que era um poeta, que aparece bastante, também nos jornais da imprensa negra, publicava muita coisa lá. No Voz da Raça, também tem os artigos dele, então você tem figuras fascinantes, interessante quando a gente volta e começa a ver essas pessoas assim e descobrir essas coisas. O Isaltino tem um livro, uma peça de teatro publicada é muito rica a produção cultural dessa época.

Célia: Mas tinha na FNB uma questão de criticar o samba, a capoeira e as manifestações culturais negras que estava presente ali no centro de São Paulo e que já sofria uma discriminação da política oficial. Para a FNB o negro tinha que se empenhar na questão do estudo da escola, em aprender algum ofício, não se distrair, havia um preconceito em relação a essas manifestações?

Marcio: Não me atentei tanto a isso, mas é assim, eu acho que isso também vem nessa perspectiva de adquirir os valores vigentes que os fariam subir na hierarquia social, que são os valores das classes dominantes. Eu acho que talvez venha nessa perspectiva, pensando no que o Aristides fala, de que os negros não ficavam no desemprego, que eles ficavam desocupados pelas ruas e a gente pensando na questão da vadiagem, de como o estado encarava isso, de como eles estavam sujeitos à violência policial.

O samba por muito tempo foi discriminado, mas enquanto valores culturais, eu acho que essa perspectiva muda, eu acho que, por exemplo, o Aristides, que eu conheci mais pessoalmente a gente teve uma interação durante muitos anos, mas do que o Francisco Lucrécio que eu entrevistei bastante também, eles falavam da importância do samba na formação da população negra, o Lucrécio escreveu enredo para Nenê da Vila Matilde, escreveu acho que dois ou três enredos para essa escola de samba, então havia essa troca com o pessoal do samba. Talvez, na época da

Frente Negra tivesse realmente essa questão de pensar a questão de violência policial, o negro na rua está sujeito a violência, então pode ser que houvesse essa crítica de a gente tem que estudar, tem que adquirir os valores vigentes. Mas conhecendo-os pessoalmente, eu sei que ele, a militância deles também foi no samba, o Aristides não sei se chegou a escrever enredo, mas eu sei que ele estava sempre presente nas manifestações culturais voltadas para o samba.

Célia: E os saraus que aconteciam eram os saraus literodançantes que eles denominavam no jornal, não era roda de samba, era e declamação de poesia. Todos os membros em trajes social, havia valsa, peças de teatro, então tinha uma organização ali que não era típica da população negra?

Márcio: Eu acho que não era típica dessa população negra que é mais sofrida, mais pobre que estavam em condições ou em situações mais difíceis. Eu estou pensando aqui, que essas manifestações populares eram bem complicadas nessa época, por exemplo, o Luiz Gama foi crítico do futebol no começo da década de vinte e o futebol foi se tornando popular em trinta e a Frente Negra, por exemplo, tinha um time de futebol. E não era tão popular ainda, mas era uma atividade esportiva das classes mais abastadas, o futebol foi elitista, mas na década de 1930, ele já era mais popular, a Frente Negra faz parte desse movimento aí também de popularização.

Mas eles tinham também um bloco que saía no carnaval, acho que é um cordão, exatamente, um cordão, cordão da Frente Negra havia o famoso regional, do qual o Aristides fazia parte, também, então havia algumas manifestações populares, talvez não em relação à capoeira.

Célia: Não lembro de ter visto no jornal nada em relação a religião.

Márcio: também não vejo a referência a essa questão da religiosidade de matriz africana, eu acho que não tem, acho que os depoentes não citam. A religião é católica, as festas católicas eram uma referência, por exemplo a do Tietê. Um casal que entrevistei, mas que a entrevista acabou não saindo, porque a fita ficou quase inaudível, só consegui ouvir poucos trechos, não deu para colocar as entrevistas, eu acho que eles fazem uma referência à festa do Tietê que existe até hoje.

Assim, fala-se da África, mas não da África no Brasil. Não temos uma visão de que precisamos resgatar os valores africanos, vamos resgatar essa afro-brasilidade, fala-se da África como uma coisa que ficou do passado como a origem.

Célia: Não era o desejo de resgatar os valores africanos no Brasil, isso não tinha nem no integralismo, na verdade, a questão do integralismo era valorizar os elementos nacionais, era pensar uma cultura, um Brasil a partir dos elementos que estavam aqui, sem fazer marcação.

Marcio: A ideia era pensar um Brasil miscigenado, era pensar uma política para esse país.

Célia: Estou tentando entender a FNB os negros diante desse processo que estava se constituindo, diante dessas correntes, como você mesmo diz aqui no seu livro:

- Atravessou uma revolução constitucionalista, surgiu no período agitado, viu aparecer movimentos de esquerda, como a intentona comunista, e de direita como integralismo.

Célia: Eles tentavam construir um projeto de nação que valorizava os elementos nacionais que já estavam aqui como o índio e o negro. Por isso que eu faço essa ligação da FNB com o integralismo, pois eu vejo que eles estão tentando integralizar, integrar os elementos nacionais.

Marcio: O monarquismo do Arlindo Veiga dos Santos se baseava em pensar até que ponto a república não atendeu as expectativas da população negra de uma forma igualitária no projeto nacional. Esse monarquismo, essa nostalgia desse tempo anterior, dos reis e rainhas. Na monarquia o negro não estava muito bem a república talvez não tenha atendido as expectativas da população negra, e aí esse monarquismo, talvez seja uma volta mais nostálgica para repensar a questão do negro. Segundo, será que o integralismo também pensou o negro no projeto nacional e será que a esquerda brasileira pensou o negro no projeto nacional nessa época?

Célia: Já lhe falou que não.

Marcio: Como não?

Célia: O negro frequentava as reuniões, mas não assumia nenhuma posição de destaque dentro das organizações comunistas e integralistas. O negro estava lá engrossando as fileiras de ambas as organizações, porém, não participava ativamente da organização, das decisões.

Marcio: A frente negra tem um projeto bem escuro, quer dizer ela focava na população negra, vamos integrar o negro ao projeto nacional vamos elevar a população negra cultural política e economicamente. Direita e esquerda não tinham esse tipo de projeto voltado mais exclusivamente para a população negra.

Célia: Tem um historiador da Universidade Federal do ABC, Ramatiz...

Márcio: Conheço, Ramatiz.

Célia: Então tem um texto dele que ele faz essa análise da frente, dos elementos negros dentro do partido comunista, e é a mesma visão, o negro estava ali presente, mas eles não assumiam nenhuma função.

Márcio: Acho que a frente negra atravessa essa época conflituosa de posições diferentes, mesmo assim, ela consegue manter a neutralidade dentro do projeto racial que ela tem. Porque a frente também, entra nesse projeto racial que estava sendo debatido, concebe a questão negra como uma questão racial. E vem muito na linha de combate as políticas racialistas.

Célia A questão dos ideais modernizantes que a gente verifica dentro da frente negra brasileira, essa forma de organização deles que remete a um mundo branco, o mundo europeu, era uma forma de organização europeia que você vê dentro da frente negra. Inclusive com as imagens que você coloca aqui no seu livro, remete a uma forma de organização europeia e branca. Eu escrevi sobre isso, que é uma forma de estar dentro da sociedade e de rejeitar esses estigmas sociais que foram trazidos pelas políticas racialistas, o cientificismo que estava em voga e que atribuía ao ser negro, os estereótipos de boçal e ser dado a vadiagem.

Márcio: De incapacitado, intelectualmente.

Célia: Que o mestiço era um degenerado.

Márcio: É um combate a essas posições eu acredito, mas eu acho que apesar de tudo, existia esse desejo de adquirir patrimônio cultural de origem europeia, acabavam colocando sua cara que eu acho que isso que acontece com a cultura negra, você falou um pouco de samba rock. Samba rock eu acho que acontece um pouco isso, também, por exemplo, pega uma cultura que é de origem americana e abraçadora e nacionaliza. É o que o Jackson do Pandeiro fala na música dele, vamos estudar a chiclete com banana. É um acolhimento dessa cultura, mas também é uma cara nacional, assim, dá uma cara preta dentro dessas festas da FNB, por exemplo, porque depois é o baile, e isso é uma coisa nossa faz parte da população preta, então essas atividades do Rosas Negras por um por um lado havia essa aquisição de valores europeus, mas por outro essa coisa de você colocar sua própria cara dentro dessas instituições, quer dizer, você adquire o valor europeu mas, por outro lado enfatizava que seus heróis eram Luiz Gama, Zumbi dos Palmares. Eu acho que a

intenção era dá essa cara preta para as atividades. Acho que não dá para a gente desmembrar essas duas vertentes.

Célia: Você viu isso nas entrevistas?

Marcio: Eu senti aquilo que eu te falei, você tem um Francisco Lucrécio que vê essa importância das escolas de samba que escreve enredo para as escolas, falando de questão racial, falando de Zumbi dos Palmares em um dos enredos dele.

Marcio: Eu acho que a frente negra tinha essa capacidade de conversar com as pessoas. Eles eram muito competentes nessa questão de mobilização.

Célia: Marcio, eu vi que no seu livro você não entrevista mulheres. O que aconteceu com a mulheres que eram professoras da FNB. Você não as encontrou?

Marcio: Então, na época como eu falei, não tinha o projeto fazer um livro. O projeto era o bate-papo. Eu e a professora Vera a gente chegava na casa do Aristides Barbosa que morava ali na Nove de Julho, nessa época. A gente chegava lá e ele ia tomar uma cerveja nós íamos conversando com ele. Aí, uma hora nós falamos, vamos gravar essas conversas, são muito ricas a gente começou a gravar. Mas era só com ele.

Nessa época ele disse:

- Tem outras pessoas que vocês podem conversar também. Aí nós fomos até as pessoas indicadas pelo Aristides que eram todos homens. E, enfim, aí a gente foi fazendo esse percurso com algumas pessoas. E aí eu consegui uma entrevista com alguns e infelizmente, a fita que utilizávamos não ficou boa. Na entrevista do Raul Joviano também, tivemos esse problema com a fita. Eu ouvi a fita dele depois que a gente descobriu que não estava boa. A gente até tentou outras conversas com ele, porque a Joviano também foi uma figura proeminente. E aí descobrimos que a fita dele não tinha gravado, depois eu fui procurando outras pessoas. Eu fui pelas essas indicações do Aristides, por exemplo o Correia Leite. O Lucrécio, eu consegui contato com ele através do pessoal do Conselho da Comunidade Negra e realmente não consegui ter acesso a nenhuma mulher.

E depois disso ficou faltando essa visão feminina. Você vê que tinha uma participação feminina muito grande na FNB, do Rosas Negras, havia um departamento feminino também na frente negra. Elas organizavam festas, acho que no Natal, elas realizavam coleta de materiais. Depois que saiu o livro algumas pessoas me falavam, minha mãe está viva, ela fez parte da frente negra também. Entrevistei cinco pessoas o último que aparece é o Placedino Damasceno Mota, ele

é pai de um amigo meu, que é o Ubirajara Mota, um artista plástico e aí ele comentou que havia algumas pessoas vivas, mas essas pessoas faleceram um pouco depois do livro. Então já era tarde, mas eu encerrei meu trabalho aí, meu trabalho era resgatar as histórias e dar um formato de livro para elas. E aí eu não fui atrás, eu não retomei, mas é uma ideia, caso haja mulheres vivas que participaram, retomar.

Célia: Sim, será daquela década de trinta.

Marcio: Eu acho difícil até alguns anos atrás, eu sei que tinha uma ou duas que estavam vivas. Não sei se continuam. Mas eu acho que seria legal, um ponto de vista feminino. Acho que ficou faltando mesmo.

Célia: É, eu já pesquisei também sobre rosas negras, o único que eu achei foi o do Petrônio Domingues.

Marcio: Mas, é um trabalho realmente de garimpo, porque nossas coisas não são muito registradas.

Célia: Difícil encontrar bons registros.

Marcio: Então a gente precisa ter paciência e garimpando e resgatando essas informações.

Célia: Marcio muito bom ter conversado com você. É um tema que eu acho que precisa de muitos estudos. A gente tem que trazer, registrar nossa história, mostrar como foi importante, como fizeram articulações políticas. Buscavam estabelecer contatos com a presidência e com os vários movimentos que havia naquela época. Não queriam ser apagados da história, ser colocados no ostracismo. Então é importante nós relembrarmos esses líderes, independente das articulações que eles faziam.

Marcio: Eu acho legal trazer o ponto de vista deles sem julgamentos.

Célia: Independente da ideologia político partidário que se adotar, sempre haverá julgamentos.

Marcio: Eu acho legal trazer o ponto deles, as pessoas vão julgar. Eu gosto de escrever ficção na ficção você traz a verdade do seu personagem quem lê vai julgar, ou não, às vezes, as pessoas já possuem uma verdade enviesada.

Eu quis trazer essa visão de cada um dos depoentes o que eles tinham sentido, que eles tinham passado. E assim, pensar por que eles foram para frente a negra, principalmente o que motivou eles a militarem, sabe. Eu queria tentar entender um pouco isso.

Célia: E assim, o público militante que estava ali que frequentava os bailes. Eles não tinham conhecimento dessas articulações políticas que estavam sendo feitas.

Márcio: Acho que não.

Márcio: Eu acho que eles viam resultados pensavam que participando da FNB eles poderiam participar da guarda municipal e ter acesso a emprego queriam o resultado imediato das políticas das articulações, que ser membro ter uma carteirinha da frente negra, poderia oferecer.

Célia: Como toda a política, quem vota não quer saber quais articulações serão feitas, querem o resultado, por exemplo, os trabalhadores os estudantes e uma parcela do Nordeste não querem saber com quem o atual presidente vai dialogar com eles querem resultados, pode -se dizer que os membros associados da FNB também?

Márcio: Para quem está lá na ponta, para o cidadão, o que importa é que chegue a água lá onde ele mora que ele tenha a segurança.

Célia: Que ele consiga ir para a escola, para a universidade, o cidadão não vai querer saber se para isso e preciso conversar com o líder da direita no Brasil.

Márcio: Naquela época o cidadão negro que andasse pela rua e tivesse a carteirinha da frente negra não era parado pela polícia, no final de semana esse cidadão poderia ir à casa de Portugal socializar com pessoas que compartilhavam do mesmo pensamento, eles tinham um espaço para compartilhar o pensamento, então acredito que isso era mais importante, era essa a preocupação.

Célia: Eu agradeço sua participação e seus esclarecimentos, Boa noite!